



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Nathália Maria Cohén Pinheiro

Kyikatejê: entre o campo e a Aldeia

BELÉM- PARÁ
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA
E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Nathália Maria Cohén Pinheiro

Kyikatejê: entre o campo e a aldeia

BELÉM- PARÁ

2016

Nathália Maria Cohén Pinheiro

Kyikatejê: entre o campo e a aldeia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Comunicação. Linha de pesquisa: Mídia e Cultura na Amazônia.

Orientador(a): Regina Lúcia Alves de Lima

BELÉM-PARÁ

2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C678k Cohén Pinheiro, Nathália Maria.
Kyikatejê: entre o campo e a aldeia / Nathália Maria Cohén
Pinheiro. — 2016.
119 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Regina Lúcia Alves de Lima
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Belém, 2016.

1. Gavião Kyikatejê . 2. Futebol. 3. Mídia. 4. Discursos.. I.
Título.

CDD 301.14

Nathália Maria Cohén Pinheiro

Kyikatejê: entre o campo e a aldeia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Comunicação. Linha de pesquisa: Mídia e Cultura na Amazônia.

Orientador(a): Regina Lúcia Alves de Lima

RESULTADO: (x) APROVADA () REPROVADA

Data: 30/03/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dr(a) Regina Lúcia Alves de Lima – Orientadora (PPGCOM/UFPA)

Prof(a) Dr(a) Ivânia dos Santos Neves – Avaliadora Interna (PPGCOM/UFPA)

Prof(a) Dr(a) Paulo Fernandes de Carvalho Lopes – Avaliador Externo
(Universidade Federal do Piauí)

BELÉM-PARÁ

2016

Aos meus pais e irmão: Marilda, Antonio e Toninho; pelo amor incondicional. Ao Marcus, por estar sempre ao meu lado nessa trajetória.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar eu agradeço pela vida abençoada que Deus vem me dando e pelas pessoas maravilhosas que ele coloca no meu caminho. Agradecer por uma realização tão especial como é essa dissertação envolve muito mais do que as palavras podem alcançar. É como uma arquibancada lotada comemorando um gol do seu time, na final de um campeonato, um sentimento difícil de ser descrito, porque 90% dele é amor e gratidão.

Aos meus pais e meu irmão, cada dia eu descubro mais de vocês em mim Mãe, eu nunca poderei compensar tanto amor e dedicação, obrigada por me mostrar todos os dias a força de uma mulher e a coragem de uma mãe, desculpa pelas preocupações e obrigada pelas orações e pelas constantes provas de amor. Só sou, porque você é.

Ao meu pai, por enxergar em mim uma princesa real, que pode e deve viver, por ser meu herói e meu velho, por me amar, me ouvir e me proteger. Obrigada por me ensinar a felicidade nas coisas simples da vida.

Ao meu irmão, meu primeiro e eterno companheiro de vida, sempre teremos um ao outro, obrigada por me apoiar e ser meu cúmplice. Obrigada pelos conselhos e exemplos de caráter e também, é tão importante o prazer de ser tia de três crianças iluminadas. Por vocês é o amor maior.

Ao meu marido, ter você como meu parceiro nas batalhas diárias da vida alivia qualquer ferida de luta. Além da paixão, me mostrou os sabores do amor, obrigada pela paciência e compreensão, ter você como meu torcedor já me faz uma vitoriosa. Obrigada por me fazer sorrir todos os dias.

Samuel e Pablo, talvez essa dissertação seja um dos sambas que nossa amizade compôs. Pablo foi a primeira pessoa que despertou meu olhar sobre a questão indígena, mesmo antes de ingressar no mestrado, me contando sobre suas experiências e instigando minha curiosidade. Obrigada pelos sempre proveitosos encontros.

Se o futebol tem hoje essa importância na minha vida, Samuel é o culpado, me apresentou uma das minhas maiores paixões: o Paysandú. Obrigada por seres

esse primo que eu gosto “mais ou menos”, e que eu tenho como companheiro de vida, um grande intérprete.

Agradeço ao Scott, por seu amor inabalável, sempre disposto a um bom chamego.

Isadora e Maria Eduarda, minhas afilhadas, obrigada por encherem meu coração de amor e esperança, mesmo longe vocês me motivam a ser melhor. Desculpa pela minha ausência nesses dois últimos anos.

Agradeço à minha orientadora, mais do que meu respeito e admiração, conquistou minha alma. Adquirir conhecimento ao seu lado já seria uma grande oportunidade, entretanto sua generosidade também abriu as portas da sua casa para uma orientanda dispersa, caída de paraquedas no seu lattes. Obrigada pelas orientações acadêmicas e orientações de vida, serei eternamente grata.

Professora Ivânia Neves, obrigada por cada conversa e ensinamento. Essa dissertação não seria possível sem você. Agradeço também por toda inspiração e paixão que demonstra na sala de aula e na pesquisa, um exemplo a ser seguido. Obrigada por ser essa pessoa “tipo 1”.

Diler e Vivi se tornaram presentes de Deus, foi tão rápido que quando vi já era madrugada, café e pipoca. Nossas muitas gargalhadas e algumas lágrimas fazem parecer que vocês sempre estiveram por aqui. Obrigada por todos os pequenos e grandes detalhes que fizeram toda a diferença nesses dois anos de mestrado e na minha vida. Ainda teremos muitos projetos juntos.

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de analisar os discursos sobre o time de futebol indígena Gavião Kyikatejê que circulam nos produtos audiovisuais. Nosso corpus de análise engloba matérias veiculadas nos programas SporTV Repórter, A Liga, Esporte Espetacular, Esporte Tv Repórter e uma matéria do site da Uol. Verificamos nestas produções que elas atualizam discursos coloniais sobre as sociedades indígenas. O sujeito indígena parado no tempo, vivendo em uma aldeia distante, sem conhecimento das técnicas utilizadas no futebol e fazendo uso apenas da força física e não intelectual no momento do jogo de futebol são algumas das recorrências presentes nesses vídeos, os quais falam sobre o time de futebol indígena Gavião Kyikatejê. Para esta pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a análise do discurso francesa. Os conceitos norteadores da análise são os propostos Michel Foucault (2013), na qual identificamos as recorrências e dispersões e as redes de memórias que compõem nossa materialidade.

Palavras-chave: Gavião Kyikatejê; Futebol; Mídia; Discursos.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the discourse on the Indian football team Gavião Kyikatêjê circulating in audiovisual products. Our analysis corpus includes articles published in SporTV Reporter, The League, Spectacular Sport, Sport Tv Reporter is a matter of the UOL website. These productions update a colonial discourse on indigenous societies. The Indian subject stopped in time, living in a remote village without knowledge of techniques used in football and making use only of physical strength and not intellectual strength at the football game are some of recurrences present in these videos that talk about the football indian tema Gaviões Kyikatêjê. For this research, we appropriate the archaeological method proposed by Michel Foucault (2013) to analyze the recurrences and dispersions and memories networks that composes the selected materialities.

Keywords: Gavião Kyikatejê; Soccer; Media; Speeches.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 Torcedores do Botafogo-RJ chamando o Paysandú de “time de índio”	18
Imagem 02 Montagem mostra artilheiro do Paysandu vestido de indígena	19
Imagem 03 Torcedora do Paysandu	20
Imagem 04 Jogador indígena Aru comemorando o gol	36
Imagem 05 Menina indígena prepara seu arco e flecha no filme Tainá	36
Imagem 06 Aldeia Kyikatejê vista por satélite no site do Google	74
Imagem 07 Caricatura satiriza um período de seca em Brasília	82
Imagem 08 Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê	84
Imagem 09 Zeca Gavião em São Paulo em frente ao MASP	84
Imagem 10 Zeca Gavião em São Paulo durante o curso de técnico de futebol	85
Imagem 11 Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê entrevista SporTV Repórter durante o dia.	86
Imagem 12 Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê entrevista SporTV Repórter durante a noite	86
Imagem 13 Zeca Gavião na chegada de Thaíde na Aldeia Kyikatejê	87
Imagem 14 Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê antes do treinamento de corrida de Tora	87
Imagem 15 Jogador Aru comemorando Gol	88
Imagem 16 Jogador Aru na hora do hino antes do jogo	88
Imagem 17 Imagem do indígena na abertura da matéria, na aldeia Kyikatejê	90
Imagem 18 Imagem do indígena Prekruti cantando	90
Imagem 19 Imagem banco de imagens do google na busca por “quilombolas”	91
Imagem 20 Imagem banco de imagens do google na busca por “seringueiros”	92
Imagem 21 Imagem clipe da xuxa “Brincar de índio”	92
Imagem 22 Clipe DóReMilá “O indozinho”	93

Imagem 23 Clipe Bob “Indiozinhos”	93
Imagem 24 Indígenas dançando em ritual na aldeia Kyikatejê	94
Imagem 25 Close dos pés de indígenas dançando em ritual na Aldeia Kyikatejê	94
Imagem 26 Cidade de São Paulo	96
Imagem 27 Aldeia Kyikatejê	96
Imagem 28 Close do jogador indígena	100
Imagem 29 Rostos dos jogadores indígenas	100
Imagem 30 Mapa da aldeia Kyikatejê	101
Imagem 31 Mapa compara o tamanho da reserva indígena com campos de futebol	101
Imagem 32 Imagem interna de casa na Aldeia Kyikatejê	103
Imagem 33 Outra casa Kyikatejê	103
Imagem 34 Imagem interna da escola Kyikatejê	104
Imagem 35 Desenho do índiozinho caçador da turma do Pica-Pau	108
Imagem 36 Imagem do indígena Prekruti	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – NOSSO PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO	14
1.1 DA ESCOLHA DO OBJETO	14
1.2 CORPUS	20
1.3 MÉTODOS	24
1.3.1 MÉTODO BIBLIOGRÁFICO	24
1.3.2 O MÉTODO DA ANÁLISE DO DISCURSO	26
1.4 DA TEORIA E DOS CONCEITOS	31
1.4.1 INTERICONICIDADE	34
CAPÍTULO 2 – TEXTOS E CONTEXTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS QUE BALIZAM A NOSSA PESQUISA	37
2.1 UM PANO DE FUNDO DA HISTÓRIA DO FUTEBOL	37
2.2 DO FUTEBOL (INDÍGENA) COMO OBJETO DE PESQUISA	62
CAPÍTULO 3 – GAVIÃO KYIKATEJÊ: UM TIME CONSTRUÍDO ENTRE RECORRÊNCIAS E DISPERSÕES	73
3.1 GAVIÃO KYIKATEJÊ PARA ALÉM DA BOLA	74
3.2 APRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EXÓTICO	80
3.3 ENTRE IMAGENS	89
3.4 A ALDEIA COMO UM LUGAR DISTANTE E CALMO	95
3.5 TREINAMENTO INDÍGENA: FORÇA VS TÉCNICA	106
CONCLUSÃO	114
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, os discursos sobre as sociedades indígenas que circulam na mídia são atrelados a polêmicas como a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e seus impactos ambientais e sociais; ou as coberturas sobre diversos conflitos de terra que acontecem entre indígenas e ruralistas; ou ainda cenas grotescas de violência, como o caso recente do assassinato da criança indígena Kaigang em uma rodoviária de Santa Catarina. Discursos que enfatizam, geralmente, os indígenas no lugar da discórdia e do perigo, sendo eles alvo ou fonte das mazelas.

Mas, existem também outros enunciados que caracterizam dispersões nas maneiras de construir discursos sobre os indígenas em conteúdos midiáticos. Casos como os de alguns conteúdos audiovisuais que focam, por exemplo, em práticas culturais consideradas positivas, como o jogo de futebol. Tais enunciados dão relevo às benesses que a prática do futebol traz às populações indígenas. Entretanto, mesmo em sua dispersão, eles configuram também regularidades quanto às suas regras de formação: ainda aí, como nos discursos de cunho polêmico e negativo pontuados acima, os indígenas são apresentados como primitivos, parados no tempo, sem tecnologia ou mesmo civilidade.

Neste trabalho, analisamos um conjunto de enunciados específicos: são 12 produtos audiovisuais midiáticos veiculados na Televisão e em Portais de Notícia brasileiros na internet. Nessas materialidades, vemos discursos sobre a prática do futebol na sociedade indígena Kyikatejê, sendo o objeto desses discursos, mais especificamente, o time indígena de futebol Gavião Kyikatejê.

O Gavião é o primeiro time indígena de futebol a ganhar visibilidade no contexto midiático nacional, isso por conta de ter entrado na primeira divisão do futebol paraense, considerada a elite futebolística no Pará. O time chegou à divisão em 2014, tendo sido o campeão da 2ª divisão do Campeonato Paraense em 2013. Desde então foi objeto dessas diversas matérias que exploravam questões próprias aos jogos de futebol – coberturas dos jogos disputados pelo time –, mas também curiosidades sobre a vida dos jogadores, como as práticas de treino e mesmo as experiências culturais cotidianas da etnia Kyikatejê.

É na maneira de explorar essas temáticas em cada uma dessas 12 matérias que se constituem os discursos sobre o futebol praticado pelos indígenas e que se constituem, conseqüentemente, formas de subjetivação dos sujeitos indígenas e formas de objetivação da prática do futebol. Nossa análise incidirá sobre esses pontos, buscando compreender como se configuram os discursos sobre a prática do futebol por indígenas em materialidades audiovisuais midiáticas.

Assim, o problema de nossa pesquisa é: *quais as regras de formação dos discursos que circulam em conteúdos audiovisuais midiáticos brasileiros sobre o time indígena de futebol Gavião Kyikatejê?*

Como objetivo geral, temos: *Analisar as regras de formação dos discursos que circulam sobre o time indígena de futebol Gavião Kyikatejê em conteúdos audiovisuais midiáticos brasileiros.*

Como objetivos específicos para a realização de nosso objetivo geral, consideramos:

- *Identificar os discursos que circulam nos conteúdos que compõem nosso corpus sobre o time indígena de futebol;*
- *Analisar as recorrências e dispersões na formação desses discursos;*
- *Descrever as redes de memória discursivas a que tais discursos se filiam;*
- *Perscrutar as condições de possibilidades históricas que contribuem para o acontecimento desses discursos.*

A nossa análise se baseia nos métodos bibliográficos e análise do discurso, acionando conceitos propostos pelo filósofo francês Michel Foucault ao discutir o método arqueológico (FOUCAULT, 2014), dentre eles, os conceitos de regularidades e dispersões; acontecimentos discursivos; condições de possibilidades históricas; e redes de memória. Também utilizamos a ideia de intericonicidade cunhada pelo francês Jean-Jacques Courtine (2013) a partir dos escritos foucaultianos. A intericonicidade é um método específico para a análise dos discursos imagéticos e postula que as imagens que circulam em nossa sociedade estão inseridas em redes de memórias imagéticas formando histórias de uma determinada sociedade.

Assim, buscaremos, nas materialidades que compõem nosso corpus, investigar quais as regularidades e dispersões na maneira como elas discursivizam o time Gavião Kyikatejê, dando relevância às condições de possibilidades históricas que concorrem

para a emergência desses discursos, por um lado, e também às redes de memória discursivas, as quais atravessam o aparecimento dessas materialidades em nossa sociedade.

O trabalho é composto por três capítulos. No primeiro apresentamos os parâmetros teóricos e metodológicos que embasam nossa análise. Falamos sobre a motivação inicial para a escolha de nosso objeto, apresentamos também mais profundamente o método bibliográfico e da análise do discurso, assim como os conceitos de Michel Foucault, regularidades, dispersões e redes de memória.

No segundo capítulo faremos um breve percurso histórico sobre o futebol. Tal percurso serve como plano de fundo para observar os diferentes espaços discursivos do/sobre futebol no Brasil e no Pará, para contextualizar o aparecimento dos discursos sobre o Gavião Kyikatejê a partir do contexto social e cultural que circunda, de forma mais ampla, a prática do futebol. Também fazemos apontamentos sobre a discursivização dos povos indígenas e sobre a relação entre os discursos e a mídia.

No terceiro capítulo apresentamos nossa análise. A partir das categorias analíticas disponibilizadas pelos conceitos foucaultianos, escrutinamos os 12 programas que compõem o nosso corpus a fim de perceber quais as práticas discursivas que incidem no aparecimento do Gavião Kyikatejê em conteúdos audiovisuais midiáticos.

CAPÍTULO 1 – NOSSO PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Neste capítulo abordamos os procedimentos teóricos e metodológicos que conduzem o desenvolvimento de nossa pesquisa. Num primeiro momento, centramos nossa atenção nos aspectos metodológicos, tratando da escolha do objeto, do corpus do trabalho, composto por 12 conteúdos audiovisuais midiáticos veiculados em Portais de Notícias e na Televisão Brasileira. O corpus é formado por materialidades heterogêneas, porém, em comum, tratam regularmente de questões esportivas. Na seção, expomos as informações pertinentes sobre os conteúdos audiovisuais analisados.

Em seguida, falaremos sobre os conceitos, os quais nos ajudaram a operacionalizar a análise. Começamos com um breve panorama dos estudos do método da análise do discurso na vertente francesa, em seguida veremos os preceitos básicos da arqueologia preconizados por Michel Foucault e que atuam como balizas da análise proposta. Também discutimos os pressupostos sobre a intericonicidade, cunhados pelo francês Jean-Jacques Courtine a partir, também, da obra foucaultiana.

1.1 DA ESCOLHA DO OBJETO

O futebol sempre esteve presente na nossa história, seja nas lembranças de infância – a capa do vinil do Corinthians, time pelo qual torciam pai e padrinho – mas também pelas lembranças da família reunida na sala de casa, torcendo pela Seleção Brasileira nas Copas do Mundo, em especial a de 1994, quando o Brasil foi Tetracampeão com a inesquecível dupla Bebeto e Romário. Remexendo nas memórias, as lembranças seguem e passam pelo colégio, por aqueles colegas de sala que adoravam batucar na cadeira as músicas da torcida dos seus times, e as infinitas brincadeiras ainda hoje presentes sobre a grande rivalidade dos times de futebol do Pará: Paysandú e Remo.

Nesse aspecto, apesar da importância dos clubes de futebol na cultura paraense, a escolha de um clube da “terra” só veio na juventude. Uma escolha, no entanto, cheia de importância: o Paysandú tornou-se parte de minha vida, uma relação racional e emocional que se coloca em todas as horas e lugares. Mas, academicamente, a história é outra: orientadora e orientanda se dividem na arquibancada. Eu, sempre Paysandú, e ela Tuna.

As formas de viver o futebol são diversas. Mesmo com todo o sistema econômico milionário envolvendo o esporte, ele ainda possui uma certa aura de “simplicidade” ou

“facilidade”, a qual permite sua prática em diferentes lugares e estruturas, desde que não falte uma bola – não em sua estrutura conhecida, mas em sua função exercida.

Se a bola é o objeto principal, os sujeitos são os atores imprescindíveis para o jogo: jogadores, técnicos, juizes, gandulas... e nós os torcedores, todos eles, juntos, é que fazem o futebol. No Brasil, os discursos sobre o futebol constroem um processo complexo, que atravessa a vida de vários torcedores e não torcedores, desde a hora do recreio no colégio até uma final de Copa do Mundo.

O esporte instituiu-se numa intrínseca relação com a sociedade brasileira e transformou-se junto com ela. De um esporte de brancos/elite para esporte popular, transformou-se em símbolo nacional, representante de uma nação e forma de “soberania” sobre outros países. Para além de uma modalidade, tornou-se importante expressão cultural, imagem cristalizada para referir-se ao Brasil.

Conforme o futebol estabelecia vínculos na sociedade, reafirmava essa relação com as diferentes mídias, da imprensa à virtual. Uma das formas de perceber essa complexa relação dos brasileiros com o futebol é por meio dos clubes profissionais. Para qualquer torcedor apaixonado por seu time, pensar o esporte o remeterá, inicialmente, ao clube do coração. No nosso caso, o Paysandú. Foi por meio dessa relação com o clube que começamos a observar como os discursos sobre o futebol emergem de diversos modos na mídia.

No estado do Pará o futebol está presente no cotidiano de várias pessoas e em várias cidades. Além dos mais antigos clubes profissionais da capital Belém, outras cidades possuem times de tradição: Marabá, Cametá, Tucuruí, Cuiarana ... e Santarém. No ano de 2016, a “pérola do Tapajós” foi a cidade com mais clubes participando do Campeonato Paraense, os santarenos: São Francisco, São Raimundo e Tapajós.

Mesmo nas cidades paraenses que não possuem clubes profissionais é possível encontrar torcedores dos times da capital ou das cidades próximas, ou ainda de clubes de expressão nacional, como: Flamengo e Corinthians. Esses são times com mais visibilidade midiática, pois regularmente tem suas partidas transmitidas nas emissoras de canal aberto, de modo que estão inscritos no cotidiano das cidades e das pessoas muito além dos limites geográficos de seus estados de origem.

Na cidade de Belém é comum encontrar manifestações de futebol, principalmente envolvendo a torcida dos dois maiores times da cidade: Paysandú e Remo. Torcedores

com camisas dos times, bonés e bandeiras circulam pelas ruas da cidade a todo momento e há, até mesmo, casas inteiras pintadas com as cores que representam o “time do coração”. Os símbolos desses dois times são visíveis em lugares públicos e privados; são também os possuidores de maior visibilidade midiática local e nacional. No início de uma conversa sobre futebol na capital, provavelmente atrela-se à pergunta: Remo ou Paysandú? Ao que segue uma longa discussão sobre qual time é o melhor e tem mais títulos, ou ainda qual a melhor torcida, fato que se dá diante da grande rivalidade desses times, cenário independente dos dias de jogo.

Os discursos sobre o futebol na sociedade não se restringem aos times regionais, no entanto. Em Belém, por exemplo, é comum ver bares lotados com torcedores assistindo a jogos de campeonatos de outros estados e até de outros países, Gastaldo (2005) escreve que o interesse pelo futebol encontra-se dividido em torno da regionalidade decorrente da torcida de diferentes clubes e o interesse nacional. Observando as redes sociais, mais especificamente o *Facebook*, por meio de integrantes de grupos das torcidas do Paysandú e do Remo, percebemos no Pará um grande número de torcedores, os quais, para além de defenderem os times regionais, também se identificam com outros nacionais e internacionais, por exemplo, Barcelona e Real Madrid, ambos da Espanha.

O torcedor de futebol às vezes tem um só time, às vezes vários, mas notamos sentimentos de pertencimento, união, partilha para além das torcidas organizadas - quando acontece o encontro de dois torcedores existe um sentimento de reconhecimento/identificação. Acreditamos que quando um sujeito, ao estabelecer vínculo com um clube, se apropria de diferentes maneiras do esporte no seu cotidiano, diferentes formas de interagir por meio do esporte em sociedade.

Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida. Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como ‘nação’, ressaltando este sentimento de ‘comunidade reunida’ em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado. (GASTALDO, 2005, p. 3).

Essas características do esporte começaram a ser percebidas durante a disciplina de Teorias da Comunicação, ministrada pela professora Maria Ataíde Malcher, quando

passamos a observar a possibilidade do futebol como dinâmica comunicacional, tendo em vista a diversidade de formas de o sujeito se relacionar com o esporte. Neste trabalho, buscamos dar relevo à forma como as mídias, nesse processo, abrem múltiplas opções para pensarmos sobre as relações entre a sociedade brasileira e o futebol.

Pensamos essa relação principalmente porque, acreditamos, o vasto campo do futebol e suas “redes interativas” no Brasil fornecem a chance de identificar as recorrências e dispersões dos inúmeros discursos que compõem redes de memória sobre o esporte no país. Esses discursos estão dispersos na sociedade brasileira e materializam-se, também, nos conteúdos audiovisuais midiáticos. Conteúdos que dão suporte para observar os discursos que emergem, circulam e são silenciados na sociedade brasileira e suas variações regionais. Essas foram as características as quais nos fizeram escolher o futebol como o condutor da nossa análise sobre os discursos midiáticos.

Logo nas pesquisas iniciais sobre o esporte, nos deparamos com a informação de que o primeiro time de futebol profissional indígena brasileiro surgiu no Pará, o Gavião Kyikatejê. A informação nos seguiu durante a trajetória do mestrado e era sempre lembrada pela professora Ivânia Neves, principalmente nos encontros do Grupo de Pesquisa Gedai, o qual integramos desde a entrada no mestrado, contexto que despertou nosso interesse pelas questões indígenas.

Um dos primeiros exercícios em que tentamos aproximar nossa preocupação com os discursos midiáticos sobre o futebol e a questão indígena no Brasil aparece no trabalho apresentado, em Março de 2015, no XIV Congresso Ibercom. O artigo, intitulado “De olho na telinha: a Copa do Mundo de 2014 e as sociedades indígenas”, analisamos as condições de possibilidades históricas que redundam na emergência de discursos sobre o futebol praticado por indígenas na mídia televisiva brasileira. Dentre as materialidades analisadas, há uma matéria sobre o Gavião Kyikatejê. Ao analisá-la, notamos as diferenças entre a abordagem da mídia local e nacional sobre o clube. Daí surgiu nosso questionamento sobre a construção dos discursos sobre o indígena no futebol.

É importante citar um episódio ocorrido com o time do Paysandú, apesar de não fazer parte do corpus da dissertação, fez emergir o discurso sobre a representação indígena no futebol e a sociedade paraense. Esse acontecimento auxiliou-nos na

construção dos questionamentos sobre o nosso objeto e é, também, explicativo da escolha pelo clube indígena Gavião Kyikatejê:

No dia 20/08/2015, o Paysandu jogou contra o Fluminense, clube do Rio de Janeiro, pela Copa do Brasil 2015; após o jogo, iniciou-se uma movimentação viral no Facebook, entre os paraenses, com característica de denúncia. Circulavam prints de comentários de supostos torcedores do Fluminense com ofensas ao Paysandú e aos paraenses. Esse episódio fez emergir discursos em torno da representação indígena na sociedade paraense em diferentes mídias, resultando em múltiplas manifestações dos paraenses sobre a representação indígena. Entre as manifestações em resposta aos supostos insultos, vários torcedores do Paysandú foram caracterizados de indígenas para o segundo jogo da disputa, 26/08/2015.

Imagem 01 – Publicações no facebook de torcedores do Botafogo-RJ chamando o Paysandú de “time de índio”.



(Fonte: <http://www.diarioonline.com.br>)

Nesses “prints” apenas um comentário está claramente utilizando termos pejorativos: nele, e a cidade de Belém é inferiorizada pela utilização de termos ofensivos e pejorativos como “índio e preto não são humanos, são animais, merecem se fuder”, ou “Belém do Pará não é uma cidade, para nós é um chiqueiro fedido”. É interessante perceber que mesmo que os outros dois comentários não apresentem, diretamente, termos pejorativos, eles atualizam uma rede de memórias sobre os indígenas que é muito

semelhante àquela do comentário ofensivo: o indígena é colocado no lugar da inferioridade, da barbárie, da falta de civilização, lugar, sempre, do Outro.

Isso nos remete, também, a uma conhecida história belenense: quando, em 1987, a Banda Legião Urbana fez um show na cidade e o vocalista da banda, Renato Russo falou: “a próxima música é para vocês... índios” e jogaram uma sandália nele. Então, por que é uma ofensa ser chamado de índio? Quais imagens são acionadas em nossas redes de memória que ligam a palavra índio a significados pejorativos?

Retomando o episódio do Paysandú, o clube recebeu mensagens de apoio inclusive de torcedores de times rivais e os discursos de resposta da torcida e da diretoria foi de reafirmar essa identidade indígena. Nas mensagens das redes sociais o discurso predominante era “somos índios com orgulho”, tanto que no dia do jogo de volta, no estádio Mangueirão, centenas de torcedores usaram cocar, penas, tangas e adereços indígenas.

Imagem 02 – Montagem mostra artilheiro do Paysandu vestido de indígena



(Fonte: Facebook do Paysandu)

Imagem 03 – Torcedora do Paysandu



(Foto: Cezar Magalhães, DOL)

Entretanto, mesmo a postura dos torcedores e da diretoria em assumir essa “herança” indígena de modo positivo, isso se dá por meio de um discurso que reforça estereótipos sobre essas sociedades. As duas narrativas, do Paysandú e da banda Legião Urbana, nos mostram como os discursos sobre os indígenas carregam significados sobre a maneira de pensar de uma sociedade, construindo esses sujeitos visto como um outro, ou melhor, como um não-nós. A nossa escolha por estudar os discursos sobre um clube de futebol indígena na mídia parte, justamente, desse interesse de perceber como, nesse esporte contemporâneo de grande relevância midiática e intrínseca relação com a cultura brasileira, se constroem e circulam discursos sobre as sociedades indígenas.

Discursos que, constantemente, atualizam uma memória que toma os indígenas como pessoas exóticas, que vivem em um lugar muito distante, perigoso e de difícil acesso. Sujeitos alheios às práticas culturais de um ambiente urbano. Estes discursos também estão presentes em produtos audiovisuais, ao tematizarem as relações entre o futebol e os povos indígenas, como buscamos apontar no decorrer deste trabalho.

1.2. CORPUS

Nossas materialidades de análise compreendem matérias produzidas no contexto dos programas Esporte Espetacular (2001), no Site do UOL (2001), no SporTV

Repórter (2014) e A liga (2014). Olharemos para essas quatro matérias como mais significativas para a análise. Todas tiveram como tema principal o clube Gavião Kyikatejê: são elas “Futebol de índio” apresentada pelo programa Esporte Espetacular, exibida em 30/10/2011; “Time indígena quer Carajás para chegar à elite do futebol”, postada no site UOL, em 07/12/2011; “Futebol Kyikatejê” matéria do programa SporTV Repórter, exibida em 30/03/2011 e “Futebol dos índios” apresentada pelo programa A liga, da rede Bandeirantes, que foi ao ar no dia 29/03/2014.

Essas quatro principais materialidades foram escolhidas dentro de um quadro composto por 12 produtos audiovisuais publicados e exibidos no período entre 2009, ano da entrada do Gavião Kyikatejê na segunda divisão do campeonato paraense de futebol; e 2014, quando o clube chegou à primeira divisão do campeonato.

Quadro 01 – Vídeos Gavião Kyikatejê

<p>1- Programa: Esporte Espetacular Título: Futebol de Índio</p>	<p>Exibição: 30/10/2011 Emissora: TV GLOBO Link: https://www.youtube.com/watch?v=Q3hrGNc4QIU</p>
<p>2- SITE UOL Título: Time indígena vai jogar o Campeonato Paraense em 2014</p>	<p>Exibição: Publicado em 07/12/2011 Emissora: Uol Link: http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/time-indigena-quer-cara-jas-para-chegar-a-elite-do-futebol-0402CD183470CC992326?types=</p>
<p>3- Programa: SporTV Repórter Título: Futebol Kyikatejê</p>	<p>Exibição: 30/03/2014 Emissora: SPORTV Link: http://globosatplay.globo.com/sportv/v/3256072/</p>
<p>4- Programa: A Liga Título: Futebol dos índios</p>	<p>Exibição: 24/04/2014 Emissora: Bandeirantes Link: http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/2015/episodio/100000679663/15015079/parte-1-a-liga-tem-recepcao-tensa-na-tribo-e-e-levad-o-ao-cacique.html</p>

<p>5- Programa: Jogo Aberto</p> <p>Título: Time indígena vai estreiar na elite do campeonato paraense</p>	<p>Exibição: 03/01/2014</p> <p>Emissora: BAND SPORTES (Site UOL)</p> <p>Link: http://mais.uol.com.br/view/hpekq03k3r08/time-indigena-vai-estrear-na-elite-do-campeonato-paraense-04020C1B3864C4C14326?types=&</p>
<p>6- Programa: Esporte Espetacular</p> <p>Título: Primeiro Time Indígena Brasileiro Chega Até A Primeira Divisão Do Futebol Paraense</p>	<p>Exibição: 24/03/2014</p> <p>Emissora: TV Globo</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=uaeFjy1licY</p>
<p>7- Programa: Globo Esporte Pará</p> <p>Título: Gavião 2011</p>	<p>Exibição: 20/08/2011</p> <p>Emissora: TV Globo</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=pILMTtxXOHU</p>
<p>8 - Programa: Globo Esporte Pará</p> <p>Título: Futebol indígena</p>	<p>Exibição: 18/01/2014</p> <p>Emissora: Tv Globo</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=-mdORN2Wpyg</p>
<p>9 - Programa: Globo Esporte Pará</p> <p>Título: Em ritmo indígena, Gavião se prepara para estreia no Parazão</p>	<p>Exibição: 09/01/2014</p> <p>Emissora: TV Liberal</p> <p>Link: http://globotv.globo.com/rede-liberal-pa/globo-esporte-pa/v/em-ritmo-indigena-gaviao-se-prepara-para-estreia-no-parazao/3067705/</p>
<p>10- Programa: Tv ABCD WebTV</p> <p>Título: Índios montam time de futebol com</p>	<p>Exibição: Publicado em 5/02/2014</p> <p>Emissora: Youtube</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=-5u3pM4tuOY</p>

dinheiro de aluguel de reserva	
11- Programa: Gavião Kyikatejê Futebol Clube: O documentário Título: Gavião Kyikatejê Futebol Clube: O documentário	Exibição: Publicado em 1/12/2013 Emissora: Youtube Link: https://www.youtube.com/watch?v=0msDj_7dt-k
12 – Programa: Esporte Espetacular: Futebol na Floresta	Exibição: Publicado em 1/09/2010 Emissora: Youtube

Na seleção dos vídeos consideramos aqueles com matérias em que a Aldeia estivesse presente, assim os produtos audiovisuais que apenas apresentavam resultados de jogos não foram considerados. Os quatro produtos audiovisuais selecionados foram apresentados em emissoras televisivas de canal aberto, canal fechado e também na internet. Veremos agora as descrições das principais materialidades.

O Esporte Espetacular pertence a grade de programação da TV Globo, um dos programas mais antigos em exibição da televisão brasileira, no ar desde oito de dezembro de 1973. Segundo a descrição do programa, em seu site, “além de transmitir partidas e campeonatos ao vivo, o programa semanal apresenta os destaques do mundo esportivo, entrevistas e reportagens especiais”. O programa é exibido aos domingos, às 9:30h.

O Universo Online (UOL) é uma empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de Internet do conglomerado Grupo Folha. Em seu site, o UOL afirma ser “pioneiro na produção de conteúdo noticioso na internet brasileira, com qualidade e credibilidade reconhecidos pelo público e pelo mercado. Além da produção própria, resultado do trabalho de mais de 200 profissionais de imprensa, o UOL tem uma rede de mais de 400 parceiros, entre os quais estão a Folha de S.Paulo, Band, Discovery, ESPN, RedeTV e Jovem Pan”.

O SporTV Repórter é um programa do canal brasileiro por assinatura, do grupo Globo. Apresentado semanalmente, transmitido na madrugada de domingo para segunda às 00:30, define-se como um programa de “histórias curiosas e interessantes de apaixonados por esporte”.

O programa A Liga pertence à grade de programação da Rede Bandeirantes, uma rede de televisão comercial brasileira. O programa é exibido nas terças-feiras às 23h, e se descreve, no site da emissora, como: “um programa que mostra a realidade de uma forma nunca vista na televisão”.

Nestes programas, tomados aqui como enunciados, procuramos identificar como as regularidades e dispersões (FOUCAULT, 2013) na forma como eles discursivizam o futebol praticado por indígenas, além de perceber, também, como eles atualizam e ativam as redes de memória sobre os povos indígenas. Na nossa análise, a presença indígena é observada por meio da representação do indígena no futebol.

1.3. MÉTODOS

1.3.1 O MÉTODO BIBLIOGRÁFICO

O método refere-se à pesquisa bibliográfica e pode ser visto como uma etapa inicial e fundamental para o desenvolvimento de uma investigação acadêmica. O método possibilita o contato com os conceitos e teorias pelos quais os objetos estudados já foram observados. Regina Stumpf (2010, p. 50) explica:

Pesquisa bibliográfica, num sentido mais amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento de autores, acrescido as suas próprias ideias e opiniões. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na elaboração de um trabalho acadêmico. Por vezes, trata-se de uma única técnica utilizada em um trabalho acadêmico, como na apresentação de um trabalho no final da disciplina, mas pode também ser a etapa fundamental e primeira de uma pesquisa que utiliza dados empíricos, quando seu produto recebe a denominação de Referencial Teórico, Revisão de Literatura ou similar.

Podemos colocar a pesquisa bibliográfica como um método contemporâneo, o qual destaca o registro, a escrita, os documentos. A ideia dessa pesquisa diz respeito a toda bibliografia publicada sobre determinado tema, uma ideia meio utópica, principalmente se pensarmos o tempo de um mestrado.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS, 2010, p. 166).

A pesquisa bibliográfica é inesgotável no contexto tecnológico atual e isso a torna ainda mais instigante e necessária para a academia, pois sempre aponta novos caminhos e descobertas, embasando o desenvolvimento de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento. Nesta dissertação, o método bibliográfico nos acompanha desde a elaboração do primeiro projeto e, aliado às disciplinas cursadas no PPGCOM- UFPA, nos direcionou durante todo o processo de pesquisa: a escolha do objeto, nossos questionamentos principais, ao corpus e a nossa perspectiva teórica e metodológica, sendo assim, possibilitou a percepção sobre o futebol, o indígena e a própria comunicação.

No início tornou-se uma grata surpresa, pois, ao pesquisar sobre o futebol, notamos o quanto o esporte vem ganhando espaço no campo acadêmico desde o século XX. No segundo capítulo, utilizamos o método bibliográfico ao apresentarmos as correntes de pesquisa que abordam o futebol no campo da comunicação. Ainda apresentamos as dissertações e teses relacionadas ao esporte tendo como foco o estado do Pará; e também os trabalhos sobre populações indígenas defendidos por participantes do Grupo de Pesquisa GEDAI, que nos ajudam a pensar a representação indígena na mídia.

1.3.2 O MÉTODO DA ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso teve sua instituição como campo de pesquisa na década de 60, mais precisamente no ano de 1969 e muito por conta da publicação do livro *Análise Automática do Discurso*, do filósofo francês Michel Pêcheux (MALDIDIER, 2010). Tal publicação é considerada como uma das pedras angulares que dão início ao que ficou conhecido como AD de Linha Francesa.

Como aponta Gregolin (2006), o próprio Pêcheux divide a história da análise do discurso em três etapas, que compreendem as transformações no seu pensamento até o momento de sua morte, em 1983. Desde a publicação da obra “*Análise Automática do Discurso*”, já é possível ver o estabelecimento de uma perspectiva epistemológica que instaura o discurso no interior da relação entre a língua e a história por meio da ideologia.

A “primeira época” inicia-se com o livro supracitado, no qual Pêcheux propõe pensar a língua observando sua sistematicidade e caráter social, tendo como base os processos discursivos, relacionando-os com as questões do sujeito e da história. O autor questiona a necessidade de uma análise do discurso organizada em outros quadros teóricos e novos objetos, por meio de uma proposta teórico-metodológica baseada no estruturalismo harrisiano “propõe pensar a ‘análise automática’, por meio da qual busca-se colocar em evidência traços do processo discursivo, a fim de determinar os enunciados de base produzidos pela ‘máquina discursiva’” (GREGOLIN 2006, p.62).

A “segunda época”, que compreende os escritos de Michel Pêcheux entre os anos de 1975 e 1979, é “quando se inicia o movimento em direção à heterogeneidade, ao Outro, a problematização metodológica” (GREGOLIN 2006, p. 62). É no livro publicado em 1975, *Les Vérités de la Palice* (traduzido no Brasil como *Semântica e Discurso*), que Pêcheux propõe uma teoria materialista do discurso, embasada nas reflexões marxistas e althusserianas, pensando a língua como a base para os processos discursivos, porém todo processo discursivo insere-se numa relação ideológica.

Reafirmando sua vinculação com as propostas althusserianas, Pêcheux retoma a tese da interpelação ideológica, acentuando, mais claramente, o caráter contraditório, desigual do assujeitamento e o fato de que os aparelhos ideológicos não só reproduzem, mas também transformam as relações de produção. Pêcheux retoma o conceito de formação discursiva do texto de 1971 e acrescenta a ele a reflexão sobre a materialidade do

discurso e do sentido: “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes’ (1988, p.61). Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela constitui, sua dependência com respeito “todo complexo com dominante” das formações discursivas (1988, p.162). Fazendo a auto-crítica da sua primeira obra, Pêcheux declara: “não se fica quite com o materialismo histórico pela simples referência às condições sócio-históricas do discurso” e, em nota, acrescenta: “essa é uma das mais graves falhas do trabalho teórico que publicamos em 1969...ver críticas no artigo Langages 37”. (1988, p. 277). Logo a seguir, conclui: “é preciso poder explicar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob dominação do conjunto das formações ideológicas, tal como a luta ideológica das classes determina” (1988, p.254). (GREGOLIN 2006, p.63 e 64).

É durante esse segundo momento da AD pêcheutiana que começam os tensionamentos entre os escritos de Michel Foucault e Michel Pêcheux, ao mesmo tempo em que na França a análise do discurso passa por uma crise teórica e política. Porém, os tensionamentos entre os dois autores só se consolidam na “terceira época” de 1980-1983, quando “Pêcheux afasta-se de posições dogmáticas sustentadas anteriormente (...). É o momento do encontro com a ‘nova História’, de aproximação com as teses foucaultianas”. (GREGOLIN 2006, p.64). Surgem novas questões para o discurso como: a interpretação, a estrutura e o acontecimento.

No Brasil a análise do discurso chegou entre os anos 70 e 80, pela pesquisadora Eni Orlandi. Seu trabalho, calcado nos postulados pêcheutianos, tornaram essa vertente matricial para a maneira como pensamos a análise do discurso no país.

Tomando Pêcheux como referência básica para entender a análise de discurso da escola francesa, podemos dizer que o que singulariza o pensamento desse autor, e estabelece consequentemente a sustentação fundamental da análise do discurso, é o lugar particular que ele dá à língua, de um lado, em relação à ideologia, que ele trata no domínio conceitual do “interdiscurso”, e, de outro, ao inconsciente, na relação da língua com o que seria a *lalangue* (Lacan) e de que Pêcheux não trata especificamente em seu trabalho, já que ele visa justamente o outro lado dessa relação: o discurso como lugar de contato entre língua e ideologia. Isso lhe permite conceber, diferentemente das ciências sociais, o que é e como funciona a ideologia (pela

não-transparência da linguagem: leia-se pela tomada em consideração da materialidade linguística), ao mesmo tempo em que desloca o conceito de língua em sua autonomia absoluta (como é vista na linguística) para a autonomia relativa (pensando a materialidade histórica). Daí será a análise do discurso por ele proposta distinta da análise de conteúdo e da análise linguística. (ORLANDI, 2007, p. 16-7).

Mas se a obra de Pêcheux refere-se, em sua grande maioria, a um dispositivo teórico-conceitual de leitura dos discursos tendo como base o real da língua e o real da história, a obra foucaultiana extrapola essa relação entre o discurso e a língua, apontando o discurso como uma composição que abrange materialidades diversas. É justamente por conta dessa perspectiva, que permite pensar a materialidade discursiva não mais presa à materialidade linguística, mas como materialidades diversas (como a imagem) e materialidades sincréticas (como o audiovisual, composto de som, imagem em movimento e também língua) que optamos, neste trabalho, em priorizar a perspectiva foucaultiana sobre os discursos.

A obra de Foucault pertence a uma tradição filosófica que vem de Kant, Kierkegaard, Nietzsche, e se coloca contra a ideia humanista de que o homem é livre para determinar o seu destino. “O sujeito é, portanto, o lugar para onde Foucault olhará na construção da sua obra. Ele é o seu objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto de poder, seja enquanto objeto de construção identitária” (GREGOLIN 2006, p. 58 e 59).

Essa é a temática fundamental do momento ‘arqueológico’ de Foucault, para quem a ruptura na ideia sobre o homem foi construída pelos estudos da Etnologia e da Psicanálise e constituiu um novo campo do saber (as ‘ciências humanas’), no interior do qual abalou-se o conhecimento ao vislumbrar-se o homem, ao mesmo tempo, como objeto e sujeito” (GREGOLIN. 2006, p. 56 e 57).

Nessa vertente francesa da análise do discurso, nossa opção pelo método foucaultiano dá-se também pela densidade histórica que o autor insere na sua reflexão sobre os discursos, visto que ele pensa os acontecimentos discursivos a partir de suas condições de possibilidades históricas e também das redes de memória nas quais tais acontecimentos discursivos são os nós. Mas, sobretudo, pela percepção que o autor traz

da história: embasado numa ideia de história provinda da perspectiva francesa da Nova História, Foucault busca pensá-la não em termos de evolução ou de sucessão linear, ou da história dos grandes nomes, heróis, monarcas; pelo contrário, o autor está preocupado com uma história cotidiana, com os discursos que atravessam a constituição dos sujeitos nas suas formas de habitar as diversas espacialidades e temporalidades que constituem a sociedade. É, também, uma perspectiva descontínua sobre a história, que a pensa como um processo dinâmico de variadas formas de sucessão e encadeamento, como retornos, devires, concomitâncias.

Esse pensamento relacional, que vê os acontecimentos discursivos como formas de investidura sobre os sujeitos inscritos nas redes históricas de sua constituição, destrói uma perspectiva de sujeito que o pensa como uma entidade autorregulada, que decide, sozinho, seus próprios posicionamentos.

Pensando o 'sujeito' como uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas, é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que Foucault observa as mudanças dos saberes e sua conseqüente articulação com os poderes. Para Foucault, o sujeito é o resultado de uma produção que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente (os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si). Dispositivos e duas técnicas de fabricação (como a disciplinaridade, por exemplo) constituem o que se entende com sujeito. Portanto, se o objetivo fundamental de Foucault é 'produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura' e, se essa história é constituída pelo discurso, a relação entre linguagem, história e sociedade está na base de suas reflexões. Segundo Foucault, para analisar diferentes modos de subjetivação é preciso determinar e descrever a proliferação dos acontecimentos discursivos através dos quais, graças ao quais e contra os quais se formam as noções, os acontecimentos, *os topoi* que atravessam e constituem os objetos e engendram os discursos que falam sobre ele (GREGOLIN 2006, p. 59).

Assim, o que diferencia a perspectiva de Pêcheux e de Foucault não é nem tanto, em nossa visão, as noções acionadas por eles para a constituição de seus arcaibouços teóricos: ambos acionam a noção de discurso relacionada a perspectivas sobre o sujeito e a história. Entretanto, é a forma de olhar para essas variáveis que constitui o diferencial entre os dois autores e, como buscaremos apontar em nossa análise, para o contexto de nossa pesquisa, a perspectiva foucaultiana torna-se profícua.

Isso porque também a perspectiva foucaultiana nos permite pensar esses acontecimentos discursivos como processos de produção e sugestão de sentidos, que se dão, eminentemente, nas relações entre os diversos acontecimentos discursivos, textos e contextos. Como aponta Lima (2010, p. 48-9),

Os objetos da análise de discursos são as práticas discursivas, que se concretizam em discursos, cuja materialidade é expressa nos textos circulantes. Ela operam então sobre textos, detectando marcas e possibilitando ao analista saber, em dada circunstância, como um conjunto textual foi investido por determinadas regras operacionais de sentido e não outras. (...) A análise do discurso problematiza as relações dos textos, buscando deixar claras os processos de significação que neles estão presentes, ou melhor, os mecanismos de produção de sentido que estão funcionando. (...) Para a análise dos discursos, compreender, na perspectiva discursiva, não é atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos através dos quais se põe em jogo um determinado processo de significação (LIMA, 2010, p. 48 e p.49).

A análise do discurso nos dá suporte para perceber como circulam os discursos sobre os Gaviões Kyikatejê na mídia e entender como eles foram construídos em seus processos de significação nas redes de memórias da sociedade brasileira sobre os povos indígenas e sobre o futebol. A AD não detém sua abordagem na simples descrição dos programas, mas vai além e busca entender como esses discursos circulam na mídia, qual o contexto histórico que permitiu o aparecimento deles e não outros em seu lugar (FOUCAULT, 2014).

Para a análise dos discursos, compreender, na perspectiva discursiva não é atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos através dos quais se põe em jogo um determinado processo de significação (...) A análise do discurso problematiza as relações dos textos, buscando deixar claras os processos de significação que neles estão presentes, ou melhor, os mecanismos de produção de sentido que estão funcionando (LIMA, 2010, p. 48 e p.49).

Apesar de Michel Foucault não estar preocupado com a instituição de um domínio de pesquisa/análise chamado Análise do Discurso, como Pêcheux, pensar o discurso por meio dos seus conceitos nos possibilita olhar para a relação entre texto, áudio e imagem na mídia como um reflexo dos discursos sociais, pensando os sentidos

historicamente construídos e percebendo quais são os discursos recorrentes e silenciados sobre o indígena na sociedade brasileira.

Na seção seguinte apontamos de maneira mais aprofundada os conceitos foucaultianos de regularidades e dispersões nos discursos, trabalhadas mais enfaticamente no desenvolvimento de seu método arqueológico. Também apresentaremos a categoria de análise intericonicidade proposta por Jean Jaques-Courtine (2013) e como tais reflexões ajudam a analisar os discursos que circulam em conteúdos audiovisuais midiáticos sobre o time indígena de futebol Gavião Kyikatejê.

1.4. DA TEORIA E DOS CONCEITOS

Nosso trabalho é baseado no conceito de regularidades e dispersões cunhado por Michel Foucault, que faz parte do método arqueológico proposto pelo filósofo. Esse conceito é fundamental porque permite observar os discursos para além do que está visivelmente dito, e pensá-los em sua complexidade social, buscando sua construção histórica e suas redes de memória.

Em resumo, tomamos os conteúdos audiovisuais analisados como acontecimentos discursivos que são engendrados a partir de condições de possibilidades históricas e se inscrevem num conjunto de relações com outros enunciados concomitantes, posteriores e anteriores, na esteira de redes de memórias que circulam em nossas sociedades.

A proposta arqueológica de Foucault é desenvolvida em seus escritos iniciais, principalmente nas obras *A história da loucura*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*, mas é somente na *Arqueologia do Saber*, livro lançado em 1969, que o autor postula, de forma mais consistente, alguns dos princípios que regeram as investigações conduzidas nos trabalhos anteriores.

Não estamos propondo fazer uma arqueologia, entretanto para aproximação do conceito sobre regularidades e dispersões é necessário perceber a construção do pensamento arqueológico foucaultiano. Para tal, vamos traçar um panorama sobre como Michel Foucault percebe a constituição do sujeito, o acontecimento e as formações discursivas, que para o autor, são constituídas por regularidades e dispersões.

Rosário Gregolin (2006) observa a fase arqueológica de Foucault como uma primeira etapa do seu pensamento, em que o autor estava interessado na arqueologia dos

discursos que circulavam pelas sociedades; dos discursos constituidores dos campos de saberes e da objetivação dos sujeitos nas sociedades ocidentais.

Sua atenção voltou-se para a história da loucura, da medicina e de certos campos do saber que tratavam dos temas da vida, da linguagem e do trabalho. Trata-se, nesse momento, de investigar os saberes que embasam a cultura ocidental, de buscar o método arqueológico para entender a história desses saberes (GREGOLIN, 2006, p. 55).

Nessa fase, entre as preocupações centrais de Michel Foucault está a busca de como tais discursos incidem sobre as maneiras como os sujeitos são construídos nas nossas sociedades, pensando as condições de visibilidade, silenciamento, exclusão¹ dos sujeitos. Desse modo, o sujeito, na obra foucaultiana, não é considerado livre, autocentrado e autodenominado, mas sim um sujeito construído nos entremeios das práticas discursivas e não discursivas exercidas ao seu redor.

Seu veio central é a réplica ao “homem”, visto pela filosofia humanista como um sujeito livre e racional, e que aparece, para o filósofo da modernidade, como uma espécie em vias de desaparecimento. Essa é a temática fundamental do momento “arqueológico” de Foucault, para quem a ruptura da ideia sobre o homem foi construída pelos estudos da Etnologia e da Psicanálise e constitui um novo campo do saber (as “ciências humanas”), no interior do qual abalou-se o conhecimento ao vislumbrar-se o homem, ao mesmo tempo, como objeto e como sujeito. (GREGOLIN, 2006, p. 56-7).

O papel da arqueologia, como método de investigação, é descortinar as condições de formação e circulação desses discursos a fim de compreender como eles criam, ao fim e ao cabo, tais estratégias de subjetivação. Um dos primeiros pontos a ser levado em consideração para investigar as regras de formação dos discursos é observá-los na espessura da história.

Para Foucault (2013) os discursos possuem inscrição histórica e estão relacionados com outros discursos e práticas discursivas que o sucedem, o antecedem e são a ele concomitantes. Assim, o papel do arqueólogo é escavar essa história dos

¹ No livro *A Ordem do Discurso*, aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, Michel Foucault trabalha os sistemas de exclusão e o conceito de vontade de verdade dos discursos dos sujeitos na/da sociedade ocidental.

discursos com vistas a estudar suas condições de possibilidade e suas configurações no tempo presente. Gregolin (2006, p. 71) assevera que a arqueologia:

Envolve a escavação, a restauração e a exposição de discursos, a fim de enxergar a positividade do saber em um determinado momento histórico. Ele se constitui na busca de elementos que possam ser articulados entre si e que fornecem um panorama coerente das condições de produção de um saber em certa época.

Essa escavação leva em consideração, portanto, o discurso como um acontecimento. Ou, como aponta Foucault (2013), a arqueologia investiga os acontecimentos discursivos, no que acontecimento refere-se ao momento de irrupção dos discursos, sua vida no tempo imediato de uma atualidade. Tempo imediato que está inscrito na temporalidade longa da duração. Assim se constrói o que Foucault aponta como sendo um certo paradoxo dos acontecimentos discursivos: eles são ao mesmo tempo únicos, quando de sua atualização, mas repetidos no contexto de uma memória.

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem: é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2013, p. 31).

Em resumo, o acontecimento discursivo se inscreve num conjunto de outros acontecimentos e práticas discursivas e não discursivas. Nesse sentido, o acontecimento é, ele também, um jogo de relação com esses outros acontecimentos e práticas, relação que não é de simples continuidade, mas pode ser, também, de oposição, complementaridade, refutação. A dispersão temporal de que fala Foucault dá conta, justamente, dessas várias configurações que os discursos vão tomando em diferentes estratos históricos. Mas se, no nível do acontecimento discursivo, a dispersão se refere às configurações históricas do discurso, a dispersão é, também, um conceito essencial para a investigação das formações discursivas. Isso porque, ainda segundo Foucault (2014):

No caso em que se puder descrever, em um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que

entre os objetos, os tipos de enunciado, os conceitos, as escolhas temática, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2014, p. 47).

A formação discursiva é, portanto, uma espécie de conjunto de enunciados em cuja dispersão é possível encontrar uma certa regularidade. Tal regularidade não é, entretanto, uma unidade, não pressupõe que os vários enunciados possuam elementos iguais, mas sim que, mesmo em sua dispersão, haja uma semelhança nas regras de formação do discurso que circula por meio das materialidades em análise.

Assim, regularidades e dispersões constituem-se em categorias analíticas essenciais para a realização de nossa pesquisa visto que permitem perceber, na dispersão que constitui os conteúdos audiovisuais do nosso corpus, justamente, as regularidades nas regras de formação das imagens dos jogadores e do time indígena de futebol Gavião Kyikatejê. Algumas das regularidades apontadas em nossa análise são o recorrente uso de características identitárias cristalizadas sobre as populações indígenas na construção das imagens que circulam nos conteúdos audiovisuais analisados, como as imagens da primitividade, ameaça, ingenuidade e atraso.

Além disso, de acordo com Foucault (2014), os discursos estão atrelados às condições de possibilidades históricas. Tais condições são tanto práticas discursivas quanto práticas não discursivas, levando em consideração os acontecimentos sociais, econômicos, políticos de um determinado estrato histórico, que ao irromperem configuram os discursos.

1.4.1 INTERICONICIDADE

Para analisar as imagens presentes nas matérias selecionadas, utilizamos como categoria de análise a Intericonicidade, proposta por Jean Jaques-Courtine (2013). A intericonicidade é um método que analisa as imagens e propõe que elas, assim como os discursos para Foucault, estão inseridas em redes de memórias. Como explica Courtine:

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens na produção dos sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens;

mas também imagens internas, que supõem a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou fantasiadas que frequentam o imaginário (COURTINE, 2013, p.160).

Com base na intericonicidade, entendemos que as imagens presentes nas materialidades audiovisuais selecionadas só puderam ser construídas por que pertencem às redes de memórias imagéticas da sociedade brasileira, que toma os povos indígenas como alheios aos esportes ocidentais, como o futebol. Discurso presente, por exemplo, em uma matéria veiculada no programa Caldeirão do Huck, na qual o apresentador, junto do jogador de futebol Ronaldinho Fenômeno, decide introduzir o esporte nas práticas culturais da sociedade indígena Zoé, que vivem na região do Baixo Amazonas. (NEVES, COHÉN, CARVALHO, 2015).

Em nossa pesquisa, propomos analisar como as imagens sobre o time de futebol indígena Gavião Kyikatejê foram construídas e as condições de possibilidades históricas que permitiram a irrupção delas e não de outras em seu lugar. Essas imagens trazem indícios de outras imagens, que estão presentes em outras materialidades que trazem discursos relacionados ao futebol indígena, mas também aquilo que Courtine (2013) chama de imagens internas, presentes nas lembranças, memórias e reminiscências dos sujeitos.

A intericonicidade é, assim, uma noção complexa, porque ela supõe a relação entre imagens externas, mas também entre imagens internas, as imagens da lembrança, imagens da rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelos indivíduos. Não há imagem que não faça ressurgir em nós outras imagens, quer essas imagens tenham sido já vistas ou simplesmente imaginadas (COURTINE, 2013, p. 160).

Como exemplo do processo de intericonicidade nas imagens que circulam sobre o indígena no futebol, salientamos a comemoração do primeiro gol do jogador indígena Aru na primeira divisão do futebol paraense, também estreia do time Gavião Kyikatejê no campeonato. Na imagem 4, Aru aparece fazendo um gesto com as mãos que em nossas redes de memória remete à imagem de um indígena segurando um arco para atirar uma flecha. Esta imagem foi recorrentemente explorada nas cenas presentes nos

programas audiovisuais que fazem parte de nosso corpus. Segurar arco e flecha na mão é uma das imagens que nos remete a um sujeito indígena. Filmes, desenhos, livros, programas televisivos atualizam essa imagem do indígena guerreiro, ou ameaçador, que pode se defender ou atacar alguém atirando uma flecha.

Imagem 4 –Jogador Indígena Arú comemorando o gol **Imagem 5** – Menina indígena prepara seu arco e flecha no filme Tainá: uma aventura na Amazônia



(Fonte: www.google.com)



(Fonte: www.filmambiente.com)

Entendemos que a imagem de Aru estabelece um processo de intericonicidade com várias outras imagens sobre sujeitos indígenas. Como, por exemplo, a imagem do filme “Tainá: Uma Aventura na Amazônia”, dirigido por Tânia Lamarca e Sérgio Bloch, e exibido em 2000. No filme, os personagens indígenas aparecem constantemente com arco e flecha nas mãos, entre eles, várias crianças. Essas imagens do filme “Tainá (Imagem 5): Uma Aventura na Amazônia”, atualizam em nossas redes de memória o discurso de que essa defesa, ou ataque, com arco e flecha é uma prática aprendida desde a infância nas sociedades indígenas brasileiras. Além de ser uma imagem também cristalizada num imaginário sobre a região Norte do Brasil, não sendo raro nos depararmos com aquele velho discurso que diz que em Belém, por exemplo, as ruas são cheias de índios com arco e flecha.

CAPÍTULO 2 – TEXTOS E CONTEXTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS QUE BALIZAM A NOSSA PESQUISA

Neste capítulo alinhavamos alguns antecedentes contextuais do futebol no estado do Pará, dando relevo à popularização do esporte na cultura brasileira e paraense. A ideia é delinear o contexto sociocultural em que emerge o futebol no Pará, principalmente na sua relação com a mídia.

Abordamos também as formas de construção de um saber sobre o futebol no domínio científico. Realizamos, para tanto, uma revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos que abordaram as temáticas do futebol no Pará e das práticas futebolísticas de povos indígenas.

2.1 UM PANO DE FUNDO DA HISTÓRIA DO FUTEBOL

O futebol, da forma como é conhecido hoje, tem sua invenção atribuída aos Ingleses, que criaram e unificaram as regras do jogo, no dia 26 de outubro de 1863, em Londres (MURAD 2012). No entanto, existem registros de outros esportes nos quais os atletas utilizavam os pés para chutar como, o Tsu Tsu – praticado na China em 2.600 a.C. – e o Matanaaríti, na América do Sul, tradicional dos povos indígenas 1000 a.C.

O futebol contemporâneo² chega ao Brasil no final do século XIX. Apesar de algumas especulações relatarem a presença de um futebol mais precário jogado em terras brasileiras nos anos de 1864 e entre 1874 e 1878 (GUTTERMAN 2010), há certo consenso entre os registros ao nomear Charles Miller como o principal introdutor do esporte no Brasil quando de seu retorno ao país, em 1894, após um período de estudos na Inglaterra. Segundo conta a clássica história, Miller trouxe na mala duas bolas de futebol, uniformes e também as regras.

A importância de Charles Miller para a “institucionalização” da prática do esporte no país é inegável. Conhecido como “pai do futebol brasileiro”, Miller³ foi o organizador do primeiro jogo oficial de futebol no Brasil com as regras mais próximas das atuais, especificamente na cidade de São Paulo, em 1895. Ele também estava entre

² Neste trabalho consideramos o futebol contemporâneo aquele praticado a partir da oficialização das regras em Londres.

³ Charles Miller foi homenageado, em São Paulo, dando nome para a praça desportiva em frente ao Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, conhecido como Pacaembu e onde funciona o Museu do Futebol.

os responsáveis pela criação do primeiro clube de futebol brasileiro, o São Paulo Athletic Club, em 1988; ainda foi um dos fundadores da Liga Paulista de Futebol, em 1901.

Segundo o jornalista Ferreira da Costa (2007), no livro “A Enciclopédia do Futebol Paraense”, há uma suspeita de que a primeira partida de Futebol no Brasil tenha ocorrido no estado do Pará, no ano de 1892. Costa (2007) ainda argumenta, baseado em recortes de jornais, que em 1896 já havia relatos de partidas de futebol na Praça Batista Campos entre os participantes da Associação Dramática Recreativa Beneficente⁴.

Suposições a parte, Costa observa que no século XIX muitas famílias paraenses mandavam seus filhos para estudar na Europa, pelo constante movimento no porto durante a Belle Époque. A empresa Both Line diariamente mandava navios do porto de Belém para o porto de Liverpool, a viagem para a Inglaterra era um dos destinos mais comuns dos navios e de muitos jovens. A presença de ingleses na capital também era visível nos “ramos comerciais e indústrias, como a navegação fluvial, as comunicações telegráficas, a distribuidora de gás, construíam e comandavam o porto de Belém. Possuíam domínio ainda sobre os bondes, os telefones e a energia elétrica” (COSTA, 2007, p.13).

No que se refere ao transporte, em 1852, entra em funcionamento a Companhia Navegação e Comércio do Amazonas de propriedade do Barão de Mauá a sua capital, empresário importante do Brasil imperial. Mas, com a pressão do mercado internacional, a partir do ano de 1872, dá-se a abertura do rio Amazonas às nações estrangeiras, quando Belém, passa a ser ligada até o porto de Liverpool, na Inglaterra por duas linhas de transatlântico e 31 barcos a vapor, que realizavam 350 viagens por ano entre Belém e o interior da região. (TAVARES, 2008, p.66).

No período da borracha os discursos sobre as questões econômicas e culturais europeias emergem na sociedade. Os padrões de modernidade e civilidade são relacionados aos costumes do velho mundo e ganham força no estado do Pará e do Amazonas. O futebol aparece nesse cenário, na perspectiva do cinema, do automóvel como símbolo do “avanço” social e tecnológico.

⁴ Atual Recreativa Bancrévea.

O despertar do século XX reforçou os ideais de desenvolvimento econômico em Belém. Novas tecnologias e descobertas científicas foram adquiridas pela elite paraense simbolizando novos estilos que transformariam o viver em cidade em função da expansão do capitalismo. Dentre estas novidades estão o telégrafo, o cinema, e o automóvel (...). Nesse contexto, a Amazônia torna-se verdadeiro palco de vários modismos de aspirações econômicas e culturais européias, no que se faz presente a práticas de esportes. É o nascimento da cultura física como característica do processo civilizador implantado em Belém em seu período áureo do ciclo da borracha conhecido como Belle Époque. Football, tauromacchia, rowing, tennis, hippismo e pedestrianismo e muitas outras modalidades, compuseram um elemento importante do cotidiano de parte da juventude paraense, ansiosa por moldar seus corpos e mentes e se inserir numa atmosfera moderna e civilizada como se imaginava existir na Europa. As novas modalidades quando surgiam em Belém eram amplamente defendidas e sempre exaltadas conforme faziam sucesso em cidades símbolos da modernidade como Paris, Londres, Rio de Janeiro e Nova York (...) (MATOS, 2012, p. 2).

O futebol, desde o início de sua prática no estado, está relacionado com uma reafirmação de um ideal de identidade europeia, principalmente entre os jovens da elite paraense, que visavam se distanciar da representação sobre a Amazônia, a qual já era referida como um lugar de atraso. Podemos observar esse processo por meio dos esforços dos envolvidos para deixarem o esporte o mais próximo da cultura inglesa, preservando os nomes em inglês, como nas posições dos jogadores, e também por clubes que eram formados com o intuito de preservar descendências não brasileiras, principalmente portuguesas e inglesas.

Nesse contexto, a bola de futebol ganhou um simbolismo de culto ao corpo e de civilização que propagava o modelo europeu, ou seja, havia uma importação não somente de mercadorias mais de todo um caráter simbólico que acompanhava cada uma delas, encantando os sujeitos que não queriam está de fora de todo esse processo de modernidade. Assim, como ocorriam às reconstruções das cidades no padrão arquitetônico de Paris, o futebol, como prática esportiva, cumpria seu papel nessa teia de raciocínio histórico que coloca este esporte não apenas como passatempo das elites, mas como elemento importante para entendermos o sentimento de identidade local que parece controverso, mas cresce através dos festivais futebolísticos populares no âmbito citadino (GAUDENCIO, 2006, p. 22).

Os estudos encontrados sobre o começo da prática do futebol no estado do Pará geralmente referem-se à cidade de Belém, onde os primeiros jogos aconteciam em praças, como a Praça Batista Campos e a Praça Floriano Peixoto, localizada no Largo de São Brás. Os adeptos do esporte pertenciam à elite paraense, com poder aquisitivo para adquirir os acessórios necessários, que nesse período eram produtos importados.

Surgiram ainda nesse final do século XIX os primeiros clubes sociais voltados para o esporte, como o Pará Futebol Clube, fundado em 1898 (COSTA 2007). Já em 1902 o futebol ganhava os primeiros traços de organização: surgiram os festivais futebolísticos em formato de torneios organizados pelas agremiações, no qual os clubes competiam entre si (GAUDÊNCIO, 2006).

Os esportes ganhavam espaço nos jornais regionais, como colunas exclusivas para tratar de esporte, mas só no dia 17 de dezembro de 1905 que a “Folha do Norte” divulgou pela primeira vez uma escalação e respeitando as normas da língua inglesa (COSTA 2007). O número de adeptos do esporte estava em constante crescimento e os jovens ocuparam um lugar chave nessa trajetória. Em 1906 fundou-se a *Pará Foot-Ball Association league*⁵, tentativa inicial de criar uma entidade para dirigir o futebol no estado (COSTA, 2007). Como supracitado, existia certa propensão para se aproximar ao máximo do futebol inglês, incluindo os nomes que se relacionavam com o esporte, tanto que um dos objetivos da entidade era criar um calendário de jogos igual ao da Inglaterra, começando num ano e terminando no ano seguinte.

O conteúdo sobre futebol era incipiente. Publicava-se que no próximo domingo haveria jogo tal. No noticiário seguinte, frisava-se que houve empate, mas não se inseria qual foi o placar da partida. Às vezes, nada saía sobre o jogo que fora anunciado (COSTA 2012, p.15).

A *Parah Foot-ball Association* organizou o primeiro campeonato de futebol do estado, que seria disputado pelos clubes fundadores da liga⁶. Com um único turno, teve início em 6 de dezembro de 1906, mas por várias divergências foi suspenso em junho de 1907 e a liga dissolvida (COSTA 2012). A segunda tentativa de uma entidade veio em

⁵ Com o edital publicado em um dos jornais da capital com uma tabela de jogos.

⁶ Pará Clube, Sport Club Foot-Ball Team, Belém Clube, Club Sport, Clube recreativo, Clube Internacional e o clube formado só por ingleses Pará Foot-Ball Club.

1908, com a *Nacional Foot-Ball Association*, que também não deu certo, porém foi responsável pela primeira edição do Campeonato Paraense de futebol, o quarto campeonato estadual de futebol criado no Brasil. Anteriormente houve campeonatos em São Paulo (1902), Bahia (1905) e Rio de Janeiro (1906). A premiação do primeiro campeonato paraense, a Taça Pará, foi disputada em um só turno, que teve início em 7 de Setembro de 1908 e terminou em 21 de Março de 1909, também baseado no calendário inglês e consagrando a União Esportiva como vencedor.

As décadas iniciais do futebol no Pará foram marcadas por ascensões e declínios de popularidade, talvez por isso em 1909 não houve campeonato. Segundo Costa (2012), o entusiasmo pelo futebol diminuiu no estado e alguns clubes desapareceram. Sendo assim, o segundo campeonato só ocorreu em 1910, mas sem muito destaque. Nem mesmo os jornais deram muita atenção, mas a União Esportiva conquistou seu segundo título.

O próximo campeonato⁷ só ocorreu em 1913, com a organização da fundação da Liga Paraense de *Foot-Ball*, em maio de 1913. Depois desse ano o Campeonato Paraense se firmou⁸, tornando-se cada vez mais competitivo e organizado com o passar dos anos, porém ainda com características amadoras que duraria até o ano de 1945. A entidade⁹ responsável pelo futebol ainda passaria por muitas mudanças até chegar na Federação Paraense de Futebol – FPF.

A partir de 1913, assim como no Pará, o futebol firmava-se no cotidiano dos brasileiros, despertando o interesse não só da elite, mas também do proletariado, ocasionando uma maior organização, institucionalmente, por conta da demanda social e também dos sistemas de controle. Os discursos sobre a participação dos menos favorecidos no futebol emergia, iniciando um período chave para o que viria a representar o futebol na sociedade brasileira. Como resultado, em 1914, fundou-se a Confederação Nacional de Desporto – CND, mais tarde rebatizada como Confederação Brasileira de Futebol – CBF, atuante até hoje. (GUERRA 2000).

⁷ Nos anos de 1911 e 1912 não houve campeonato paraense.

⁸ De 1913 até o ano de 2015 só houve edição em 1935 e 1946. (COSTA 2007)

⁹ 1917 – 1927 Liga Paraense de Esportes Terrestres/ 1928 – 1932 Federação Paraense de Desporto/ 1933- 1937 Liga Atlética Paraense (LAP) / 1938- 1940 Associação Paraense de Futebol/ 1941 - 1969 Federação Paraense de Desportos. (COSTA 2007 e 2012).

Em 1913, por exemplo, houve uma cisão na Liga Paulista de Futebol exatamente por causa da massificação crescente do futebol. Enquanto um grupo dentro da Liga exigia que os times fossem formados por “rapazes delicados e distintos” – leia-se riscos -, outro achava que tal exclusivismo não era próprio do mundo esportivo, porque tanto o risco como o pobre tinham o direito de jogar (GUTERMAN 2010, p. 53).

Um exemplo de como o futebol ganhava espaço na sociedade brasileira foi a formação da primeira seleção Brasileira de Futebol, em 1914, ano que a seleção ganhou seu primeiro título na Copa Rocca – disputa entre a seleção da Argentina e a do Brasil –, mas só em 1919 que a Seleção conquistou uma vitória verdadeiramente representativa na sociedade: o Campeonato Sul-Americano¹⁰. Nessa competição surgiu o primeiro herói do futebol brasileiro: Arthur Friedenreich, filho de um imigrante alemão e uma ex-escrava, o jogador possuía características únicas, as quais o levaram a ser o jogador de destaque no futebol brasileiro.

Fried, como era chamado, fez 1329 gols durante a vida, artilheiro histórico do campeonato paulista, mas outro motivo o fez marcar a história do esporte: passou a vida tentando esconder os seus traços negros, sempre alisava o cabelo antes de entrar em campo. As conquistas desse jogador e da seleção brasileira fortaleceram duas questões na sociedade: a presença do negro e/ou do pobre como fator diferencial para se criar uma particularidade no futebol brasileiro em relação às outras seleções, e também a discussão em torno do futebol como um esporte que poderia representar uma possibilidade de unificar uma nação, mesmo que momentaneamente.

O feito de Fried no Sul-Americano, contudo, teve um peso que transcendeu limites da disputa esportiva. Configurou-se, na verdade um divisor de águas do futebol brasileiro como aglutinador democrático de raças e de classes sociais, ainda que somente no ambiente controlado do campo de jogo (GUTERMAN 2010, p.44).

Fried não foi o único jogador que levantou as questões da presença do negro no futebol brasileiro. Outros personagens foram importantes para a irrupção desses discursos antes e depois dele. Por exemplo, o caso do jogador Carlos Alberto, que

¹⁰ Atual Copa América.

estreou no Fluminense em 1914, conhecido por passar pó de arroz antes do jogo¹¹, dando origem ao apelido que até hoje a torcida do clube carrega. Entre os anos de 1910-1920 o Brasil passava por um processo de urbanização. Foi quando o futebol começou a mostrar sua vocação popular (GUTERMAN 2010), suas possibilidades políticas e econômicas.

A relevância social do esporte estava em crescente ascensão no final dessa década, além dos clubes tradicionais, os quais passavam a ter torcedores fiéis e a receber incentivos financeiros, o futebol em bairros periféricos e entre os operários tornava-se uma constante, resultando em jogos cada vez mais lotados, mesmo com os ingressos para as partidas sendo cobrados desde 1915. Como reflexos, jornais e rádios abriam cada vez mais espaços para o futebol; noticiando as partidas e escalações, falando de jogadores e resultado dos jogos.

A ruptura do futebol, de esporte de elite para esporte de massa, de esporte de massa, de esporte amador para esporte profissional, se daria mais concretamente na década seguinte, nos anos 1920, quando a Primeira República já dava sinais de desgaste em razão de seu desprezo atávico por tudo que cheirasse a povo. Não seria uma trajetória fácil, (...) mas o marco estaria definitivamente estabelecido. Surgiram as condições que fariam do futebol o mecanismo pelo qual o Brasil romperia, ainda que momentaneamente, nos limites rígidos de sua hierarquia social (GUTERMAN 2010, p. 50).

Com as conquistas e os torneios se estabelecendo com certa regularidade a discussão em torno da profissionalização do esporte aparecia na sociedade brasileira. Nos anos 1920 era comum que alguns jogadores operários recebessem privilégios para atuarem por determinados clubes. E no período de 1920 – 1930 a diferença entre o futebol profissional e amador formulava novas regras sobre tais discursos.

O futebol brasileiro entrou nos anos 1920 sob crescente pressão para se profissionalizar, e a defesa do amadorismo para manter intacta a elite do esporte, impedindo que trabalhadores entrassem nos times que disputam campeonatos oficiais, foi tomando ares de passado (GUTERMAN 2010, p.52).

¹¹ Carlos Alberto e o caso o pó-de-arroz possui duas versões: uma que o pó-de-arroz era para esconder suas características negras e a outra versão defendida pelo Fluminense que era um hábito do jogador após se barbear.

O futebol penetrava o cotidiano do brasileiro, sendo praticado e assistido em todas as categorias sociais. Mesmo a elite brasileira tentando manter afastados os menos favorecidos dos jogos oficiais, a necessidade de novos talentos para competir em clubes faz aparecer esses jogadores de outras camadas sociais, os quais já se destacavam em jogos amadores. Outra questão importante para o cotidiano futebolístico durante a década de 1920-1930 foi a construção da rivalidade entre os clubes, um dos ingredientes principais do esporte.

No estado do Pará, nessa década, o aumento do número de jogos pelo campeonato estadual e dos festivais esportivos contribuíram para a criação e formação de clubes voltados para o esporte. O teor aristocrático envolvendo o esporte ainda era forte na opinião de alguns dirigentes, cronistas esportivos e clubes, porém esse discurso ligado à perspectiva civilizatória moderna europeia dava espaço ao discurso populista, “isto é, era a valorização dos costumes populares em detrimento ao requinte do início do século, possibilitando ao futebol uma terra fértil para a sua propagação e desenvolvimento” (GAUDENCIO, 2006, p. 74).

Dessa forma, os festivais futebolísticos começam nos anos de 1920 a entrar num processo de popularização que não agradava a muitos, porém era defendido por outros. No qual, o sentimento nacionalista que também era clubista ganhava destaque nas discussões diárias e na crônica esportiva, já que para muitos especialistas sobre o futebol na época, o nacionalismo ajudava levantar países, a manter o povo unido, por isso, deveria ser feito à nacionalização dos vocábulos utilizados nos jogos, pois, já estava começando a ser implantado no centro-sul do país e segundo a crônica esportiva poderia também ser implantado aqui (GAUDENCIO, 2006, p.76).

Assim, como no cenário nacional, a rivalidade entre os clubes pode ser apontada como um importante ingrediente para a popularização do esporte no Pará, principalmente entre os clubes da capital: Paysandú, Tuna e Remo. A imprensa esportiva, que trocava a linguagem rebuscada por uma mais popular, contribuiu para estabelecer torcidas para além da cidade de Belém, alcançando todo o estado. As arquibancadas dos estádios lotadas, os jogadores transformados em heróis e a presença política faziam do esporte uma importante pauta nas discussões cotidianas.

A partir do início da década de 1920, com a recém inauguração do estádio do Clube do Remo, temos um aumento significativo dos jogos de futebol em Belém do Pará, principalmente pelo índice de popularização que os clubes suburbanos e a dupla Re X Pa, começaram a obter.(...) A própria imprensa modificou a sua linguagem buscando enfatizar mais termos em dialetos populares deixando de lado a escrita mais rebuscada, na verdade a cidade crescia e com isso outros setores da população criavam os seus próprios significados para os jogos de futebol nos finais de semana na cidade, provocando uma ampliação do número de atletas que praticavam o futebol, (...) no entanto, nos anos de 1920, a peculiaridade principal com relação ao futebol é o aumento do número de jogadores oriundos dos setores populares, que inclusive conseguiram participar ativamente dos clubes considerados mais importantes da cidade, como Remo, Paysandú e a Tuna (GAUDÊNCIO, 2006, p.112 e 113).

Na cidade de Belém, no período de 1920-1930, um dado interessante sobre a popularização do esporte foi o alcance do público feminino. A participação das mulheres no futebol, além da presença na torcida durante os jogos, já causava admiração de alguns cronistas, destacando o conhecimento e a paixão dispensada pelas mulheres ao esporte. Em 1924 formou-se um clube feminino. Segundo Gaudêncio (2006) e Magalhães (2008), esse foi o primeiro clube formado por mulheres no território brasileiro, ressalta-se: mulheres pertencentes à elite.

Na década de 1920 muitos políticos apoiavam o futebol, justamente para se aproximar dos setores mais populares, apareciam na fundação de clubes e também durante os jogos. A popularização do esporte caminhava junto com a busca pela profissionalização, seu espaço na mídia só aumentava. Em 1931 o rádio dá um importante passo, transmitindo pela primeira vez uma partida de futebol. O torcedor agora poderia acompanhar o jogo de futebol mesmo sem ir ao campo.

Além da tecnologia, o rádio descobriu uma linguagem específica para transmitir todo o seu encantamento pelo futebol. Precisou apelar para a imaginação do torcedor, para que pudesse expressar corretamente tudo que via no futebol. (GUERRA, 2000, p. 10).

Como afirma Márcio Guerra (2000) o futebol e o rádio fizeram o casamento perfeito, digno de um “felizes para sempre”. Ambos nasceram na elite, “mas logo

passaram a ser domínio de todo País”. A transmissão radiofônica trouxe uma nova perspectiva para o esporte dando a “possibilidade de aproximar o ouvinte do jogo”. (GUERRA 2000, p.79).

As rádios funcionavam como um “clube” bancados por seus associados, mas ainda em 1931 um decreto foi aprovado autorizando a publicidade em rádios, o qual forneceu subterfúgios para expandir ainda mais o seu alcance entre os brasileiros¹². O futebol nas rádios ganhou tanto espaço entre os torcedores que alguns clubes pediam a proibição da transmissão de algumas partidas, alegando que as transmissões diminuiriam o público dentro do campo. (GUERRA, 2000; GUTERMAN, 2010).

A criação de mitos e heróis pela rádio esportiva, e posteriormente pela imprensa em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. A seleção brasileira começava a representar a pátria, e o futebol, em geral, era uma robusta manifestação de brasilidade. A união desses dois fenômenos da história brasileira – o futebol, que mobilizava a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção – gerou enormes possibilidades políticas, como Getúlio, com impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber (GUTERMAN, 2010, p. 75).

Getúlio Vargas percebeu a importante função social que o futebol começava a exercer no Brasil, incluindo no seu projeto o esporte como um aspecto central para “a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas, duas circunstâncias fundamentais para a consolidação do seu regime” (GUTTERMAN, 2010, p. 71). Entre as mudanças feitas na legislação que ajudavam a consolidar a imagem sobre Getúlio Vargas como “pai dos pobres”, a que atingiu diretamente o esporte foi a profissionalização dos jogadores de futebol no Brasil, em 1933 (GUTERMAN, 2010).

Vargas aproveitou o futebol como uma estratégia política de aproximação com a sociedade brasileira, construindo uma imagem de grande incentivador do esporte foi o primeiro presidente brasileiro a se despedir, em pessoa, de uma seleção de futebol antes de uma disputa, nesse caso se tratava da terceira Copa do Mundo, em 1938. Marcante em diferentes aspectos, o ano de 1938 foi o começo da construção do que viria a representar

¹² Comparação utilizada pelo autor Marcos Guterman no livro “O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país”, que explica que essa era razão pela qual as rádios eram chamadas de rádio clube e rádio sociedade”.

o futebol brasileiro para o mundo e para, hoje consolidada, a relação dos brasileiros com a seleção brasileira de futebol.

Na Copa de 1938, na França, foi a primeira vez que os brasileiros puderam acompanhar por transmissão radiofônica ao vivo, um jogo da seleção em Copa do Mundo, permitindo uma experiência coletiva (GUTERMAN, 2010) na qual os brasileiros, mesmo em diferentes estados, estavam ouvindo ao mesmo tempo uma partida de futebol e torcendo por um mesmo resultado. Já haviam sido realizadas transmissões de outros campeonatos internacionais¹³, mas não uma Copa do Mundo, a qual começava a se firmar como a maior competição de futebol entre países e se tornaria um grande incentivador do nacionalismo, não só no do Brasil (GASTALDO, 2002).

A seleção que representou o Brasil, nessa Copa, foi a primeira a assumir a miscigenação e olhar essa particularidade como um fator positivo, uma vantagem que trazia para o esporte a ginga, a criatividade: o considerado inovador jeito brasileiro de jogar futebol. Diferentes das Copas anteriores¹⁴, os jogadores não foram escolhidos de qualquer maneira, mas representavam o melhor do futebol brasileiro e conquistaram o terceiro lugar.

O ano de 1938 é assim um marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo. Getúlio Vargas – embora pessoalmente fosse aficionado de golfe – não poderia ficar alheio a esse fenômeno cultural. (...) Tratou de vincular o futebol ao Estado e explorou cada centímetro da paixão brasileira a favor de seus projetos de coesão social (GUTERMAN, 2010, p.85).

Confirmando o inédito interesse/apoio do governo, tanto financeira quanto “solidariamente” (WISNIK, 2008) durante a Copa de 1938 “as autoridades locais, incentivadas pelo governo, abriram a possibilidade de dispensa do expediente para que os trabalhadores pudessem acompanhar os jogos nas ruas, por alto-falantes ou pela rádio de carro” (GUTERMAN, 2010, p. 82). Essa mobilidade de horário é uma atitude das

¹³ As disputas internacionais sul-americanas. (WISNIK 2008)

¹⁴ Copa de 1930, no Uruguai e Copa de 1934, na Itália.

empresas até hoje no Brasil, visto como parte da representação do que é “ser brasileiro” durante os jogos da seleção em ano de Copa do Mundo de Futebol.

O primeiro período do getulismo, 1930-1945, ficou marcado pelos “movimentos armados internos e por repressão policial acentuada durante a ditadura (...), marcaria também a consolidação do regime profissional do jogador de futebol” (WITTER, 1990, p.53 e p.54). Com a Segunda Guerra Mundial, em 1939, a próxima Copa só aconteceu em 1950 e seria a primeira Copa com sede no Brasil.

A história social do futebol brasileiro é um capítulo de nossas lutas sociais, políticas, culturais. A popularização/democratização do futebol, fruto da resistência e das lutas das camadas desfavorecidas da sociedade, foi consolidada nas décadas de 1940 e 1950 (MURAD, 2012, p.77).

O futebol entranhava-se na cultura brasileira, uma maneira de perceber esse movimento é por meio dos campeonatos regionais, que tornavam-se tradição local, os clubes ganharam força com a torcida, se tornando parte importante da cultura. Surge um novo jeito de dividir a população: de acordo com as preferências por seu clube de futebol¹⁵.

A televisão é também um importante termômetro do sucesso do futebol na sociedade brasileira. A primeira emissora de televisão do país foi a TV TUPI, fundada em setembro de 1950 e poucos meses depois já transmitia partidas de futebol que aconteciam em São Paulo e cidades próximas.

A Copa dos anos 50 ficaria marcada na história brasileira por diversos motivos, mas sem dúvida um dos principais foi a derrota da seleção brasileira no jogo final responsável por fazer um país inteiro chorar, menos Garrincha¹⁶. Os relatos sobre esse acontecimento apontavam-no como a maior tragédia do futebol brasileiro, isso porque nem imaginavam a tragédia maior em 2014¹⁷.

¹⁵ Uma preferência que poderia estar relacionada para além de suas identificações locais.

¹⁶ Uma das mais conhecidas histórias de Garrincha foi sua postura durante a final de 50. Ao invés de ouvir o jogo do Brasil na final preferiu ir caçar ou pescar, na volta quando viu a tristeza estampada na cara de seus vizinhos, ao descobrir o motivo, achou uma “bobagem”. O Futebol era bom para jogar” (WISNIK 2008, p.266)

¹⁷ No decorrer da dissertação falaremos mais sobre a Copa 2014, mas durante a pesquisa ao ler os escritos sobre a Copa de 1950 e o fato de termos vivido a Copa 2014 foi inevitável associar os dois acontecimentos.

O ano de 1950 foi um momento de virada, o mundo do pós-guerra era outro. O Brasil também e, talvez, principalmente. O processo tecnológico trouxe, sem dúvida, a grande mudança. Entre essas inovações, a da eletrônica, e com ela, a televisão e a alteração de costumes, a renovação conceitual, a diminuição de distância... (WITTER, 1990, p. 56).

O Brasil teve muito trabalho para sediar a Copa de 1950, pois “não tinha estádios de porte para uma competição desse nível, com perspectivas de grande público e atenção internacional” (GUTERMAN, 2010, p. 93). Entre os estádios inaugurados e reformados o maior símbolo do trabalho foi o Maracanã - no Rio de Janeiro, na época o maior estádio do mundo, com capacidade para quase 200 mil pessoas (WISNIK, 2008).

Foi lá que, em 16 de julho de 1950, os uruguaiois silenciaram o público de brasileiros com o placar de 2x0 contra a seleção local. O país ficou de luto. A derrota do Brasil também desencadeou a discussão sobre a “democratização racial” por meio do futebol, uma vez que Barbosa e Bigode, dois jogadores negros, foram considerados os vilões da derrota.

A derrota não era apenas da seleção, mas aparentemente também de um projeto de país, de um sentido de comunidade que se estava construindo, tendo o futebol como símbolo e a mulatice freyreana como representação(...) O negro despertava (e ainda desperta) no Brasil sentimentos ambíguos. Serve para explicar o sucesso e o fracasso do país. E 1950 foi prova definitiva disso. (GUTERMAN, 2010, p. 100).

Na Copa de 1954 mais uma vez a seleção brasileira não conseguiu o resultado esperado, sendo eliminada nas quartas de final. Em 1956 foi transmitida pela primeira vez uma partida interestadual televisionada no país: Brasil e Itália, no Maracanã, acontecimento impulsionador de vendas do aparelho televisivo. A partir de então assistir ao futebol foi um excelente argumento para comprar televisores, o que estimulou as emissoras a investirem em tecnologia, para melhor realizar a transmissão.

A Copa de 1958 também foi transmitida para o Brasil somente pelo rádio, mas a televisão conquistava seu espaço no esporte e no cotidiano dos brasileiros. A transmissão da Rádio Rede Bandeirantes alcançou todo o país e uma audiência de 92,5% na final contra Suécia, que consagrou o Brasil Campeão.

Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas “seleções nacionais” uma espécie de “encarnação simbólica” de cada nação participante do evento. Assim, uma

Copa do Mundo é muito mais do que um mero torneio de futebol: ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectivas comparada com o resto do mundo. Pelo menos no Brasil, a Copa é considerada o apogeu do mundo dos esportes, sendo-lhe dada mais importância social do que a própria Olimpíada: afinal de contas, quem vence a Copa é, incontestavelmente, “o melhor do mundo” (GASTALDO, 2002, p. 36).

Era o triunfo do futebol brasileiro. Com a seleção já conhecida como canarinho, o Brasil se tornava soberano sobre as outras nações, o melhor do mundo. Já com Pelé e Garrincha¹⁸, jogadores imortalizados, o futebol brasileiro voltava a ser um exemplo de “democratização racial” e a presença negra reputada como o fator responsável para o jeito inovador de jogar: cheio de ginga e malandragem.

Apesar disso, nenhum jogador daquela seleção ficou rico depois de 1958 – pelo contrário. O sucesso do Brasil encheu os cofres dos principais clubes brasileiros, que eram contratados para excursionar pelo mundo em troca de cachês cujo perfume mal era sentido pelos jogadores. (...) Eles passaram a atuar em dezenas de partidas por ano, muitas vezes depois de enfrentar maratonas em aviões e navios. O Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha eram os times preferidos, mas muitos outros passaram pelo mesmo calvário. (...) A própria seleção brasileira passaria os anos seguintes visitando vários países do mundo. Uma loucura (GUTERMAN 2010, p. 130).

Emissoras de televisão exibiam algumas imagens dos jogos da copa de 62, no Chile, mas apenas no dia seguinte ao da partida. Porém foi pelo rádio que os torcedores acompanharam a confirmação do favoritismo do futebol brasileiro: o bicampeão mundial. O país vivia a chamada época de ouro do futebol.

Na copa de 1966, na Inglaterra, a seleção brasileira não conseguiu mostrar o seu futebol e foi eliminada na primeira fase, a violência em campo ficou marcada, especulou-se até que os árbitros e a Fifa estariam contra os sul-americanos.

Na Copa de 1970, no México, a seleção conquistou o Tricampeonato e Pelé sai eternizado como um mito do esporte. Dessa vez, 16 estados brasileiros e o Distrito Federal puderam acompanhar a transmissão pela televisão, inclusive em cores (no Brasil eram poucos aparelhos em cores), a audiência chegou aos 12 bilhões de espectadores. O

¹⁸ Pelé e Garrincha em campo juntos pela seleção nunca sofreram uma derrota.

Pará não estava entre os privilegiados, destacando um descompasso entre o discurso de integração na Amazônia que o Governo pregava e a realidade.

A soma das duas características – um governo no auge da repressão e um presidente muito interessado no futebol e em seus efeitos populares – acabou por transformar a Copa de 1970 na mais paradoxal da história brasileira. Parte da intelectualidade brasileira, que estava na luta armada ou no exílio, considerava que torcer pela seleção naquela oportunidade significava compactuar com o regime. Por outro lado, 1970 marca o momento em que o Brasil conseguiu formar aquela que é considerada até hoje como a melhor seleção de todos os tempos (GUTERMAN 2010, p. 162).

Depois da Copa de 70, o Brasil ficaria cinco Copas seguidas sem ganhar. Conquistou o tetracampeonato em 1994 (Estados Unidos), no qual se eternizou a imagem de Pelé, Galvão Bueno e Arnaldo Cezar Coelho pulando e gritando: é tetra! Na transmissão da Rede Globo. O Pentacampeonato veio na Copa de 2002 (Japão). Já em 2014, na Copa do Brasil, a seleção teve a pior derrota, o traumático 7x1, com um baile da Alemanha nas quartas de final, no Mineirão.

Hoje a relação do esporte com o Brasil está enraizada no cotidiano do país e a contribuição dos meios de comunicação é indiscutível, como vimos acima. Logo, ‘o país do futebol’ é um discurso, construído historicamente na sociedade, não só pelas vitórias da seleção brasileira, única pentacampeã do mundo, mas também por outros discursos, os quais ultrapassam a competência esportiva.

Voltando ao estado do Pará, a Federação Paraense de futebol é fundada em 1969, mas só foi instalada em 1970, que, como vimos, foi um ano especial para o futebol brasileiro. A Fundação é responsável pelos jogos no Pará, organizador do campeonato paraense, pela regularização de clubes, técnicos, árbitros e atletas no estado do Pará. Hoje conta com 27 clubes profissionais, 33 clubes amadores¹⁹.

Há um incentivo ao processo de interiorização do Campeonato Paraense desde os anos 70, no entanto o campeonato paraense sempre tinha os mesmos vencedores: Tuna, Paysandú e Remo. Depois dos anos 90 o processo de interiorização se intensificou e foi possível ver os clubes do interior começarem a ganhar destaque no campeonato, mas só

¹⁹ Segundo o site (<http://www.fpfpara.com.br/>) da Federação Paraense de Futebol, na qual a última atualização foi em 2012, a tabela anexada ao final.

em 2011 que um clube de fora da capital conseguiu se consagrar campeão: o Independente de Tucuruí e, em 2012, o Cametá.

Com o bom rendimento da participação dos clubes do interior no Campeonato Paraense em 2009 um feito inédito, o São Raimundo de Santarém conquistou a série D do Campeonato Brasileiro, abaixo segue a tabela dos clubes profissionais segundo a FPF, na sua última atualização em 2012.

PERFIL CLUBES PROFISSIONAIS

Águia de Marabá Futebol Clube	<p>Presidente: Sebastião Ferreira Neto</p> <p>Vice: Miguel Gomes filho</p> <p>Mandato: 01.01.2011 a 01.01.2013</p> <p>Data da Fundação: 22.01.1982</p> <p>Sede: Rua Pedro Carneiro, nº 2389 - Nova Marabá - Marabá-Pará - CEP: 68.501-540.</p>
Associação Atlética Santa Cruz	<p>Presidente: Mario Luiz Lisboa Couto</p> <p>Vice: José Maia da Silva Filho</p> <p>Mandato: 01.02.2012 a 01.02.2017</p> <p>Data da Fundação: 01.02.2001</p> <p>Sede: 6ª Rua, S/N - Vila Cuiarana - Salinas-Pará - CEP: 68.721-000.</p>
Associação Atlética Tiradentes	<p>Presidente: Raimundo Cosmo do Carmo Saraiva</p> <p>Vice: Jurandir Ribeiro do Carmo</p> <p>Mandato: 21.04.2008 a 21.04.2012</p> <p>Data da Fundação: 21.04.1973</p> <p>Sede: Conj. Benjamim Sodré, Rua Murajuba, nº 117 - Belém-Pará - CEP: 68.635-120.</p>
Atlético Clube Izabelense	<p>Presidente: Nilson Solon de Sousa</p> <p>Vice: Milton Takumi Yamada</p> <p>Mandato: 26.04.2011 a 26.04.2013</p> <p>Data da Fundação: 26.04.1924</p>

	Sede: Av. Pedro Constantino, nº 1500 Santa Izabel do Pará - CEP: 68.790-000.
Abaeté Futebol Clube	<p>Presidente: João Batista Ferreira Gomes</p> <p>Vice: Cícero Ricardo de Sousa</p> <p>Mandato: 12.08.2009 a 12.08.2012</p> <p>Data da Fundação: 05.08.1935</p> <p>Sede: Rua José Latino da Silva, nº - Abaetetuba-Pará - CEP: 68.440-000.</p>
Bragantino Club do Pará	<p>Presidente: Rodrigo José Diogo</p> <p>Vice: Rodolfo José Ferreira Cirino da Silva</p> <p>Mandato: 20.02.2011 a 20.02.2013</p> <p>Data da Fundação: 06.03.1975</p> <p>Sede: Rod. Bragança Capanema, Estádio São Benedito, nº Bragança-Pará - CEP: 68.600-000.</p> <p>Uniforme: branco, azul, vermelho e amarelo.</p>
Clube do Remo	<p>Presidente: Sérgio Cabeça Braz</p> <p>Vice: Paulo Sergio Mota Pereira</p> <p>Mandato: 06.01.2011 a 05.01.2013</p> <p>Data da Fundação: 05.02.1905</p> <p>Sede: Av. Nazaré nº 962 - Belém-Pará CEP: 66.035-170</p> <p>Uniforme: Azul Marinho e Branco.</p>
Clube Municipal de Ananindeua	<p>Presidente: Afonso Romildo Pimentel de Almeida</p> <p>Vice: Reginaldo da Silva Souza</p> <p>Mandato: 02.01.09 a 02.01.2013</p> <p>Data da Fundação: 03.01.1978</p> <p>Sede: Conj. Cidade Nova, VII WE 68, Nº 392 - Ananindeua-Pará - CEP: 67.140-100.</p>

Castanhal Esporte Clube	<p>Presidente: Francisco Gilberto Pereira Correa</p> <p>Vice: Roberto César da Cruz Luna</p> <p>Mandato: 29.04.2010 a 29.04.2014</p> <p>Data da Fundação: 07.09.1924</p> <p>Sede: Av. Maximino Porpino nº 5.560 caiçara - Castanhal-Pará CEP: 68.743-650.</p>
Cametá Sport Club	<p>Presidente: Paulo Otavio Valente Amorim</p> <p>Mandato: 22.06.2011 a 22.06.2013</p> <p>Data da Fundação: 22.06.2007</p> <p>Sede: Rua 23 de Novembro, Estádio Orfelino Martins, nº02 - Cametá-Pará - CEP: 68.400-000.</p>
Clube Atlético Vila Rica	<p>Presidente: Antonio Sergio Araujo Nascimento</p> <p>Vice: Luis Augusto Araujo Nascimento</p> <p>Mandato: 27.06.2011 a 21.06.2015</p> <p>Data da Fundação: 27.06.1987</p> <p>Sede: Tv. Enéas Pinheiro , nº250 - Belém-Para.</p>
Gavião Kyikateje Futebol Clube	<p>Presidente: Pepkrakte J. Ronoré Konxarti</p> <p>Vice: Joprykatire Jokahyti Kokaproti</p> <p>Mandato: 15.03.2012 a 15.03.2016</p> <p>Data da Fundação: 15.04.2008</p> <p>Sede: Aldeia Indigena Kyikateje, nº B.Jesus - Tocantins-Pará - CEP: 68.525-000.</p>
Independente Atlético Clube	<p>Presidente: Raimunda Rodrigues de Jesus</p> <p>Vice: Francisco Marques Bastos Junior</p> <p>Mandato: 01.12.2008 a 30.01.2014</p> <p>Data da Fundação: 28.11.1972</p> <p>Sede: Rod. Augusto Monte Negro, Conj. Cohab Gl.I, nº 293 Belém-Pará - CEP: 66.623-590.</p>

Paysandú Sport Club	<p>Presidente: Luis Omar Cardoso Pinheiro</p> <p>Vice: Antonio Elias Assef</p> <p>Mandato: 02.01.2011 a 02.01.2013</p> <p>Data da Fundação: 02.02.1914</p> <p>Sede: Av. Nazaré, nº 404 - Belém-Pará.</p>
Parauapebas Futebol Clube	<p>Presidente: Laoreci Diniz Faleiro</p> <p>Mandato: 24.06.2011 a 24.06.2013</p> <p>Data da Fundação: 24.06.2009</p> <p>Sede: Rua Santa Catarina, Bairro Liberdade, nº Parauapebas-Pará - CEP: 68.515-000.</p>
Pedreira Esporte Clube	<p>Presidente: Carlos Roberto Simões Mathias</p> <p>Vice: Francisco José Costa</p> <p>Mandato: 08.11.2008 a 08.11.2010</p> <p>Data da Fundação: 07.09.1925</p> <p>Sede: Tv. Pratiqara nº 331 Mosqueiro- Belém-Pará Cep: 66.910-450.</p>
Pinheirense Esporte Clube	<p>Presidente: Raimundo Teófilo Moura dos Santos</p> <p>Vice: Renato Vitor Garcia Pena</p> <p>Mandato: 03.05.2012 a 07.12.2014</p> <p>Data da Fundação: 08.12.1925</p> <p>Sede: Rua Manoel Barata, nº 130 - Belém-Pará.</p>

Pinheirense Esporte Clube	<p>Presidente: Raimundo Teófilo Moura dos Santos</p> <p>Vice: Renato Vitor Garcia Pena</p> <p>Mandato: 03.05.2012 a 07.12.2014</p> <p>Data da Fundação: 08.12.1925</p> <p>Sede: Rua Manoel Barata, nº 130 - Belém-Pará.</p>
---------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Paragominas Futebol Clube		<p>Presidente: Jorge Luis Gonçalves Coqueiro</p> <p>Vice: Marcelo Paier</p> <p>Mandato: 06.03.2012 a 06.03.2015</p> <p>Data da Fundação: 06.03.2012</p> <p>Sede: Av. Barão de Araruna, S/Nº - Paragominas-Pará.</p>
Redenção Clube	Esporte	<p>Presidente: Jocildo Pereira Gomes</p> <p>Vice: Otávio Francisco de Araujo</p> <p>Mandato: 08.06.2009 a 08.06.2011</p> <p>Data da Fundação: 08.06.2001</p> <p>Sede: Rua Tocantins, nº 63 - Redenção – Pará.</p>
Sport Club Belém		<p>Presidente: António Gomes da Silva</p> <p>Vice: Carlos Alberto da Rocha</p> <p>Mandato: 05.12.09 a 05.12.2013</p> <p>Data da Fundação: 02.12.1965</p> <p>Sede: Rua dos Comerciantes, nº 15 - Belém-Pará.</p>
São Raimundo Clube	Esporte	<p>Presidente: Rosinaldo Batista do Vale</p> <p>Vice: Antonio de Sousa Sampaio</p> <p>Mandato: 10.08.2010 a 15.08.2013</p> <p>Data da Fundação: 09.01.1944</p> <p>Sede: Tv. Silva Jardim nº 525 - Santarém-Pará.</p>
Santa Rosa Clube	Esporte	<p>Presidente: Manoel Maria Travassos dos Santos</p> <p>Vice: Marcelo Augusto Pereira da Silva</p> <p>Mandato: 03.07.2009 a 03.07.2012</p> <p>Data da Fundação: 06.01.1924</p> <p>Sede: Rua Siqueira Mendes nº 269 - Icoaraci-Belém-Pará.</p>

São Francisco Futebol Clube	<p>Presidente: Edimar Ribeiro Azevedo</p> <p>Mandato: 15.12.2010 a 15.12.2012</p> <p>Data da Fundação: 30.10.1929</p> <p>Sede: Av. Borges Leal, nº 2694B - Santarém-Pará.</p>
Tuna Luso Brasileira	<p>Presidente: Fabiano Antonio Siqueira Bastos</p> <p>Vice: Eduardo José Gonçalves</p> <p>Mandato: 03.01.2012 a 03.01.2014</p> <p>Data da Fundação: 01.01.1903</p> <p>Sede: Av. Almirante Barroso, nº 4110 - Belém-Pará.</p>
Time Negra Carajás Club	<p>Presidente: Lindomar Miranda de Jesus</p> <p>Vice: Carlos Alberto Miranda Santos</p> <p>Mandato: 01.01.12 a 01.01.2014</p> <p>Data da Fundação: 27.06.1997</p> <p>Sede: Av. Jader Barbalho, nº 44 - Outeiro-Belém-Pará CEP: 66.843-650.</p>
Venus Atlético Clube	<p>Presidente: Elis D'Oliveira Bentes</p> <p>Vice: Claudionor Artur Macedo Baia Junior</p> <p>Mandato: 13.09.2008 a 13.09.2011</p> <p>Data da Fundação: 20.05.1949</p> <p>Sede: Rua 1º de Maio nº 1749 - Abaetetuba-Pará.</p>

O rádio teve e tem um importante papel na representação do futebol no estado, durante muito tempo foi a única maneira de acompanhar o Campeonato Paraense. Apesar da grande relevância do futebol do Pará, com estádios lotados, somente em 2010 houve a primeira transmissão televisiva do campeonato, com o incentivo do Governo do Pará, a TV Cultura e a então presidente Regina Lima assinou o contrato de direitos de imagem com os clubes e a FPF, levando recordes de audiência para a emissora.

Por meio do trabalho de Ferreira da Costa, o qual faz um resgate da história do futebol paraense por meio da pesquisa em jornais e revistas, podemos notar que o futebol conquistou seu lugar desde os primórdios nos veículos de comunicação, em cada ano aumentando o espaço para o esporte. Vale lembrar que uma das figuras mais importante para o futebol paraense também é importante para a história dos meios de comunicação no estado, o jornalista e empresário Rômulo Maiorana²⁰.

Em relação ao rádio a primeira emissora de rádio do estado²¹ com prioridade para a programação esportiva foi a Rádio Clube, Foi a primeira emissora do Norte a transmitir partidas, em 1935. Também foi a primeira a transmitir para o Norte uma partida de Copa do Mundo, a fatídica final em 1950. Interessante que um de seus fundadores também foi outra importante figura do futebol paraense: Edgar Proença²².

O rádio teve e tem um importante papel na representação do futebol no estado, durante muito tempo foi a única maneira de acompanhar o Campeonato Paraense. Apesar da grande relevância do futebol do Pará, com estádios lotados, somente em 2010 houve a primeira transmissão televisiva do campeonato, com o incentivo do Governo do Pará, a TV Cultura e a então presidente Regina Lima assinou o contrato de direitos de imagem com os clubes e a FPF, levando recordes de audiência para a emissora.

No estado do Pará o futebol está presente no cotidiano e pode ser percebido nas mais diferentes manifestações. É comum pessoas com as camisas dos times, os escudos e símbolos dos times em lugares públicos, bandeiras na frente de suas casas, até mesmo casas inteiras pintadas com as cores que representam o “time do coração”, principalmente envolvendo a maior rivalidade do estado: Paysandú e Remo. Conhecido como RExPA ou clássico rei da Amazônia, os clubes também possuem a maior torcida do estado, esses clubes que possuem a maior quantidade de títulos regionais e nacionais.

O futebol é uma modalidade esportiva carregada de sentidos para a sociedade brasileira. Guterman (2010) analisou as mudanças históricas na sociedade brasileira por meio do esporte, defendendo a ideia que ao estudar o fenômeno futebol no país pode ajudar a entender o Brasil. No livro “O futebol explica o Brasil”, Marcos Guterman

²⁰ Fundador das Organizações Romulo Maiorana, hoje um enorme conglomerado midiático.

²¹ Fundada em 1928

²² Edgar Proença por sua importância no futebol paraense foi homenageado dando nome ao Estádio Olímpico do Pará, popularmente conhecido como Mangueirão.

mostra como diferentes momentos políticos e sociais podem ser percebidos olhando os momentos históricos pelos quais passava o futebol.

O que este livro mostra é o futebol, pelo contrário, não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil paralelo”. É pura construção histórica, gerando parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil (GUTERMAN, 2010, p. 9).

A relação do esporte com o Brasil está enraizada na cultura nacional, o país é frequentemente chamado de o “País do futebol” pela mídia e pela sociedade. Gastaldo (2004) escreve que o “futebol é hoje um dos principais emblemas da identidade brasileira, junto com o samba e as religiões afro-brasileiras”. O Brasil declarado como ‘o país do futebol’ é um discurso construído historicamente na sociedade, não só pelas vitórias da seleção brasileira, única pentacampeã do mundo, mas também por outros discursos, os quais ultrapassam a competência esportiva. Fatores políticos, econômicos e midiáticos também estão presentes para a construção e reafirmação desse discurso e ligam-se diretamente na constituição do futebol como matriz cultural brasileira, presentes na memória popular.

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros (GUTERMAN 2010, p.9).

José Sebastião Witter (1990) observa que uma das dificuldades ao se falar de futebol, é porque geralmente “se trata de uma escolha inicial, já entranhada, onde o afeto predomina e a paixão é cega” – dificilmente um brasileiro não terá uma opinião sobre o futebol, para o bem ou para o mal, é um esporte que faz parte do cotidiano do brasileiro – seja na televisão, nos campos, em praças, na rua, no estádio ou no colégio.

O que é o Futebol? – eis uma pergunta que não se faz a qualquer um. Trata-se de algo muito maior que um conjunto de regras nem sempre respeitadas; é mais que nossa presença nas arquibancadas, nos dias de clássico; situa-se muito além do simples roubo (Japiassu, 1990, p.20).

Uma maneira de notar o vínculo entre futebol e sociedade está diretamente ligado com os acontecimentos do esporte, os quais rompem com a rotina da sociedade fazendo emergir a relação do futebol com os sujeitos torcedores, por exemplo, em dia de jogo.

Em um cenário nacional (Seleção do Brasil), durante a Copa do Mundo da Fifa, predominam a criatividade e a paixão para fazer a “torcida mais bonita” do planeta. Os sentimentos de emoção e expectativas são percebidos em diferentes lugares, empresas chegam a alterar seus horários de expediente e colocar televisões para que todos possam ver o jogo e depois retomar as atividades.

Em tempos de copa do mundo os reflexos estéticos são notórios nas ruas: casas, supermercados e lojas enfeitadas. Em camisas estilizadas, bandeiras, faixas, objetos decorativos e acessórios. O verde e amarelo predominam até mesmo nas unhas femininas, tais comportamentos e atitudes são estimulados também pelas campanhas publicitárias (GASTALDO, 2002).

Por que isso acontece? O que leva essa população a consumir o futebol? Segundo Canclini (2010), o “consumo constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade”, logo não se “compra” sem motivo, tudo está diretamente ligado ao contexto social do sujeito. A população consome futebol, pois faz parte do seu contexto social: torcer por um time, usar o uniforme, comprar uma bandeira, ligar a tevê para ver o programa de esporte, ir ao campo, sentar numa mesa de bar para ver o jogo com os amigos são ações sociais, que nos permitem perceber a relação do torcedor com o futebol.

Nesse ponto percebemos que antes de entrarmos nos discursos sobre o futebol indígena no audiovisual, devemos primeiramente perceber como o futebol se constitui dentro do espaço da cultura na/da sociedade brasileira, ao invés de prematuramente classificar o futebol enquanto cultura de massa. Para tal, utilizaremos o movimento proposto por Jesús Martín-Barbero (2009), o qual pensa os processos sociais “a partir da hegemonia pela qual se luta, na qual se constituem classes e se transforma incessantemente a relação de forças e sentidos que compõe o drama social” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.131).

Esse pensamento configura uma dupla ruptura: com o positivismo tecnologista e com o etnocentrismo culturalista, ruptura que condiz com o paradigma relacional, no qual situamos a nossa pesquisa. Nessa perspectiva para pensar a cultura deve-se

contextualizar outras áreas como a política, a economia e a história, somente assim, caminharemos no sentido de perceber o futebol enquanto matriz cultural, tal como a telenovela no Brasil.

Essa dupla ruptura ressitua os problemas no espaço histórico dos deslocamentos da legitimidade social que conduzem da imposição da submissão à busca do consenso. E assim já não resulta tão desconcertante descobrir que a constituição histórica do massivo, mais que à degradação da cultura pelos meios, acha-se ligada ao longo e lento processo de gestão de mercado, do Estado e da cultura nacionais, e aos dispositivos que nesse processo fizeram a memória popular tornar-se cúmplice com o imaginário das massas (MARTÍN-BARBERO 2009, p.131 e 132).

O futebol não é somente um jogo. Existe por trás do jogo um sistema político e econômico que sustenta o esporte e influencia diretamente na relação esporte-sociedade. Existem instituições responsáveis por regulamentar o futebol, com papel fundamental nas decisões sobre futebol em/por todo o mundo, afinal no esporte também existem regras e punições; normas estabelecidas.

No ano de 2014, o Brasil foi sede do maior evento de futebol do planeta: a copa do mundo da Fifa²³. Este evento intensificou mundialmente as abordagens midiáticas sobre o futebol. No Brasil, este esporte, e seus diferentes enfoques, possui cotidianamente espaços de destaque nos meios de comunicação. Entendemos, a partir de Martín-Barbero (2009), que o futebol se configura enquanto forte elemento cultural e ressalta uma forma de nacionalismo brasileiro.

Entendemos que a Copa do Mundo de 2014, contribuiu para a ruptura deste silêncio, pois propiciou o aparecimento de matérias televisivas cuja pauta principal era a relação entre o futebol e as sociedades indígenas.

O evento intensificou as expectativas em torno da seleção do país e a noticiabilidade do esporte nas mídias. Este acontecimento propiciou mais visibilidade sobre as relações entre o futebol e as diferentes sociedades brasileiras.

²³ A Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) é uma associação de direito suíço criada em 1904 e com sede em Zurique . Ele tem 209 associações-membro e seu objetivo, consagrada nos seus Estatutos, é a melhoria constante de futebol. FIFA emprega cerca de 310 pessoas em mais de 35 países e é composto de um Congresso (órgão legislativo) , o Comitê Executivo (órgão executivo) , Secretaria-Geral (órgão administrativo) e comissões rápidas (apoiar a Comissão Executiva). Fonte: (www.fifa.com)

Entendemos a Copa do Mundo de 2014 como um acontecimento (FRANÇA, 2012), pois ele rompeu com o cotidiano regular da sociedade brasileira. Para França (2012), um evento pode ser compreendido como um acontecimento quando ele provoca a quebra da rotina de uma sociedade. No caso da Copa do Mundo 2014, mais do que a já esperada alteração nos horários de trabalhos para ver a seleção jogar, os símbolos coloridos que decoravam as ruas e as notícias nas mídias, as cidades sedes dos jogos mudaram seus calendários e decretaram feriado nos dias de jogos.

De acordo com França (2012, p.47), o acontecimento “desorganiza o presente, instala uma temporalidade estendida, convoca um passado com o qual ele possa estabelecer ligações, anuncia futuros possíveis”. O acontecimento nos possibilita “ver mais que discursos, permite perceber os discursos dando forma, configurando, organizando sentidos dispersos, contraditórios, anárquicos suscitados por ocorrências, ações, intervenções” (FRANÇA, 2012, p.46).

Entendemos, a partir de França (2012), que o acontecimento Copa do Mundo 2014, nos permite analisar como os discursos sobre as relações entre o futebol e as sociedades indígenas foram materializados neste contexto histórico, e observar as suas regularidades e dispersões (FOUCAULT, 2008).

Como o Brasil “respirava” o evento, este contexto histórico foi bastante propício para que os programas nacionais no ano de 2014 diferentes matérias sobre o futebol, dando possibilidade do aparecimento de discursos antes silenciados. A presença do futebol nas sociedades indígenas amazônicas dificilmente ganharia destaque nestes programas de entretenimento se não fossem as condições de possibilidades históricas propiciadas por este acontecimento.

Outro acontecimento no ano de 2014 foi a chegada do time Gavião ao primeiro turno do campeonato paraense, um discurso constantemente repetido pela mídia. O tema foi escolhido porque notamos que os discursos sobre o Gavião Kyikatejê emergem na mídia diferente do tradicional.

2.2 DO FUTEBOL (INDÍGENA) COMO OBJETO DE PESQUISA

Antes de pensar a representação indígena por meio do futebol na mídia é necessário perceber como se constrói a trajetória acadêmica nos estudos brasileiros

desses dois objetos, isso nos auxilia para a construção do nosso olhar de pesquisador, tentando não perder de vista nosso lugar na comunicação.

Nosso objetivo é perceber como ocorre a construção do pensamento acadêmico sobre futebol e mídia na sociedade brasileira, para tal faremos uma visita de cortesia, “uma tarefa obrigatória e necessária para se estabelecer as diferenças e/ou semelhanças entre as pesquisas e a proposta aqui apresentada” (LIMA, 2010, p.17).

Veremos os estudos que contribuem para observar o esporte como um processo complexo, prestigiando pesquisas sobre o futebol enquanto “drama” da vida social, ou seja, o esporte como forma de perceber a sociedade e um importante campo de disputas de saber e poder.

O futebol demorou a chamar atenção das pesquisas acadêmicas no Brasil, no final da década de 70 as publicações sobre o tema alertavam para o “descaso” das ciências sociais para com o fenômeno cultural. Como foi o caso do artigo publicado em 1978, pelo antropólogo e professor de comunicação José Carlos Rodrigues, o qual questionava sobre a relação inversamente proporcional da importância do esporte para o cotidiano do brasileiro e sua pouca observação pelos pesquisadores sociais, como afirma Ronaldo Helal:

O tal “descaso” das ciências sociais com o futebol no país dava margem para que Rodrigues afirma-se, no mesmo parágrafo, que ele (o descaso) seria “por si só um assunto revelador no campo da sociologia da ciência e das relações de saber e poder no Brasil” (HELAL, 2011, p.13).

Ronaldo Helal (2011 e 2012) ao discutir sobre o surgimento e consolidação dos estudos sobre o futebol e sua relação com o campo da comunicação nos fornece pelo menos duas correntes para pensar as pesquisas sobre futebol no Brasil, como: “ópio do povo” e como “drama” da vida social.

Podemos dizer que os autores considerados da corrente referente ao “ópio do povo” percebiam o futebol como um aparelho de alienação dos dominados, Ronaldo Helal nomeia essa perspectiva como “apocalíptica” utilizando os termos de Umberto Eco. Nesse período os estudos acadêmicos no Brasil passavam por uma grande influência das ideias do Marxismo.

A literatura acadêmica sobre o futebol brasileiro começou a se constituir alguns anos após o livro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, organizada por Roberto DaMatta e publicado em 1982. Até aquele momento, os estudos eram escassos e havia uma tendência a se utilizar perspectiva “apocalíptica”, nos termos de Eco (1979), influenciada pelo marxismo, que considerava o futebol variante do ópio dos povos, poderosa força de alienação dos dominados (HELAL, 2011, p.14).

Na visão apocalíptica, Helal (2011 e 2012) cita como a obra mais emblemática dessa corrente: “Futebol: ideologia do poder” (1984), do autor Roberto Ramos, o qual utiliza do esquema Althusseriano²⁴ para perceber o futebol como um dos aparelhos ideológicos mais eficazes do poder junto com os meios de comunicação de massa.

No esquema Althusseriano, a escola seria a principal vilã – o correspondente do que teria sido a Igreja na Idade Média. Althusser se baseava no sistema educacional da Europa. No caso brasileiro e latino-americano, os meios de comunicação foram apontados como o principal aparelho ideológico. Já para Ramos, o futebol seria um dos aparelhos ideológicos do estado que contribuiria para a perpetuação do regime, impedindo a consciência crítica e “docilizando” as massas. Assim, junto com os meios de comunicação de massa, o futebol seria um destes aparelhos ideológicos mais eficazes do poder (HELAL, 2012, p.142).

Ronaldo Helal destaca como exemplo da visão apocalíptica mais três artigos do ano de 1978: “o rei e o mito” de José Carlos Rodrigues, “Na CBD até o Papagaio Bate Continência” de Joel Rufino dos Santos e “A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: Seleção Brasileira de Futebol – 1978” de Jacob Klintonowitz. Ao abordar essas pesquisas, Helal se preocupa em perceber os pontos positivos para além da visão pessimista.

Desde a era Vargas o futebol passou a ser usado como instrumento identitário brasileiro, sendo moldado de acordo com os princípios do governo e associado aos meios de comunicação. A “militarização” da seleção era associada à imagem do futebol como uma distração para os “reais” problemas brasileiros. Joel Rufino dos Santos, Jacob Klintonowitz remetem a esse discurso sobre a seleção e a questão política. Criticavam a falta de negros e o excesso de “obediência” para com a Ditadura Militar.

²⁴ Por meio do livro: *Ideologia e Aparelhos de Estado* de Louis Althusser. Segundo Ronaldo Helal (2011) a obra que fez muito sucesso no Brasil, principalmente nas escolas de comunicação.

José Carlos Rodrigues também compartilha dessa imagem “militarizada” da Seleção, todavia ao analisar o ritual de despedida do Pelé da Seleção Brasileira, por meio de matérias jornalista identifica que os discursos induzem “ao raciocínio de que a sociedade brasileira seria democrática, livre, sem problemas raciais, lugar onde as regras do jogo seriam as mesmas para todos” (HELAL, 2011, p. 15). A despedida do herói é vista pelas estratégias políticas e comunicacionais nacionais.

Entretanto, o artigo de Rodrigues por mais “apocalíptico” que seja também elucida pensar a questão ritualística do esporte, hoje um tema recorrente nos estudos acadêmicos sobre o esporte na perspectiva de “drama social”. O ritual que envolve o futebol é de fundamental importância para percebê-lo como cotidiano social, pois são essas diferentes práticas que nos mostram as relações estabelecidas pelos sujeitos envolvidos nesse campo discursivo.

Os discursos sobre futebol emergem nos estudos acadêmicos brasileiro no final da década de 70, mesmo período que a sociedade brasileira vivia o êxtase do tricampeonato da seleção de futebol brasileiro em Copas do Mundo. E os discursos sobre futebol ganhavam novas formas nos meios de comunicação audiovisual, tendo em vista que foi em 1970 que a primeira Copa televisionada ao vivo, em cores, para o Brasil. Depois da Copa de 70 no México, a seleção brasileira só voltou a ganhar o mundial em 1994. Esse período trouxe muitos questionamentos sobre o futebol brasileiro e seu possível fim.

O livro de Muniz Sodré “O monopólio da fala (1977)”, considerado fundamental para o campo das teorias comunicacionais no Brasil (HELAL, 2012) dedica o último capítulo ao futebol. Embora considerado também apocalíptico, Sodré aborda o torcedor como parte do espetáculo e também nos induz a pensar o futebol como um processo complexo, diferente de uma relação dicotômica entre dominados e dominantes.

Para Helal (2012) esse capítulo de Sodré pode ter sido a primeira análise acadêmica do futebol pensado por meio da Teoria da comunicação. O início dos estudos do futebol como “drama” da vida social brasileira foi na antropologia e na história que por suas metodologias passaram a abordar o esporte pela vivência de dentro, ou seja, percebendo esse fenômeno esportivo pelos sujeitos que nele estão inseridos.

O livro “Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira”, organizado por Roberto da Matta, em 1982, foi o “pontapé” inicial para “a formação estrutural dos

estudos acadêmicos sobre futebol no Brasil, utilizando perspectiva ritualística, procurando entender o fenômeno como ‘drama’ da sociedade brasileira” (HELAL, 2012, p.18).

Os artigos presentes no livro questionam o futebol como o “ópio” do povo, abordando o esporte como um meio de entender as relações sociais brasileiras, reivindicando uma sociologia do esporte, destacando que futebol permite expressar uma série de problemas nacionais.

Nos artigos temas como a relação de fãs com ídolos, o sentimento de pertencimento brasileiro por meio do populismo e do nacionalismo, a carreira e o sonho ao redor da imagem dos jogadores de futebol, são expostos para pensar as representações sociais do cenário do futebol no Brasil e a relevância dos eventos esportivos e as conquistas da seleção para a sociedade.

O livro organizado por Muniz Sodré contribuiu “significativamente para o início da construção estrutural do campo acadêmico sobre o futebol no país, em um momento em que o Brasil iniciava sua jornada rumo ao regime democrático (...) em contraste com a perspectiva ‘apocalíptica’” (Helal, 2012, p. 21).

Hoje o futebol no Brasil acumula vasta bibliografia: romances, textos jornalísticos, crônicas, poesias, músicas e podemos dizer possui um campo já reconhecido nas pesquisas acadêmicas. Entre os grupos de pesquisa podemos destacar o Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio (UERJ), fundado em 1990, por Maurício Murad que teve um importante papel para a formação do campo de pesquisa em futebol no Brasil. Outros grupo de pesquisa também ganha destaque que “Comunicação, Esporte e Cultura”, coordenado por Ronaldo Helal, fundado desde 1998 da UERJ.

O campo acadêmico em torno dos estudos sobre o futebol já está consolidado. Os diversos estudos a respeito do tema demonstram a fertilidade do fenômeno e comprovam sua possibilidade de ser abordado por ângulos de análise [...] Observamos com satisfação que o tema envolvendo “comunicação e esporte” cresce vertiginosamente [...] A trajetória do campo inicia paradoxalmente como crítica à escassez de estudos sobre fenômeno tão abrangente no país, e se consolida com a proliferação de trabalhos em vários grupos e núcleos de estudo (HELAL 2012, p.31 e 32).

De modo geral, o esporte faz as pessoas se relacionarem. Prova disso é o modo como ele pauta os meios de comunicação. Entre as tantas modalidades que existem, o futebol é considerado o esporte mais famoso do mundo (MURAD, 2012) e que ocupa um lugar especial no cotidiano do brasileiro, como já ressaltamos.

O futebol é a modalidade esportiva que mais aglutina gente em todo o planeta. Além de atletas profissionais, envolve direta ou indiretamente bilhões de pessoas entre praticantes amadores, atletas semiprofissionais, profissionais de diversas carreiras, ocupações e serviços e, sobretudo torcedores. Vários são os fatores que ajudam a entender sua imensa e variada popularidade mundial, como atestam estudos e levantamentos feitos por especialistas. Trata-se da modalidade desportiva mais espontânea (pode ser jogado em qualquer espaço) e imprevisível (porque é jogado com os pés), mais simples e barata (não exige muito equipamento esportivo), além de estável (suas 17 regras são universais, existem há muito tempo e quase nunca mudam) e democrática (qualquer um, com qualquer tipo físico, cor de pele, classe social ou cultura pode jogar – e bem – o futebol) (MURAD, 2012, p. 20).

Não só o jogo reúne pessoas, mas toda a organização que envolve o esporte que está diretamente ligada a prática de cada sujeito-torcedor de se relacionar com o futebol que pode ser o tradicional e conhecido carinho ao seu time mostrado por meio da compra de camisas; bandeiras; faixas; objetos decorativos e acessórios, tatuagens ou também pela vaia no campo para o time adversário. O futebol (co)move milhões e pode ser visto como um processo socializador que conta com um dos aspectos mais importantes da sociedade: a coletividade, sendo assim o futebol pode ser visto como um organizador da vida social (ROMERO et al., 2011).

Entendemos que o futebol está diretamente ligado ao conjunto de ações sobre torcer. Necessariamente precisa estar relacionado a alguém ou a alguma coisa, “o sujeito torce por”. No futebol, torcer por um time significa fazer parte de algo, “parte de uma nação”, como alguns comentaristas esportivos gostam de chamar. O que nos leva a pensar que torcer por um time ou uma seleção de futebol está diretamente relacionado com o sentimento de pertencimento, ser parte de algo: usar a camisa de um time, carregar uma bandeira, chorar, sorrir, cantar, gritar, comemorar, enfim; torcer é

identificar-se, em se tratando de futebol: torcer é estabelecer vínculos, compartilhar, interagir. De acordo com Dicionário da Língua Portuguesa, torcer significa:

Torcer v.t. **1.** Obrigar a se volver sobre si mesmo ou espiral. **2.** Vergar, entortar **3.** Deslocar; desarticular. **4.** Desvirtuar, distorcer. **5.** Fazer mudar de rumo ou de tensão; desviar. **6.** Fazer ceder, sujeitar. T.c. **7.** Desviar-se, apartar-se. **8.** Bras. simpatizar com um clube esportivo, incentivando os jogadores com gritos, gesticulações e etc. **9.** Dar volta. **10.** Submeter-se, sujeitar-se. **11.** Acompanhar a ação de alguém com simpatia e desejo de bom êxito. P. **12.** Dobrar-se, vergar-se. **13.** Contorcer-se, contrair-se. (FERREIRA et al., 1993).

Gastaldo (2004, p. 2) propõe que “hoje em dia, é inconcebível pensar o universo do esporte-espetáculo sem sua apropriação midiática”, esse relacionamento mídia-esporte pode ser percebido em vários níveis, aqui citaremos dois: primeiro notamos que a tecnologia avança ganhando grande destaque na linguagem dos grandes meios de comunicação e na vida do torcedor. As transmissões televisionadas dos jogos de futebol mostram como as ferramentas da tecnicidade são acopladas a uma linguagem comunicativa - com câmeras que alcançam diversos ângulos e possibilitam os *replays* primordiais ao sucesso da transmissão, diminuindo as possibilidades de erros por parte dos comentaristas, e os famosos e esperados tira-teimas²⁵. É um conjunto de recursos para que o torcedor/espectador se satisfaça na hora do jogo, seu principal momento de *clímax* de toda essa teia de ligações, é como costumamos ouvir popularmente: a principal função de um time de futebol é jogar!

Silva e Telles (2011) também escrevem sobre a dificuldade de se pensar o esporte desvinculado de suas apropriações midiáticas, em especial a apropriação da linguagem televisiva – tão presente na memória da sociedade, a qual exerce influência diretamente na maneira do sujeito de pensar a imagem do jogo. Para os autores um dos principais fatores foi “o bombardeamento imagético que sofremos a partir da última metade do século passado acabou por nos programar a pensar o futebol segundo suas molduras midiáticas” (SILVA;TELLES , 2011, p. 2). Segundo os autores, esse cenário configura um novo ethos futebolístico, o qual para nós pode ser percebido segundo as apropriações

²⁵ Um recurso usado por emissoras, repetindo uma imagem do jogo para conferir se os jogadores estavam em posição de impedimento.

e ressignificações dos símbolos do futebol pelos meios de comunicação, em especial da característica espetacular do esporte.

Em segundo lugar, desde que o futebol se tornou espetáculo midiático, ilustrando páginas dos jornais e depois sendo transmitido pela rádio, que o torcedor ganhou uma outra maneira de trazer o esporte para o seu cotidiano. As tecnologias e os meios de comunicação são parte importante das características que envolvem as formas de torcer e de se relacionar. É comum encontrar no campo de futebol - torcedores com o fone de ouvido, nos dias atuais ligados em celulares multifuncionais - acompanhando o rádio ou até mesmo a televisão, cabe ressaltar que o tradicional “radinho de pilha” ainda se faz presente. A produção de sentidos nos processos sociais também é construída pelas estratégias dos meios de comunicação e das mídias, ou seja, os sentidos do esporte no social estão carregados de significados construídos a partir dos diferentes meios de comunicação (FRANÇA, 2008).

Uma justificativa para esse cruzamento entre cultura e comunicação pode ser dada por conta da necessidade de se compreender como as transformações nas práticas de comunicação afetam a maneira de se pensar e viver o mundo (CAUNE, 2012, p. 4).

É comum encontrar a palavra futebol relacionada com espetáculo, uma breve pesquisa pelo site de busca da Google, usando as duas palavras (futebol e espetáculo), obtivemos 1.570.000 resultados. Entre os resultados: textos acadêmicos, em diversas áreas de conhecimento (comunicação, educação física, psicologia, sociologia e etc.). De fato, não é difícil encontrar essas duas palavras juntas, em especial nas páginas do jornal impresso, na narração do radialista, no nome de programa ou título de matérias jornalísticas, em frases publicitárias e na ‘boca’ do torcedor.

A incorporação do esporte pela indústria cultural intensifica as características espetaculares, tornando-o um evento para ser assistido, mesmo que o sujeito nunca o tenha praticado (GASTALDO, 2003, p. 6). É essa incorporação que transforma os jogos em bens simbólicos apreciáveis e rentáveis e cria sistemas de representação que dão vida ao drama de seus apreciadores (DAMO, 2014). Arlei Damo (2014) nos orienta a pensar o

futebol espetáculo hoje, não se restringe somente ao jogo, mas toda a rede de representações e especulações que existe em torno do futebol com a sociedade.

Por exemplo, o jogador de futebol ocupa lugar de destaque nas mídias, podemos notar que a figura do jogador hoje, não é apenas o sujeito “craque de bola”, mas também aquele sujeito o qual aparece em propaganda publicitária, seu estilo pode virar mania, participa de programas de televisão, enfim, o jogador de futebol é ídolo e celebridade e por isso ocupa espaços em diversas mídias. Tratar de futebol no Brasil é um grande desafio, principalmente se o objetivo é olhá-lo pelo viés comunicacional e cultural, um território de fronteiras flexíveis.

O futebol é do mundo, do Brasil e do Norte, mas o futebol para além de um esporte é uma ferramenta que permite a interação. Braga (2011b) escreve que a comunicação é a maneira que a sociedade interage com a sociedade, e é preciso se levar em consideração todos os dispositivos utilizados que influenciam no social, sem deixar de olhar o dispositivo e relacionar com o contexto que se dá dentro e fora – o fluxo comunicacional.

Estudar o futebol pode ajudar a estudar as ciências no Brasil, Wilson Bueno (2011) chama a atenção para a pouca bibliografia sobre comunicação e esporte no Brasil e coloca que os estudos se concentram principalmente no campo da história. O pesquisador ressalta também que no Norte brasileiro não encontrou qualquer grupo, cadastrado no CNPq, que apresenta como foco ou linha de pesquisa comunicação e esporte.

Pelo modo como está entranhado na sociedade brasileira, na cultura brasileira e também pelo modo como dá insumos midiáticos (cabe lembrar as transmissões dos jogos, a enorme variedade de programas e até canais inteiros dedicados ao assunto), poderíamos sustentar – a título de provocação, pelo menos – que o futebol é um fenômeno talvez mais digno de atenção dos interessados na área da Comunicação do que a própria telenovela, mais, até mesmo, do que as redes sociais (dois temas/ objetos de estudos muito presentes na área, um deles, o primeiro historicamente muito presente, o outro, o segundo, o assunto da vez) (SILVEIRA; TELLES, 2011, p.3).

Acreditamos que observando o clube Gaviões Kyikatejê nas matérias nos ajuda a pensar como os discursos sobre os indígenas estão presentes nas redes de memórias na sociedade brasileira e como os discursos sobre futebol é relacionado com a sociedade. O futebol é um aspecto cultural, para além de características nacionais possui especificidades locais, não necessariamente exclusivas, mas que enfatizam traços regionais.

José Luiz Braga (2004) escreve que os pesquisadores de comunicação devem desentranhar o objeto do magma “transdisciplinar” e por isso propõe perspectivas dos estudos das interfaces para privilegiar a construção do campo e buscar o que é propriamente comunicacional, porém não o isolando, pois o objeto está nas coisas do mundo e não existe em seu estado puro. É nesse ponto que o professor compreende a comunicação como interações sociais, chamando atenção para não nos fecharmos e mesmo que usemos de aportes de outras áreas, precisamos saber de onde estamos falando.

Pensar o futebol nessa perspectiva, nos leva aos primeiros indícios que configuram o esporte como um processo complexo: 1) a característica coletiva, a capacidade do futebol de agrupar sujeitos em diferentes lugares nos faz acreditar no seu potencial de fazer interagir a possibilidade comunicacional 2) os diferentes discursos sobre o tema que circulam nos meios de comunicação, reflexos da demanda sobre futebol requerida pela sociedade.

O futebol é um jogo regulamentado, uma interação complexa onde cada jogador deve ajustar sua própria conduta à conduta dos outros e as regras do jogo. Em si mesmo, enquanto prática esportiva, um jogo é uma interação – mas não necessariamente uma interação comunicativa (...) o futebol é permanentemente atravessado por interações comunicativas: cada jogo, cada situação vivida no campo e em torno dos jogos se vê desdobrada e cercada de comunicação de todo tipo (FRANÇA, 2008, p.87).

O futebol é um espaço com códigos e símbolos próprios desenvolvendo assim uma linguagem própria dos sujeitos que dele participam. Por exemplo, frases sobre as jogadas em campo, como: gol de gaveta e caiu na área é pênalti sendo ditas no cotidiano usadas em situações que remetem ao sentido dessa cena em uma partida de futebol.

Para compreendermos o que já se falou sobre futebol no Pará e as relações entre esta prática esportiva e as sociedades indígenas fizemos um levantamento de pesquisas acadêmicas que trazem como temas centrais de estudo o futebol paraense e o futebol como parte do cotidiano das sociedades indígenas.

Encontramos apenas cinco trabalhos que desenvolvem um desses temas. Em relação ao futebol paraense, Magalhães (2008), docente do curso de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), desenvolveu um artigo intitulado "Memória, Futebol e Mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense". No artigo, Magalhães (2008) escreve sobre o processo de construção do futebol feminino na capital paraense, com ênfase para a participação feminina nesse esporte, no contexto de redemocratização no Brasil. A autora destaca o processo de oficialização dessa categoria na primeira metade da década de 1980, estendendo-se até a primeira metade do século XXI.

Já em relação ao futebol e sociedades indígenas, encontramos um artigo de Rodrigues (2013), discente do Programa de Pós Graduação em História, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), intitulado "Notas introdutórias sobre o futebol enquanto elemento de sociabilidade indígena". No artigo, o autor pesquisa sobre a importância do futebol para a cultura indígena e as distintas possibilidades de representação cultural que o futebol pode apresentar no interior de uma etnia.

Encontramos apenas uma dissertação que estuda a presença do futebol em uma sociedade indígena. Firmino (2012), discente do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desenvolveu a pesquisa intitulada "O Jogo de Futebol e o Jogo das Relações entre os Laklãñ/Xokleng". Nesta dissertação, Firmino buscou compreender o futebol na formação corporal da sociedade indígena Laklãñ/Xokleng da Terra Indígena Laklãñ, em Santa Catarina.

Já Costa (2013), discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), desenvolveu a tese de Doutorado intitulada "Ikindene Hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no alto Xingu". A pesquisa é um debate antropológico sobre práticas esportivas realizadas entre a sociedade indígena Kalapalo, da aldeia Tanguro, localizada no Alto Xingu. Esta dissertação visa compreender o espaço simbólico destinado a várias modalidades esportivas na aldeia, entre eles o futebol.

Já Viana (2001), discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), realizou a pesquisa de dissertação intitulada "A bola, os "brancos" e as toras: futebol para índios Xavantes". Nesta dissertação, Viana analisou a relação do povo indígena Xavantes com o futebol e descreveu a multifacetada presença dessa prática esportiva na vida contemporânea desta sociedade indígena.

Salientamos que estas pesquisas foram desenvolvidas no campo da Educação, da História e da Antropologia. Sendo este último campo, por exemplo, fundado numa ideia de alteridade que colocava os povos estudados como primitivos e menos desenvolvidos. Atualmente, esta configuração inicial do campo da antropologia já mudou bastante, entretanto, salientar esse processo inicial de construção é importante para mostrar o lugar ocupado por essas sociedades subalternizadas no campo científico.

Ao levantarmos as pesquisas sobre futebol paraense e sobre futebol praticado em sociedades indígenas, entendemos que há uma carência, no campo da comunicação, de estudos sobre este esporte e, principalmente, sobre as relações estabelecidas entre o futebol do norte do Brasil e uma sociedade indígena.

Por isso, esta nossa pesquisa é uma contribuição significativa para o campo comunicacional, visto que trata das produções discursivas no contexto midiático e de suas relações com as sociedades indígenas amazônicas.

CAPÍTULO 3 – GAVIÃO KYIKATEJÊ: UM TIME CONSTRUÍDO ENTRE RECORRÊNCIAS E DISPERSÕES

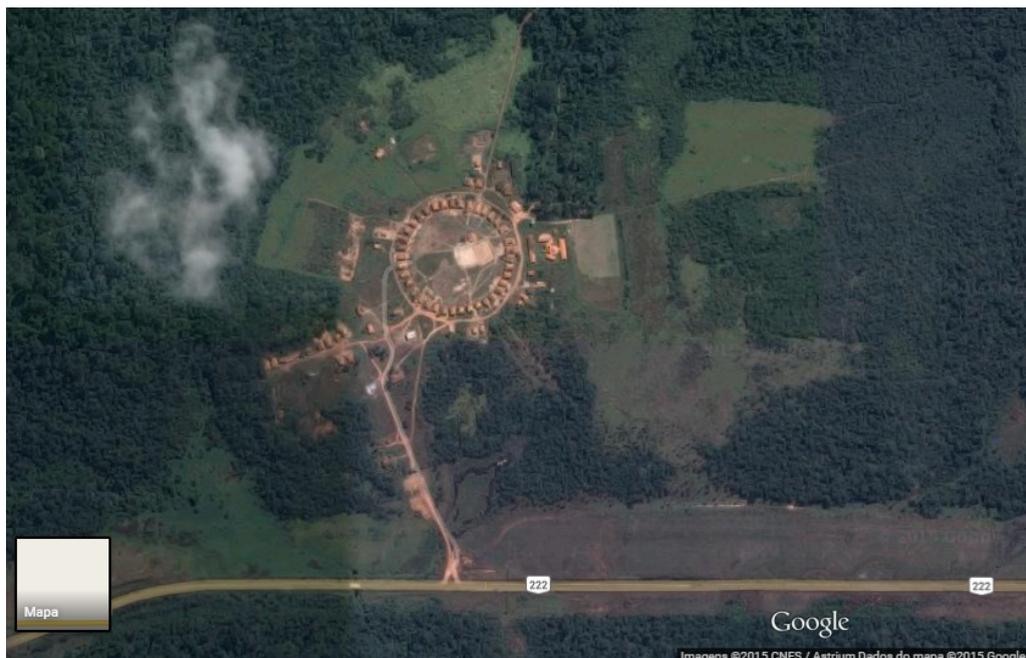
Nosso terceiro capítulo apresenta a análise das matérias que compõem o nosso corpus. Discutimos as recorrências e dispersões nas formas como tais conteúdos audiovisuais constroem a imagem do time Gavião Kyikatejê. Entretanto, em princípio, apresentamos uma breve panorama da sociedade indígena Kyikatejê, a fim de explicar questões pertinentes à análise proposta nas seções ora desenvolvidas.

Neste capítulo, utilizamos os conceitos e categorias analíticas disponibilizadas na caixa de ferramentas do método arqueológico. Mostramos como as materialidades analisadas se inscrevem em redes de memória que conformam a maneira como os indígenas são discursivizados em nossas sociedades ocidentais.

Tais discursos recorrem a memórias presentes já desde o processo colonial do Brasil, em que os indígenas eram apresentados como seres primitivos, bárbaros, com uma cultura rudimentar e atrasada se comparado com o colonizador europeu.

3.1 GAVIÃO KYIKATEJÊ PARA ALÉM DA BOLA

Imagem 6 – Aldeia Kyikatejê vista por satélite no site do Google.



(Fonte: www.google.com)

A Aldeia Kyikatêjê fica localizada na Terra Indígena Mãe Maria²⁶ (RIMM), Município de Bom Jesus do Tocantins, estado do Pará. A RIMM é formada por uma área de 62.488,4516 hectares, onde residem três etnias indígenas: os Parkatêjê, os Kyikatejê e os Akrâtikatêjê. O povo Gavião, como são conhecidos são classificados como Timbira, da família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

Os povos denominados Timbira, família linguística Jê, estão situados nos estados do Pará, Maranhão e Tocantins. Atualmente são representados pelos Apinayé, Krahô, Krikati, Gavião Pykobjê, Gavião Parkatejê, Canela Apanjekra, Canela Ramkokamekra, Krepynkatejê, Krênjê e que englobam, nestas denominações genéricas e construídas na relação de contato com a sociedade nacional, um conjunto de subgrupos, antes

²⁶ A Reserva Indígena Mãe Maria foi homologada pelo decreto nº 93.148 de 20 de agosto de 1986.

autônomos politicamente, como os Põncatejê, Pihàcamekra, Mãkraré, Pãrecamekra, Kênkatejê, Xàcamekra, Crôreamekra, Carencatejê, Cykoyõre, entre outros. Estes etnônimos continuam atuais e se manifestam ritualmente e em cisões de aldeias. (site: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/>)

A presença dos não indígenas sempre foi cercada de tensão, a trajetória da Terra Mãe Maria é marcada por conflitos pelos direitos territoriais e culturais (SANTOS, 2012, ARAÚJO, 2008, FERRAZ, 1984). Leopoldina Araújo (2008, p.4) explica:

Desde os anos 20 do século passado, o território onde viviam os então chamados “gaviões” começou a ser invadido, por conta dos castanhais; Nos anos 60 - 1967 – foi traçada uma rodovia (a PA 70, hoje BR 222) que cortou de leste a oeste o seu território, unindo a cidade de Marabá à Rodovia Belém-Brasília; Nos anos 70 - 1977 – uma outra rodovia (PA150) agrediu o sudoeste da área e a Eletronorte obteve, por Decreto (80.100 de 8/08/1977) autorização para construir a linha de transmissão entre Marabá/PA e Imperatriz/MA, atravessando a Reserva Indígena Mãe Maria; Nos anos 80, foram duas as agressões ao território: a instalação das torres de transmissão de Tucuruí; a ferrovia Carajás-Ponta de Madeira [Itaqui/MA] (1982).

Leopoldina Araújo escreve que esses ataques ao território indígena interferiram para o maior contato com o não indígena, na língua Jê: Kupê. A autora identifica que esses eventos “impuseram a presença sempre maior da língua portuguesa, depreciando o uso da língua tradicional, percebida como insuficiente para os novos relacionamentos que se estabeleciam” (ARAÚJO, 2008, p.4). Sobre a cultura não indígena na Aldeia, a autora ainda destaca a presença do aparelho de TV:

Nos anos 80, portanto, a televisão passou a estar presente na aldeia. As crianças sentadas no chão em frente ao aparelho, os velhos mais longe, sentados em velhas toras, o chefe e um ou outro em cadeiras, mulheres em esteiras, ficavam fascinados com esse novo “contador de histórias”. Era forte instrumento de introdução da língua portuguesa (ARAÚJO, 2008, p.5).

Temos aqui um dado interessante, a presença da televisão na Aldeia Indígena desde os anos 80, nos permite pensar: diante do espaço do futebol nas televisões brasileiras e o regular contato com os não-indígenas o discurso sobre esse esporte já circulava pelo menos imagética.

Entretanto, mesmo nesse cenário desfavorecendo a cultura indígena, Vilmar Ferreira dos Santos²⁷ (2012) percebe que a união dos povos Gavião na Reserva Mãe Maria construiu “um processo de resistência significativo para o desenvolvimento das novas gerações de indígenas, lutando pela preservação da floresta como espaço de sobrevivência” (SANTOS, 2012, p. 119). A relação entre as diferentes etnias fez emergir o discurso das antigas culturas indígenas e a vontade da reafirmação da identidade indígena.

Se, no tempo pretérito, Krôhokrenhûm utilizou a estratégia de unir todos os grupos de Gaviões do Oeste – Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrâtikatêjê – numa só aldeia (1980), objetivando, não apenas o estímulo de casamentos étnicos para o nascimento das novas gerações de indígenas, aumentando a população, é correto afirmar que ele também almejava o fortalecimento do grupo frente a kupen, que por suas ações frente ao indígena, passou a ser visto como ameaça (SANTOS 2012, p.38).

Krôhokrenhûm foi uma grande liderança indígena, sempre citado nas pesquisas sobre a Terra Indígena Mãe Maria. Citado como o responsável pela última palavra sobre os assuntos que relacionam os Gaviões e considerado a principal figura pela luta do resgate da etnia. O líder completou 105 anos e foi lançado nos Jogos Mundiais Indígenas de 2015, em Palmas, um livro sobre sua trajetória: “Mêikwytektêri – Isto pertence ao meu povo – Memórias de Toprâmre, Krôhokrenhum e Jôpaipaire” traduzido como “Eu não posso morrer de graça”²⁸.

Entre as atividades para o resgate das culturas na Aldeia, ressaltamos a implantação de uma escola com proposta diferenciada, de também trazer os costumes indígenas para a sala de aula. A “Escola Indígena em Regime de Convênio Parkatêjê (1990 a 1994) foi a primeira experiência da Secretaria de Educação do Pará como ensino fundamental dentro de uma Aldeia Indígena” (ARAÚJO, 2008. P. 8) por meio de um Convênio a

²⁷ Vilmar Ferreira dos Santos faz uma detalhada pesquisa da história dos Kyikatejê na dissertação: “Reserva Mãe Maria: a construção do espaço físico e simbólico na aldeia dos Gavião Parkatejê (1966-2010)”.

²⁸ Matéria da Revista Cerrado Rural, publicada em 28 de Outubro de 2015, Título: LITERATURA INDÍGENA – índio de 105 anos lança livro nos JMPI. Na matéria resenha o livro como: “o autor conta como resgatou o seu povo, após violento processo de extinção da etnia; relata as principais lutas entre os povos, e o impacto que a etnia sofreu com a chegada da ferrovia, das linhas de alta tensão; as doenças trazidas pelo homem branco; a exploração na coleta de castanha e a destruição dos castanhais nas florestas do Maranhão e Pará”.

Companhia Vale do Rio Doce, a comunidade indígena e a Secretaria de Estado de Educação.

O projeto com duração de cinco anos – para experimentar (...) Integrava atividades comunitárias às escolares, de modo a que a escola não se fizesse um gheto, antes fosse instrumento de integração dos jovens com os velhos, cujo conhecimento tradicional de valores, comportamentos, atividades lúdicas e artísticas deveria ser prestigiado e assimilado, paralelamente ao domínio de novos conteúdos. Pretendeu construir uma escola que, embora instrumento de outra cultura, se integrasse à vida comunitária de modo a não deixar que se apagasse todo o acervo cultural chegado até aquele momento através da transmissão oral, visto serem os parkatêjê um povo ágrafo, que – como tantos outros sistematiza muitas informações na pintura corporal, adornos, instrumentos de caça e música, mas não registra a língua. Durante aquele período foi elaborado coletivamente um livro, com o texto da criação do mundo, segundo a tradição parkatêjê, que só em 1996 teve o aval do chefe para ser publicado, tendo sido entregue à comunidade no final de 1997 (ARAÚJO, 2008, p. 6).

Hoje os indígenas da Terra Indígena Mãe Maria “saíram da condição de ‘quebradores de babaçu’ nas matas maranhenses, fugiram de condição semelhante à de ‘escravos na coleta da castanha-do-Pará’ que foi imposta pelos agentes da FUNAI (...) transformaram-se num dos grupos indígenas mais bem calçados economicamente de toda a região sudeste do Pará” (SANTOS, 2012, p. 38).

O povo Kyikatejê chegou a Terra Indígena Mãe Maria em 1969, transferida de Imperatriz, no Maranhão. Na TI foram alojados junto aos Parkatêjê (FERRAZ, 1984). Essa união permaneceu até o ano de 2001 quando os Kyikatejê mudaram-se para o Km 25 estabelecendo sua própria Aldeia, que hoje já subdividiu em outras menores.

Acreditamos que essa separação foi resultado de um processo de resistência iniciado por meio das relações entre as Aldeias Gaviões, que despertou a vontade de reafirmação e reconstrução da cultura do povo Kyikatêjê.

Entretanto, essa “união” não serviu para que as diferenças fossem esquecidas. Em certo sentido, essa “união” reforçou a diferença, haja vista que os Parkatêjê, sendo os primeiros a habitarem a Reserva, sentiam-se com mais direitos. Apesar de todos os grupos terem suas lideranças, o chefe Krôhokrenhũm, dentre

todas, gozava de um status diferenciado, sendo dele a última palavra (SANTOS, 2012, p. 38).

A sede do clube Gavião Kyikatêjê funciona dentro da Aldeia Kyikatêjê. O clube, citado com mais frequência pela mídia como Gavião, foi o primeiro clube de futebol profissional indígena do Brasil, oficializado pela FIFA desde 2009, assinada por Ricardo Teixeira²⁹, neste mesmo ano disputou o Segundo Turno do Campeonato Paraense³⁰.

O clube Gavião Kyikatêjê pertence à liga futebolística de Marabá/PA, inclusive é no Estádio Municipal Zinho de Oliveira que o clube disputa suas partidas como mandante. Em 2010 o clube alcançou a terceira colocação na Segundinha, mas só conseguiu o acesso para o Primeiro Turno do Campeonato Paraense em 2013.

Antes de se profissionalizar, o clube indígena já tinha conquistado diversos troféus em campeonatos amadores, em Marabá e cidades vizinhas. Depois de ganharem destaque nos amadores, os jogadores vestiram a camisa do: Castanheira E.C, antigo clube da liga marabaense de futebol que teve seus direitos adquiridos pelo povo Kyikatêjê, em 2007. Permitindo, assim, a entrada dos jogadores indígenas na liga profissional de futebol paraense. Todavia foi no ano de 2014 que o futebol indígena entraria no mapa do profissional, quando o clube Gavião Kyikatêjê estreou na elite do futebol paraense, mesmo ano da Copa do Mundo do Brasil.

Nesse processo o futebol já estava presente na Aldeia mesmo antes da formação de times amadores e profissionais. Fernandes (2010), na sua dissertação, mostra em um depoimento como o futebol está presente na Aldeia:

Por diversas vezes presenciei situações em que o cacique chamava atenção dos jovens com relação ao trabalho nas roças da comunidade, mas principalmente em relação aos jogos de futebol na Aldeia que, segundo ele tem maior atenção dos homens, mulheres e crianças, em detrimento das atividades culturais (FERNANDES, 2010, p. 32).

Fernandes (2010) acredita que os Kyikatêjê tenham uma capacidade nata para os esportes, prova disso é o modo como eles ganham cada vez mais destaque nos diferentes

²⁹ Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de 16 de janeiro de 1989 até 12 de março de 2012.

³⁰ Disputa conhecida como “Segundinha” é a fase que disputam os clubes profissionais do Estado do Pará, campeão e vice ganham acesso ao primeiro turno, o “Parazão”.

esportes nos Jogos Indígenas, mas segundo a autora a penetração é impressionante. Homens, mulheres e crianças todos parecem se realizarem.

O direcionamento desta pesquisa para as sociedades indígenas se deve principalmente pelos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas (GEDAI), coordenado pela professora Ivânia Neves, quem agradecemos abrir nossos olhos para a importância desse tema, o qual começou a ganhar vida no artigo apresentado no IBERCOM 2015³¹.

Entendemos que ao abordar o clube de futebol indígena Gavião kyikatejê estaremos contribuindo para pensar como os discursos sobre o indígena emergem na sociedade. Observados as sociedades indígenas no futebol é trazer para a discussão acadêmica duas importantes temáticas sobre a cultura brasileira. De um lado os indígenas, primeiros habitantes do Brasil, porém excluídos socialmente e do outro, o futebol, esporte ícone do discurso sobre identidade brasileira, “reinventado pelo brasileiro”.

Antropófagos, parados no tempo, alheios ao mundo moderno. Essas são algumas características costumeiramente atribuídas a identidade de um sujeito indígena. De acordo com Neves, desde o século XVI, os europeus que chegaram ao Brasil inventaram um índio genérico que não produz conhecimento (NEVES, 2009).

Esses discursos, inventado pelo sistema colonial, estão presentes em nossas redes de memória e, por isso, circulam em diferentes materialidades midiáticas, que constantemente atualizam memórias de que as sociedades indígenas vivem em um lugar distante, andam nus e, mesmo no século XXI, não conhecem as práticas culturais das sociedades ditas civilizadas, como, por exemplo, o futebol. O futebol é mostrado sempre como uma cultura fora do cotidiano indígena.

Embora existam, sim, sociedades indígenas isoladas, esta não é a realidade da maioria que, assim como povos não indígenas, vivem em constantes mudanças culturais. No entanto, tratar o indígena como um sujeito multicultural e inserido no tempo contemporâneo parece ser um discurso preferido pelos veículos de comunicação, que recorrem e atualizam (GREGOLIN, 2007) discursos coloniais sobre essas sociedades.

³¹ XIV Congresso Internacional Ibercom 2015 “Comunicação, Cultura e Mídias Sociais”. Artigo: De olho na telinha: a Copa do Mundo de 2014 e as sociedades indígenas, autoras: Neves, Ivania; Pinheiro, Nathália; Carvalho, Vivian.

Estudar os enunciados sobre as sociedades indígenas que estão presentes em diferentes materialidades é entender o que se falou e o que continua se falando sobre esses povos, que são tão importantes para a cultura brasileira. Pensar o indígena no cenário do futebol nos ajuda a perceber a relação entre esta prática esportiva, considerada a mais brasileira, e os povos autóctones, os quais são silenciados nos discursos que circulam nas mídias.

No campo da comunicação, os pesquisadores do Grupo de Estudos Mediações, Discursos e Sociedades Amazônicas (Gedai) desenvolvem diversos trabalhos sobre as relações entre mídia e sociedades indígenas. Sena (2015) desenvolveu a pesquisa intitulada “O indígena notícia na TV Liberal”. Carvalho (2015) desenvolveu a pesquisa “O Indígena na Telenovela Brasileira: discursos e acontecimentos”. Monarcha (2012) desenvolveu o trabalho “Redes Sociais e Sociedades Indígenas: entre Dígitos e Jenipapo”. Tocantins (2013), a pesquisa “Mulheres indígenas no Facebook: corpos, intericonicidade e identidades”. Corrêa (2013), a pesquisa “Os Aikewára e a Mídia: Relações de poder, cultura e mediação”. Leal (2013), a “Presença indígena na internet: exclusões, convergências e o aikewara.blogspot.com” e Silva (2013), a pesquisa “Memórias Tupi em Narrativas Oraís no Rio Tajapurú - Marajó das Florestas - PA”.

Nossa dissertação analisa os discursos que circulam sobre o Gavião kyikatejê nas matérias veiculadas no programa Esporte Espetacular (2011 e 2014), no site do Uol (2011) e no programa SporTV Repórter (2014). Ela busca ser mais uma contribuição acadêmica para o campo da comunicação, do futebol e das sociedades indígenas.

Falar sobre o futebol é pesquisar sobre como esse esporte está inserido no cotidiano dos povos brasileiros, como ele permeia essas sociedades, dentre elas, as sociedades indígenas e como ele é discursivizado e midiaticado pelos veículos de comunicação que existem em nossa sociedade. Na seção seguinte apresentamos a nossa análise a partir do referencial teórico e metodológico da análise do discurso francesa e da arqueologia foucaultiana.

3.2 APRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EXÓTICO

Os discursos que irrompem em nossa sociedade sobre os povos indígenas ainda estão muito relacionados a uma memória colonial que os constrói como seres selvagens, bárbaros e primitivos. Imaginar um indígena, hoje, ainda é lembrar da imagem de um

sujeito de pele avermelhada, com um cocar de penas na cabeça, nu ou usando uma tanga, com acessórios artesanais e corpo pintado. É uma caracterização inserida numa memória coletiva que atualiza, por meio de materialidades discursivas, a ideia de um índio parado no tempo. Segundo Halbwachs:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

No quadrinho abaixo, vemos justamente a imagem do indígena materializada a partir dessa memória coletiva, que atravessa o seu autor e reproduz um “dever ser” do corpo indígena. O indígena é retratado em um lugar ermo, a céu aberto, composto por meia dúzia de ocas, nada semelhante a uma cidade, ao ambiente urbano contemporâneo, o que já o coloca num lugar de subalternização, como um Outro que habita um lugar inferior e diferente ao dos sujeitos ditos civilizados; além disso, é um indígena sem tecnologias, pelo menos não na sua configuração contemporânea – marcada pelos gadgets e outros dispositivos tecnológicos que realizam diversas funções no nosso cotidiano. Assim, de forma oposta ao homem civilizado e tecnológico das sociedades contemporâneas, o índio sem tecnologia precisa recorrer a rituais mágico-religiosos a fim de implorar/invocar fenômenos naturais.

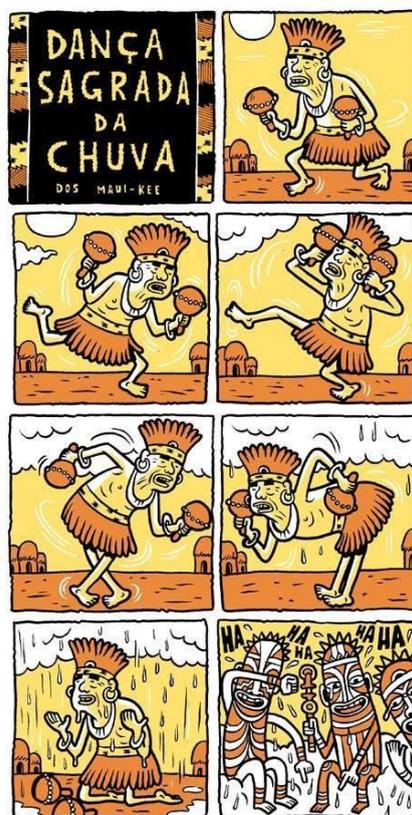
Ai percebe-se, portanto, a recorrência de um discurso colonial que alude tanto à fixidez da cultura indígena quanto a um jogo de metáfora/metonímia entre a presença e a falta. Como afirma o indiano Homi Bhabha:

Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez como signo da diferença cultural/racial/histórica no discurso do colonialismo é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável, como também desordem, degeneração e repetição demoníaca (BHABHA, 1998, p. 105).

Assim, o indígena, um dos sujeitos sobre os quais incide esse discurso colonial, é aquele que vive na ordem imutável do tempo da desordem, da barbárie e do caos. Um ser

genérico, inventado pelo sistema colonial e marcado pela falta das características presente no homem branco, civilizado, ocidental. Lima e Gadelha (2015, p. 77), analisando a formulação de Bhabha sobre a metáfora/metonímia no discurso colonial, asseveram: “Por essas posições, entendem-se os processos de reconhecimento do Eu no Outro como uma falta, um jogo que mostra as vantagens de uma metáfora da totalidade do branco e a metonímia da falta dessas características ‘brancas’ no Outro, o colonizado, que é, por isso, motivo de medo.”

Imagem 07 – Caricatura satiriza um período de seca em Brasília



(Fonte: Correio Braziliense. Publicada em 24/06/2011)

Essas imagens sobre as sociedades indígenas estão presentes desde o século XVI, quando da chegada dos colonizadores ao território brasileiro e, posteriormente, com a sua entrada no ameaçador território amazônico. Neves (2009) explica que, nesse momento histórico, o sistema colonial instituiu um índio genérico, antropófago, sem roupa, sem conhecimento e de mentalidade primitiva. “Esta invenção do indígena é fortemente institucionalizada e bastante duradoura, e ainda hoje alimentada pela mídia,

pela educação e pela falta de políticas públicas efetivas” (NEVES, 2009, p.33-34), como se percebe, também, no quadrinho acima.

Os indígenas quando aparecem na mídia, geralmente, condizem com essa ordem discursiva. Sena (2015) ao analisar a presença indígena nos telejornais paraenses observa que há um padrão de noticiabilidade que permite a visibilidade destes povos como pauta jornalística: a nudez, a “selvageria” e a ameaça representada pelos indígenas, e os conflitos de terra são os discursos mais recorrentes. Temas como educação, música, políticas públicas e esportes, por exemplo, são, na maioria das vezes, silenciados pelos programas televisivos.

Certos discursos que circulam na mídia contemporânea produzem uma rede simbólica que forja identidades a partir de uma “estética de si”. São práticas discursivas que constituem verdadeiros dispositivos identitários e produzem subjetividades como singularidades históricas a partir do agenciamento de trajetórias e redes de memórias (GREGOLIN, 2006, p.9).

Esse recurso de mostrar o indígena com um corpo pintado é regular nas matérias do *Esporte Espetacular* (2011), no *SporTV Repórter* (2014) e no *Programa A Liga* (2014). Os três programas reafirmam o discurso que a fala do indígena só é legítima, se estiver inscrita na ordem discursiva colonial.

No *Esporte Espetacular* (2011), a imagem do presidente do clube, na época também técnico, é bem explorada. Começando pela maneira de se referir ao Zeca Gavião, utilizando seu nome indígena Pepkrakte. Durante a matéria Zeca Gavião aparece na aldeia, no campo de futebol e na cidade de São Paulo. Seu corpo na cena é discursivizado de duas formas: uma o apresenta a partir do estereótipo indígena e a outra apresenta o indígena utilizando roupas “normais”, das sociedades não indígenas.

No início da matéria, ao utilizar o recurso da imagem que vai e volta, entre a Aldeia e São Paulo, observamos a mesma representação de Zeca, apesar do ambiente mudar. A imagem acompanhada do *off*: “Pepkrakte na aldeia, Pepkrakte na selva de pedra”.

Imagem 8 – Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 9 – Zeca Gavião em São Paulo na frente ao Museu de Artes de São Paulo (MASP)



(Fonte: www.youtube.com)

Essas perspectivas de imagem são estratégias audiovisuais, o corte de imagem direciona a visão do telespectador. Observamos a recorrência de imagens do umbigo para cima. Esse ângulo recorta umas das memórias mais regulares do indígena do norte do Brasil, mostrando o corpo nu, pintado e usando cocar.

Zeca Gavião também é mostrado no curso de técnicos de futebol, na cidade de São Paulo. Percebemos, durante o curso, que sua aparência não remete a imagem acima, ele usa roupas ocidentais e sem acessórios. Ainda assim, a primeira imagem de Zeca na sala é um ângulo que mostra seu cotovelo, destacando vestígios da pintura indígena.

Imagem 10 – Zeca Gavião em São Paulo durante o curso de técnicos de futebol.



(Fonte: www.youtube.com)

No SporTV Repórter, Zeca Gavião é o gancho de todo programa. Tratado com o grande responsável por todas as conquistas da aldeia. Obstinado, sonhador e realizador são algumas características a ele creditadas pelos apresentadores do programa.

Na descrição do programa, já anuncia-se: “Programa conhece tribo de índios do Interior do Pará que resolveu montar um time de futebol. Reportagem mostra a construção do sonho de um cacique e a vivência de pessoas brancas na cultura indígena”. A enunciação já aponta essa relação de alteridade e diferença acionada na relação entre o eu e o outro: os repórteres e a equipe de produção são as pessoas brancas a adentrarem e experienciar a cultura do indígena.

A imagem de Zeca é construída como uma liderança heroica. No vídeo ele aparece constantemente e ganha voz em duas entrevistas diferentes. A primeira pela manhã e outra à noite, no mesmo lugar. Nelas o cacique aparece com o corpo pintado, de cocar, sentado em uma rede, a repórter está sentada em um tronco de madeira.

Assim como no vídeo do Esporte Espetacular, nos assuntos relacionados ao futebol: campo, arquibancada, reunião de diretoria, Zeca usa roupas comuns, mas o cacique só ganha voz no programa quando sua imagem está pintada e inscrita na ordem discursiva colonial.

Imagem 11 – Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê entrevista SporTV Repórter durante o dia.



(Fonte: www.globo.com)

Imagem 12 – Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê entrevista SporTV Repórter durante a noite.



(Fonte: www.globo.com)

Além disso, percebe-se bem como as matérias, em seu discurso, constroem a espacialidade das culturas: a cultura indígena, representada por uma indumentária própria (as pinturas, os acessórios e as peças de vestuário) só pode ser acedida no espaço da aldeia, territorialidade que lhe é própria, ou das ruas da metrópole paulista, zona cosmopolita; por outro lado, a cultura do homem branco é realçada pela própria prática do futebol e materializada pela forma como o corpo do indígena é discursivizado quando a prática futebolística: o futebol é uma prática cultural “branca” que não exclui o indígena, mas que exige, dele, se assemelhar ao branco, o que se dá pelo uso das roupas ocidentais.

Outro recurso acionado para mostrar o indígena é o close, principalmente quando os olhos estão pintados. Temos que pensar: só podemos enxergar o que a imagem

mostra. Como se fossem nossos olhos, mas ao invés de escolhermos para onde olhamos, não temos essa escolha. E os cortes dos vídeos se concentram em elementos mais estereotipados, assim o reconhecimento é mais rápido e provável.

No programa A Liga, a imagem do cacique é construída como liderança perigosa e severa. O discurso estereotipado, nesse caso é do indígena hostil. Desde a chegada à aldeia, Thaíde precisa enfrentar desafios. Diferente dos outros programas, Zeca Gavião ganha voz sem estar com as pinturas corporais, mas cercado de indígenas com lanças e outras armas. Depois da primeira sequência, Zeca só aparece pintado até o momento final do vídeo quando ele está no campo.

Imagem 13 – Zeca Gavião na chegada de Thaíde na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.band.uol.com.br)

Imagem 14 – Zeca Gavião na Aldeia Kyikatejê antes do treinamento de corrida de Tora.



(Fonte: www.band.uol.com.br)

Outro discurso presente em nossas redes de memórias é o discurso do indígena guerreiro. Na maioria das reportagens sobre o Gavião Kyikatejê, o jogador Arú é um dos

personagens principais. Ser o craque e artilheiro do time, já daria a ele essa posição na mídia esportiva.

Além das habilidades em campo, outro motivo para Arú Sompré ganhar destaque é ser o jogador que assumiu a caracterização indígena, ele sempre entra de cocar e pintado no campo, respondendo à ordem do discurso do corpo indígena materializada na forma como as matérias são construídas. Essa imagem aliada à outra recorrência, a comemoração do gol: dentro do campo de futebol, onde jogador gesticula como se estivesse atirando uma flecha, fazem com que ele seja representado como guerreiro do clube. A imagem do guerreiro indígena presente em nossas redes de memórias é representada pela presença da arma, da pintura e do cocar.

Imagem 15 – Jogador Arú comemorando o gol.



(Foto: Mário Quadro)

Imagem 16 – Jogador Arú na hora do hino antes do jogo.



(Foto: Mário Quadro)

Tal imagem é regular, por exemplo, na maneira como o indígena é representado também nas telenovelas. Carvalho (2015), em uma pesquisa que analisa a circulação de discursos sobre as sociedades indígenas na telenovela brasileira, aponta que em novelas como Uga Uga, o indígena, Tatuapu, é apresentado com lança na mão e em atitudes ameaçadoras e selvagens, donde é possível ver essa memória discursiva sobre o indígena guerreiro e ameaçador.

Tatuapu também aparecia, constantemente, pulando em móveis, semelhante a um animal selvagem. Quando ainda morava na floresta amazônica, este personagem andava sempre com uma lança nas mãos. Estas cenas estabelecem um processo de intericonicidade com as imagens que representam os “homens das cavernas”. O próprio título da telenovela, “Uga Uga”, nos remete ao Uga Buga, onomatopeia que evoca em nossas redes memórias o som emitido pelo homem de Neandertal (CARVALHO, 2015, p. 66).

Assim, pode-se delinear como as formas de discursivizar o indígena jogador de futebol é semelhante às formas como eles são discursivizados em outros momentos históricos e nas diversas redes de memórias discursivas existentes em nossa sociedade. No tópico seguinte, exploramos especificamente como essa discursivização se dá no jogo de semelhanças entre imagens em diversos contextos históricos diferentes.

3.3 ENTRE IMAGENS

O autor Jean-Jacques Courtine, baseado no método arqueológico de Michel Foucault (2013), desenvolveu um método de análise chamado Intericonicidade. De acordo com o autor, assim como os discursos, as imagens estão inseridas em redes de memórias que nos transportam para outras imagens. Sendo assim, a construção das imagens também obedece a uma memória discursiva. “Toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco” (COURTINE 2013, p.43).

Nas matérias observadas, mesmo as imagens que fogem do indígena pintado, ou de seus rituais cotidianos, recorrem a outros recursos discursivos, como é o caso da

matéria “Time indígena vai jogar o Campeonato Paraense em 2014”, produzida pelo site da Uol.

Os jogadores e o presidente aparecem trajando roupas ocidentais, no entanto, duas imagens de indígenas acionam em nossas redes de memórias outras imagens que nos remetem ao indígena inventado pelo sistema colonial. A imagem que aparece no começo do vídeo: um indígena tocando maracá, e outra, do “guerreiro” no campo para fazer uma demonstração do treinamento indígena.

Imagem 17 – Imagem do indígena na abertura da matéria, na Aldeia Kyikatejê.



(Fonte:www. uol.com)

Imagem 18 – Imagem do indígena Prekruti cantando.



(Fonte:www. uol.com)

Na primeira e na segunda imagem são acionados recursos sonoros. A primeira imagem faz parte da sequência de imagens da abertura da matéria, acompanhada da trilha sonora de um “rufar” de tambores. Quando o indígena aparece, o som do maracá entra na trilha. Essa sequência de imagens é encerrada pela frase dita pelo Zeca Gavião: “se considera que é o primeiro time indígena do mundo”.

A chegada do indígena, da segunda imagem, é anunciada por Zeca Gavião, como: “o guerreiro chegou e vai fazer a demonstração”. Ele aparece com o arco-flecha próximo no campo, a música silencia e no momento dessa imagem o som é do guerreiro cantando.

O rufar dos tambores, o canto, o maracá, a imagem do guerreiro e as armas nos remetem, em nossas redes de memória, a figura de um indígena. Se tirarmos a sonoplastia percussiva, o maracá e as armas, essas imagens passariam facilmente por representações de homens de outras sociedades marginalizadas do norte do Brasil, por exemplo, homens de comunidades seringueiras ou quilombolas. Mesmo permanecendo o acessório usado na cabeça, que pode facilmente ser confundido com uma faixa.

Imagem 19 – Imagem banco de imagens do google na busca por “quilombolas”



(Fonte:www. uol.com)

Imagem 20 – Imagem banco de imagens do google na busca por “seringueiros”



(Fonte:www. uol.com)

A sonoplastia percussiva e os objetos, como tambores e maracás, estão presentes também em videoclipes infantis. Em uma busca pelo *youtube*, identificamos três materialidades audiovisuais que apresentam essas regularidades na imagem do indígena: o clipe da Xuxa chamado “brincar de índio”, o clipe do DóRéMiLá chamado “O indiozinho” e o clip do Bob Zoom chamado de “Indiozinhos”. Essas trilhas sonoras nos remetem ao próprio hino do clube Kyikatejê.

Imagem 21 – Imagem Clipe da Xuxa “Brincar de índio”



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 22 – Imagem Clipe DóRéMiLá “O indiozinho”



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 23 – Imagem Clipe Bob “indiozinhos”



(Fonte: www.youtube.com)

Observando outra reportagem, que também não destaca os rituais indígenas, nem a pintura, encontramos a mesma regularidade. Postada pela BandSports e BandNews no site do Uol, com o título: “Time indígena vai estreiar na elite do Campeonato Paraense”, a matéria utiliza a estratégia da sonoplastia percussiva (som do maracá e/o som do tambor).

O fundo musical, do início da matéria, é o hino do clube, mas só conseguimos identificá-lo como o hino no final, quando a música volta e possibilita ouvir a estrofe: “Kyikatejê, sou raça, sou guerreiro campeão/ Gavião, Kyikatejê, um grito de gol, libera a emoção”. Antes de entrar a voz, outras memórias discursivas são acionadas, como das músicas infantis listadas acima.

A sonoplastia percussiva (som maracá), também aparece na reportagem do Esporte Espetacular (2011), na entrada da matéria, durante uma comparação entre a aldeia Kyikatejê e a cidade de São Paulo. A sonoplastia é acompanhada de uma imagem contra luz, seguida da imagem do close de pés descalços, que ilustram o off: “Aldeia Kyikatejê 350 índios”.

Imagem 24 – Imagem de indígenas dançando em ritual na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 25 – Imagem close dos pés de indígenas dançando em ritual na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.youtube.com)

Essas imagens, sem a fala do repórter e a sonoplastia, podem nos remeter a outras memórias diferentes das acionadas na matéria. O recurso da contraluz cria um efeito sombra, dificultando a clareza de quem são essas pessoas. Poderia ser uma imagem de

outro pôr-do-sol, em um lugar com o mesmo tipo de vegetação e com um grupo de pessoas qualquer.

Na imagem dois, são pés descalços em close, na areia. Poderia ser na praia, em uma rua não pavimentada, num campo de futebol de areia. O áudio (sonoplastia percussiva e off) são os responsáveis por ativar nossas redes de memórias. Esses recursos nos levam a interpretação da imagem dos indígenas.

Os discursos são construídos em nossas redes de memórias desde a infância. Os discursos sobre os indígenas são construídos por regularidades e dispersões (FOUCAULT, 2014) e são constantemente atualizado na sociedade. Essa imagem estereotipada, como vimos, é acionada pela mídia como um recurso discursivo.

3.4 A ALDEIA COMO UM LUGAR DISTANTE E CALMO

Nessa memória discursiva, como mostramos no início deste texto, o indígena geralmente é localizado em lugares longínquos, sem tecnologias, sem a pressa e a efervescência dos espaços urbanos contemporâneos. Este discurso é regular nas matérias ora analisadas e também está presente em outras materialidades audiovisuais. Quando se fala dos povos nativos amazônicos, frases como “um Brasil nunca visto”, “uma expedição pioneira”, “um pedaço do Brasil isolado” estão constantemente presentes para mostrar esta aventura para se chegar a uma aldeia, um espaço isolado no meio das florestas, cujo acesso necessita de aventureiros, corajosos desbravadores.

Nos vídeos analisados encontramos essa regularidade. A Aldeia Kyikatejê é recorrentemente caracterizada como “no meio da floresta Amazônica”, lugar em que “o dia acaba cedo”, “amanhece sempre verde”. Além das imagens mostrarem muito verde e pouco asfalto, o mapa é outro recurso muito acionado para mostrar a distância da aldeia com relação aos centros urbanos.

No Esporte Espetacular, a matéria começa fazendo uma comparação entre a aldeia Kyikatejê e a cidade de São Paulo, entre as imagens da aldeia e da cidade: “o mundo em constante movimento. O tempo que anda sem pressa”, o recurso da sonoplastia é de passarinhos cantando para aldeia e o som de carros passando na cidade. Ai se enfatiza, justamente, uma dimensão temporal relacionada à distância espacial. A aldeia, longínqua, no meio da floresta vive imersa em uma temporalidade outra, lenta, desacelerada, oposta ao frenetismo do tempo contemporâneo.

São Paulo é mostrado com grandes arquiteturas: prédios, ruas, carros, multidões em constante movimento, inclusive com o recurso de imagens aceleradas. Em contraponto as imagens acionadas ao falar da aldeia indígena, que evocam a natureza, as casas organizadas em círculo e indígenas fazendo a dança ao pôr do sol.

Imagem 26 – Imagem cidade de São Paulo



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 27 – Imagem Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.youtube.com)

Quando a imagem do repórter surge ele conclui: “São mais de 3.500 quilômetros de distância e de diferenças. São Paulo e a Aldeia Kyikatejê são mundos distintos, mas se tem um lugar que eles se encontram é esse, num campo de futebol”, apontando para uma trave de futebol.

Essa passagem do repórter remete a ideia de que o futebol é o único ponto em comum da aldeia e da cidade moderna, como se nenhum outro modo de viver na/da

aldeia pudesse ser comparada a cidade “grande” e como se o conjunto da aldeia e seus habitantes fossem excluídos da dessas cidades modernas.

Mesmo o futebol sendo tratado como ponto de ligação entre a Aldeia e a modernidade, o modo como apresentam o esporte remete a ideia de precariedade. Frases como “alojamento simples, mas próprio”, “ônibus modelo 94”, dão a ideia de um futebol atrasado.

Na matéria é possível perceber o futebol sendo tratado como uma ferramenta de “progresso” para os indígenas, por exemplo, quando Zeca Gavião é mostrado em São Paulo para um curso de técnico, o repórter diz: “por causa do futebol esse índio foi muito longe”.

No programa do site da Uol a primeira sequência de imagens mostra a aldeia, acompanhada de uma trilha sonora de tambores rufando, depois da fala de Zeca Gavião: “se considera que é o primeiro time indígena do mundo”, a trilha sonora fica mais animada e entram as imagens do time de futebol, até o estilo de filmagem é “modernizado”.

No SporTV Repórter, também encontramos essas duas recorrências: um lugar distante e o futebol como uma ferramenta do moderno. O discurso da aldeia como um lugar bucólico é várias vezes atualizado pelos apresentadores e rememorado nas imagens e na sonoplastia percussiva da natureza e dos instrumentos indígenas.

Como podemos notar na fala da repórter: “Amanhece sempre verde em Mãe Maria, é uma mistura da grama crescida esquecida, da tinta dessas quarenta casas e das copas das árvores que não deixam esquecer a o que pertence esse lugar. No meio da Amazônia, qualquer colorido grita”.

O discurso do lugar calmo aciona a imagem constituída de que o indígena não tem rotina. O programa mostra que só o clube de futebol tem horário e compromissos. Frases da repórter, como “enquanto o time treina, as mulheres colhem jenipapo”, “a Aldeia desperta lentamente” remetem a esse discurso relacionado a floresta e ao isolamento.

Nessa matéria o mapa é utilizado não só para mostrar onde fica a aldeia, mas todo o território indígena demarcado. Essa sequência começa com o mapa do Brasil e vai ganhando closes e legendas, junto com o off, até chegar à Terra indígena. O espaço dessa Terra é comparado ao campo de futebol: “além da Aldeia Kyikatejê outros seis povos se dividem nessa área, o que equivale a 62 mil campos de futebol”. As imagens dos mapas

ressaltam a distância e o isolamento da aldeia, também propõem sentidos sobre a grandiosidade do território.

Dentre os vídeos pesquisados, três matérias foram produzidas no âmbito do programa Esporte Espetacular: “Futebol na Floresta³²”, apresentado por Ernesto Lacombe (2009, EE1); “Futebol de Índios³³”, apresentado por Cristiane Dias (2011, EE2) e “Primeiro Time Indígena Brasileiro chega até a primeira divisão do futebol Paraense³⁴” (2014, EE3) apresentado pela dupla Glenda Kozlowsk e Alex Escobar.

Foucault (2014) nos impele a pensar como essas materialidades, dispersas no tempo, emergiram no Esporte Espetacular, e assim questiona como é construída e atualizada a memória do indígena no futebol a partir das regularidades e dispersões que tais acontecimentos discursivos mantém com outros acontecimentos discursivos e práticas não discursivas. Por pertencerem a um mesmo programa, essas materialidades colocadas em série nos mostram as regularidades e dispersões discursivas na imagem do Gavião Kyikatejê produzidas no contexto do EE e também do discurso midiático, representado aí pela Rede Globo de televisão.

Isso nos permite observar nas materialidades quais discursos são mais recorrentes na memória discursiva sobre o indígena e como são atualizados pelo programa. Em outras palavras, pensar quais discursos o programa recorre para mostrar o futebol praticado por indígenas.

Essas regularidades e dispersões nos dão possibilidade de perceber como o objeto “futebol indígena” é formado dentro desse domínio discursivo audiovisual midiático. Desde os nomes dados a matéria, podemos observar as palavras: futebol e indígena são recorrentes para se falar do clube Gavião Kyikatejê. É comum a mídia televisiva usar como destaque da matéria o que é novidade, no caso, ao se tratar do clube de futebol: o destaque é o indígena.

Nas chamadas das matérias é possível notar as primeiras recorrências. Nas falas dos apresentadores podemos identificar alguns enunciados que regularmente circulam sobre a imagem do indígena do Norte do Brasil: lugar distante, corpo nu, costumes indígenas e marginalizados.

³² Nome da matéria no programa Esporte Espetacular (2009), no *Youtube*: Futebol Indígena – postado primeiro de Outubro de 2010.

³³ Nome do vídeo postado 3 de novembro de 2011, no *Youtube*.

³⁴ Nome do vídeo postado em 24 de Março de 2014, no *Youtube*.

EE1: “O esporte espetacular viajou até a floresta Amazônica para acompanhar a estreia do primeiro time profissional fundado e dirigido por uma tribo indígena e a tribo vizinha já segue os mesmos passos”

EE2: “Sabia que aqui no Brasil tem um time de índios que jogam o campeonato profissional? É... Jogam de uniforme e tudo, mas não deixam as tradições indígenas de lado de jeito nenhum”

EE3: “Em 2008³⁵, nós mostramos o nascimento do primeiro time indígena do Brasil, o Gavião Kyikatejê” (Escobar) “Cinco anos depois a equipe chegou à elite do paraense, com jogadores que venceram o preconceito e levaram os costumes da tribo até para dentro de campo, olha só” (Kozlowsky)

Outra regularidade está no fato de os vídeos transitarem entre a Aldeia e um jogo de futebol, ou seja, mais do que mostrar o futebol jogado por indígenas, as matérias querem mostrar esse outro sujeito social, o estereotipado e “desconhecido” dos “brancos”.

A primeira matéria EE1 se propõe a mostrar a estreia do clube Gavião Kyikatejê no futebol profissional, segunda divisão do paraense. O vídeo é todo narrado por Regis Rosing, aparecem imagens de entrevistas, mas o repórter não aparece.

A matéria começa com o off: “a charanga anuncia um dia histórico para o futebol brasileiro, os jogadores do primeiro time profissional indígena do Brasil entram em campo de mão dadas”. As imagens do jogo de estreia na segunda divisão do campeonato Paraense começam no campo, com um torcedor tocando na charanga o refrão: “Eu sei que vou, vou do jeito que eu sei, de gol em gol, com direito a "replay", Eu sei que vou, Com o coração batendo a mil, É taça na raça, Brasil”. Trecho clássico da música “Coração Verde e Amarelo”, de autoria de Tavito e Aldir Blanc³⁶.

Essa canção é usada pela Rede Globo desde o tetracampeonato em 1994, foi tão marcante que até os dias atuais é usada como tema em programas esportivos. A música fala dessa relação entre brasileiros e o futebol, vinculada à força da torcida e a garra da Seleção Brasileira de futebol.

“Coração Verde e amarelo” remete a história de superação da seleção brasileira que começou a Copa de 1994 desacreditada, mas se tornou campeã. Esse é o gancho da

³⁵ Acreditamos que houve um erro, o apresentador se refere ao ano de 2008, mas durante a matéria quando usam a imagem reportagem mostram a data como 2011. Na outra reportagem é possível ver nos créditos final o ano de 2009.

³⁶ Aldir Blanc também é o compositor da música c

matéria. É uma história de superação, sobre como um time de futebol indígena se tornou profissional e como a prática do futebol é “benéfica” para a sociedade indígena.

O vídeo segue no campo, no jogo de estreia do Gavião no futebol profissional, mostrando a torcida e dando closes dos corpos dos jogadores pintados e entrando de mãos dadas em campo, cantando o hino do Brasil.

Imagem 28 – Imagem close do jogador indígena



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 29 – Imagem dos rostos dos jogadores indígenas



(Fonte: www.youtube.com)

Depois do *off* “para entender essa história é preciso voltar na aldeia” há um deslocamento espaço temporal e as imagens passam a mostrar o território indígena. Esse

recurso cria duas temporalidades, aquele que se refere à Aldeia, um tempo outro, e o tempo agora correspondente ao futebol profissional.

O recurso ao mapa do território indígena é usado para anunciar esse outro lugar, ele mostra a localização da Terra Mãe Maria e sua distância de 40km da cidade de Marabá. Esse discurso do outro tempo, também é encontrado na segunda matéria do Esporte Espetacular de (2011, EE2).

Imagem 30 – Imagem Mapa para localizar o lugar da Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 31 – Imagem Mapa para comparar o tamanho da Reserva Indígena Mãe Maria com o tamanho do campo de futebol.



(Fonte: www.youtube.com)

No programa EE2 off e imagens mesclam a características da cidade de São Paulo e a Aldeia Kyikatejê. Ao se referir à cidade imagens aceleradas, pessoas agitadas. Ao falar sobre a Aldeia, calma, sossego, natureza. A fala do repórter destaca que entre São Paulo e a Aldeia “tem muita pouca coisa em comum” e coloca o futebol como o lugar de encontro.

O vídeo de 2014 (EE3) usa imagens da matéria de 2011 e é esse o recurso usado para mostrar o tempo outro. Rememoram as imagens e o discurso da matéria de 2011, imagens dos indígenas ao por do sol dançando, natureza e o recurso do mapa. Mas agora o Gavião Kyikatejê é tratado como um campeão. Chegou à elite do futebol paraense.

Verificamos que além das regularidades há também dispersões nos enunciados presentes nos vídeos. Em todas as materialidades se fala do Gavião Kyikatejê, entretanto apenas uma se refere a outro time: Estrela do Norte. Clube de futebol amador da Aldeia Parkatejê, também localizada na Terra Mãe Maria. Uma das possibilidades para o aparecimento desse time é que o Estrela do Norte disputou a final do campeonato amador de Marabá e foi campeão no mesmo dia em que o Gavião Kyikatejê estreou no futebol profissional com derrota. Nesse time também jogava o filho do Zeca Gavião.

O futebol é mostrado como um articulador entre o mundo dos indígenas e a sociedade moderna nas três materialidades. E os personagens mais regulares nos vídeos são o presidente Zeca Gavião, o jogador Aru, o Preparador físico Primo e jogadores não indígenas.

As mulheres da Aldeia nas três matérias são abordadas só pela pintura, pelo banho de água depois da corrida de torá, pela cozinha e como torcedoras. O futebol feminino na Aldeia Kyikatejê é tão praticado quanto o masculino, possuindo também uma clube Gavião Kyikatejê Feminino, como foi abordado pela matéria do SporTV Repórter (2014). De qualquer forma, há um certo silenciamento do papel feminino no futebol indígena. Apenas uma das matérias faz essa referência ao time feminino, enquanto as outras relegam as futebolistas mulheres ao silenciamento, sendo elas colocadas no escopo do trabalho doméstico.

Outra recorrência identificada é o esporte tratado como referência de modernidade. Os frames dos vídeos iniciais das matérias usam a passagem de imagem e off para criar uma separação da tecnologia com as tradições do indígena, a sequência das

imagem construí uma ideia “evolutiva”. Sendo assim, o futebol é visto como um elemento de progresso, ao lado de aparatos tecnológicos.

A presença da tecnologia ganha destaque como algo inédito. No vídeo há uma sequência de imagens que muda do indígena estereotipado, até eles trajados como não indígenas, lembrando a imagem das sociedades marginalizadas do norte: seringueiros, quilombolas...

Imagem 32 – Imagem de dentro de uma casa na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.globo.com)

Imagem 33 – Imagem de dentro de uma casa na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.globo.com)

Imagem 34 – Imagem de dentro da escola na Aldeia Kyikatejê



(Fonte: www.globo.com)

Off e sonoplastia percussiva, aliados a imagem criam a sensação de uma história linear “darwinista”, remetendo ao discurso que o indígena “evoluído” é o tecnológico, com roupas comuns, enquanto que aquele que ainda insiste nas práticas culturais indígenas é atrasado. Ou seja, para o indígena ser incluído socialmente ele precisa mudar a sua aparência.

As imagens passam por uma significativa mudança nos discursos geralmente ativados nas redes de memória. Na sequência das imagens o corpo indígena vai perdendo a sua imagem mais estereotipada então surgem outros elementos dispersos como: carro, casa de alvenaria, computador, caixa d’água, antena parabólica, escola, equipamentos elétricos, utensílios de cozinha.

Antes de falar sobre futebol as matérias fazem um panorama “civilizatório” para falar da prática do esporte na aldeia. Esses são os primeiros indícios de que nas narrativas construídas pela matéria o futebol será abordado como forte elemento da “evolução” da sociedade indígena.

São imagens não presentes na representação indígena na grande mídia, entretanto o modo como elas são mostradas remetem a outros discursos também utilizados pelas narrativas da mídia no discurso dos marginalizados socialmente, no qual o acesso à tecnologia e educação são um diferencial e uma conquista.

Nessa sequência de imagens, a fala da repórter destaca uma ideia de novidade: “Parece que não é nada daquilo que se possa imaginar: as casas têm paredes e dentro

delas tem computador, internet, Tv. Nas garagens se estaciona o carro, na igreja se reza e na escola se aprende a contar.”

É dentro desse conjunto de elementos tecnológicos que o futebol aparece, mostrado como um negociador do processo “tradição vs modernidade”, mais que isso, o mediador desse “avanço”. Ao mesmo tempo, o vídeo aborda essa dualidade na aldeia e distância a imagem dos Kyikatejê das outras sociedades indígenas. O Apresentador anuncia o vídeo como “história impressionante”, com isso cria a ideia que essa aldeia é uma exceção.

A matéria “O futebol dos Índios”, exibida pelo programa “A Liga”, inicia com o apresentador Altair Gonçalves, conhecido como Thaíde, caminhando em uma estrada em direção à aldeia da sociedade indígena Kyikatejê. É noite. Thaíde, bastante apreensivo com a dificuldade para chegar ao seu destino, fala diante da câmera: “Estamos no meio do nada, em plena floresta amazônica e não sabemos a que horas vamos chegar”. Neste momento, a câmera focaliza em primeiro plano o rosto de Thaíde, ao redor, apenas escuridão. Esta imagem provoca efeitos de sentidos nos telespectadores. O discurso presente nesta cena mostra que, para se chegar a uma aldeia indígena, é necessária uma verdadeira excursão. É uma aventura, cheia de perigos e imprevisibilidade.

Observamos a recorrência de outro enunciado: o indígena representando o perigo. Ao chegar à aldeia, o apresentador Thaíde é recebido por um grupo de indígenas que seguram arcos e flechas nas mãos. O diálogo entre o repórter e o grupo simula aos telespectadores que não houve uma conversa prévia entre os Kyikatejê e a produção do programa, para a gravação desta matéria. As imagens e os diálogos propõe ao telespectador que o cacique não sabe da chegada da equipe e, por isso, ela não será bem-vinda.

Os elementos que compõem esta cena da chegada de Thaíde à aldeia indígena - imagem, diálogos e trilha sonora, que evoca as músicas presentes nos filmes de suspense que povoam a nossa memória coletiva (CARVALHO, 2015) – provocam nos telespectadores a sensação de que o apresentador pode ser “atacado” a qualquer momento.

Como chegou tarde da noite, Thaíde vai dormir na aldeia para acompanhar, no dia seguinte, o treino do time Gavião Kyikatejê. A cena em que o apresentador está deitado para dormir é construída da seguinte forma: Thaíde focaliza o seu rosto com uma

lanterna, ao redor só há escuridão. Em um tom apreensivo, ele fala: “estou tentando dormir, mas está bem difícil. Agora a minha preocupação é cumprir bem as tarefas que os indígenas vão colocar para eu cumprir amanhã”. O discurso do medo é, mais uma vez, atualizado pelo processo de intericonicidade, já que a cena rememora ao contexto do filme “A bruxa de Blair”.

A matéria não destaca a tecnologia, mas em diferentes imagens identificamos indígenas com câmera de filmar e celular dentro e fora do cotidiano da Aldeia. Quando os jogadores estão reunidos em uma sala na Aldeia, também podemos visualizar computador, projetor, fone de ouvido.

Nessa perspectiva as matérias mostram o cotidiano indígena em discursos que representam a aldeia como um lugar rodeado por natureza e sem pressa. O futebol é mostrado como avanço para a Aldeia e junto com ele, a tecnologia. Eles introduzem um novo jeito de viver na Aldeia Kyikatejê.

3.5 TREINAMENTO INDÍGENA: FORÇA VS TÉCNICA

Os esportes das práticas cotidianas da aldeia kyikatejê foram incluídos no treinamento do Clube de futebol e essa é outra regularidade nos vídeos analisados. Esse enunciado reforça a ideia do diferente. O treinamento indígena aparece como destaque nas falas dos apresentadores e nas descrições dos programas. Esse treinamento é abordado em dois momentos, o comum e o indígena. Três sujeitos são acionados nessa questão: o cacique, o preparador físico e o guerreiro. Prekruti é o indígena responsável pelo treinamento das praticas esportivas indígenas. A imagem de Prekruti aciona nas nossas redes de memória a ideia do guerreiro indígena com arco e flecha na mão, não civilizado, que fala outra língua.

No Esporte Espetacular (2011, EE2) Prekruti aparece de chinelo, usando bermuda da Seleção do Brasil, sem blusa, cantando e atirando flechas e bambus nos jogadores. É também mencionado como o responsável pelas toras. Chamado de guerreiro, Prekruti não é entrevistado, mas quando é possível ouvir sua voz, ele fala na língua Jê.

O frame do treino começa com o treino convencional: passe de bola, treino de agilidade com cones, ilustrando o *off* do repórter “hora do treino, trabalho duro”. As imagens mudam para o treino não convencional e o repórter continua “Já no aquecimento, a cultura local invade o campo, corrida com varas e o guerreiro Prekruti

entra em ação, para melhorar o reflexo dos jogadores ele lança bambus, (pausa para a imagem do Prekruti cantando em Jê) atira flechas”.

Essa recorrência do Prekruti também aparece no portal de notícias UOL. O frame de imagem inicia com Zeca Gavião sendo entrevistado no campo de futebol da Aldeia, os jogadores aquecendo atrás. Após contar a história de formação do clube, são mostradas sequências de imagens do clube jogando a segunda divisão do paraense. Volta para a entrevista e Zeca anuncia: “chegou o guerreiro para fazer a demonstração pra vocês”.

O Guerreiro é mostrado com arco-flecha, bastões, e entra a imagem dele cantando com o áudio. Vestido com camiseta Nike, descalço e bermuda jeans, chaves penduradas, no pulso uma pulseira indígena, na cabeça um cocar de palha. Mais uma vez, Prekruti não tem voz.

A imagem de Prekruti, quando acionada, serve para compor o conjunto do treinamento indígena. Nossas redes de memória tendem a reafirmar o discurso colonizador sobre as práticas esportivas dos indígenas. Ao falar do treinamento indígena, as falas do repórter do site do uol: “invade”, não tem treinador é um guerreiro, inflamar um canto numa língua diferente, antes de “atirar”. É a imagem associada ao indígena selvagem.

Nos vídeos pesquisados só encontramos um programa no qual Prekruti ganha voz. Na matéria apresentada pelo Globo Esporte Pará (2011), Rony Rocha diz: “antes de terminarmos a matéria um representante da aldeia resolveu agradecer nossa presença”. Prekruti, não identificado, fala na língua Jê, e as legendas mostram: “eu gostei que vocês vieram filmar nós, jogador e o povo que tá no meio. Gostei, muito importante pra mim”.

Outra memória é acionada na imagem de Prekruti, do indígena como aquele que não sabe se expressar, não fala corretamente a língua portuguesa. Esse é um discurso inserido nas nossas redes de memórias que nos remetem a outras materialidades audiovisuais que trazem essa característica do sujeito indígena.

O discurso de que o sujeito indígena não fala corretamente a língua portuguesa está bastante instituído entre nós. Enunciados como “mim quer”, “mim vai”, recorrente em desenhos animados e filmes em que personagens indígenas aparecem, são atribuídas como a forma errada, engraçada, com que um indígena se comunica. Este discurso nos acompanha desde a infância.

Quando as crianças enunciam falas como “para mim comprar”, podem ser repreendidas por pessoas com um razoável nível de instrução, com a seguinte afirmação: “Quem fala “mim” é índio!” (CARVALHO, 2014, p. 82).

Como, por exemplo, telenovelas, filmes, animações. No desenho Turma do Pica-Pau no episódio “indiozinho caçador”, postado no Youtube em 18 de Outubro de 2007. O personagem do indígena fala “Mim vai caçar, mim vai caçar urso cinzento”.

Imagem 35 – Imagem do desenho Indiozinho Caçador da Turma do Pica Pau.



(Fonte: www.youtube.com)

Imagem 36 – Imagem do indígena Prekruti na Aldeia Kyikatejê.



(Fonte: www.globo.com)

Os discursos sobre o indígena não saber falar corretamente remete a ideia do sujeito não civilizado, não educado, não catequizado. Esse discurso também é recorrente quando a mídia aborda outras sociedades marginalizadas, no Brasil até mesmos os sotaques de determinada região são vinculados à falta de educação.

Em outra materialidade, a revista Trip de 11 de setembro de 2009 é citado uma qualificação de Prekruti não mencionada nos vídeos: “Prekruti, como Kykyrê, não sabe a

idade que tem. Mas é um velho guerreiro respeitado por sua habilidade com o arco e flecha, campeão nacional nos Jogos Indígenas” (revista Trip, “Toras e Bolas” 2009).

O treino indígena aparece como práticas “ritualísticas” que ajudam no reflexo e na força, ignorando a técnica. No entanto sabemos que algumas práticas esportivas indígenas podem ser vistas em modalidades olímpicas, e nesse cenário são abordadas também pelas técnicas.

No site das Olimpíadas do Rio 2016, encontramos: canoagem slalom, hóquei sobre grama, tiro com arco, canoagem velocidade, remo, atletismo, luta livre. Todas essas práticas estão também nos Jogos Mundiais Indígenas (2015). Não possuem as regras que conhecemos, mas a prática esportiva possui discursos muito próximos aos das práticas esportivas indígenas.

No vídeo do Globo Esporte Pará (2011) o treino indígena é mostrado como uma aposta para preparação física, mas ressalta a ideia de acontecer em um lugar inusitado: “aposta na preparação física e ela não começa dentro de campo não, é assim dentro da mata. É isso mesmo, os jogadores correm na floresta se revezando com pedaços de madeira”.

Na continuação desse frame imagens dos indígenas em círculo, cantando e dançando e o áudio “na chegada, pra agradecer, dança ao estilo indígena”, acionam memórias da celebração, como se todas as práticas indígenas estivessem ligadas ao misticismo e à espiritualidade.

Nos vídeos, é durante a abordagem do treinamento indígena que os personagens não indígenas ganham voz na figura do preparador físico Primo, o Técnico Jaime nos vídeos de 2014 e os jogadores não indígenas. Zeca Gavião é sempre lembrado como essencial para esse processo.

No SporTV Repórter, ao abordar o treinamento não convencional. A imagem de Vitor Jaime, o técnico na época falou: “quando eu cheguei o Zeca pediu que eu adaptasse meu treinamento a cultura indígena, que eu não podia fugir muito, então a gente teve que adaptar a corrida de tora na preparação física. A caça, a flecha, então pra mim foi novidade no meu trabalho”.

O programa A Liga, não aciona esse enunciado e nem o recurso da mescla de imagens antes de entrar na questão do futebol, mas recorre a outros discursos coloniais para abordar o futebol indígena – referente à ideia de perigo. Apesar da matéria se propor

a mostrar o treinamento do Gavião Kyikatejê, a maior parte da matéria mostra o lado ritualístico da aldeia.

Apesar de nas matérias o destaque ser das práticas indígenas nos treinamentos, nos vídeos, Jaime ressalta os treinos como parte da preparação dos jogadores, mas nunca com a principal estratégia, mas uma atividade complementar. A ideia de ser um bom investimento para o trabalho de força e explosão dos jogadores é também reafirmado pelo treinador Primo.

Em geral, os jogadores não indígenas são perguntados sobre suas impressões sobre o treinamento e o convívio na Aldeia. As respostas falam que práticas indígenas são vistas como diferentes, mas aceitas por todos e pensada de uma forma positiva para a preparação dos jogadores. No entanto esse treinamento aciona outra regularidade sobre o discurso do indígena, o sujeito do trabalho braçal e não intelectual. Nos programas os indígenas são discursivizados com foco na força física, essas recorrências nos remetem a imagem de um indígena como um sujeito bobo e, portanto, desprovido de capacidades intelectuais.

O enunciado presente na reportagem do SporTv: “entenda porque a força é o elemento principal dessa aldeia, entre os homens e as mulheres”, se inscreve neste discurso do indígena como detentor da força física e não intelectual.

O homem ocidental é o detentor das estratégias no futebol, ele que é o responsável por levar essas técnicas para a Aldeia. Entendemos os discursos acionados por essa imagem como uma releitura do mito de Prometheus, um titã defensor da humanidade e que roubou o fogo de Héstia para os mortais. Nesse caso os mortais seriam os indígenas e o titã o não-indígena.

A palavra Kupa é acionada nas materialidades, pertencente a língua Jê falada pelos Kyikatejê e quer dizer não-indígena. Os vídeos utilizam da linguagem do outro, no caso do indígena, para marcar o seu lugar no processo alteritário, a diferença é acedida pelo uso da língua indígena, a língua do outro.

No Esporte Espetacular, em 2014, Edson Viana falando sobre os jogadores brancos, que agora eram maioria: “Depois de vinte anos enfim o time chegou a elite do campeonato paraense, mas pra isso teve que se reinventar, o cacique abriu mão, por enquanto de ter uma maioria de índios no elenco, e o kupa como é chamado o homem

branco por aqui tem que se acostumar com as tradições da tribo, algumas são bem pesadas.

No SporTV: “Eles tentaram começar sozinhos, mas depois chamaram os brancos para ajudar, chegaram há quatro anos e vieram de vez, como mala e vontade de viver de outro jeito. A ideia desse cacique parecia que não ter como dar errado: um trás a técnica o outro ensina a guerrear. E nem é maneira de dizer: é assim que eles nasceram, é assim que eles vão sempre se sentir, é agora que eles e elas tem mais um lugar para ocupar.”

No SporTV Repórter, o apresentador Bruno Santos No interior do Pará a tribo Kyikatejê formou o primeiro time de futebol indígena profissional do país. Inicialmente formada só por índios, a equipe precisou de reforços e chamou jogadores brancos. Os off são reforçados pela imagens, por exemplo, quando a repórter no off fala: “brancos de toda parte”, aparece a imagem do treinamento do time; quando ela fala “e indígenas da aldeia Kyikatejê” aparece a imagem de indígenas atirando com arco e flecha, pintados, do ritual. Reforçam a memória colonial construída historicamente

O futebol como vimos, é mostrado como um intermediador entre a cultura indígena e a “modernidade”, aliado das tecnologias e ao processo de “evolução”. No entanto, percebemos nos programas a necessidade de enfatizar que os Kyikatejê “não deixam sua cultura de lado”.

O SporTV Repórter é o único a abordar que houve uma separação na Aldeia. Por conta do futebol, alguns indígenas que não aceitavam se mudaram para um novo lugar. O programa que cria o Zeca gavião como um “herói”, aponta essa como mais uma das dificuldades que o cacique teve que superar: “com uma história impressionante. A repórter Manuela Franceschini foi até a Amazônia conhecer a ideia de um cacique apaixonado por futebol, mudou a vida de uma aldeia indígena”.

Nossa análise, observa como ao mesmo tempo os discursos afirmam que o futebol é “evolução”, reafirmam a cultura tradicional, assim, protegendo o esporte e recorrendo aos estereótipos para produzir o discurso. Em todos os quatro vídeos analisados o treinamento indígena é mencionado para falar do futebol indígena é recorrente a ênfase no não abandono da cultura local.

O futebol é mostrado como um elemento desconhecido dos indígenas, como uma modificação de costumes foi o gancho das chamadas das matérias da mídia nacional. A

novidade da matéria é justamente “o indígena” jogando futebol. Essa é uma regularidade nos discursos usada pelos apresentadores desde as chamadas das matérias.

Nos primeiros discursos das chamadas das matérias nacionais notamos o futebol sempre tratado como interferência cultural, uma prática fora da cultura da aldeia, à parte das tradições antigas dos indígenas, essas são estratégias de visibilidade. Entretanto, se buscarmos outras ocorrências, perceberemos o futebol é uma prática bem próxima dos indígenas, bem difundida nas sociedades indígenas e possuem um lugar garantido no cotidiano de diferentes etnias.

O futebol, com as regras atuais, não nasceu na cultura indígena, assim como não nasceu na cultura brasileira. Se para ser considerado costume de um grupo, o futebol precisasse nascer dele, o esporte só seria tradicional da/na cultura inglesa. Mesmo na Inglaterra, outros discursos construíram o aparecimento do futebol. No Brasil, por exemplo, sem a presença dos negros para a construção do discurso sobre futebol é possível que outros discursos tivessem emergido sobre o modo de jogar brasileiro.

Na sociedade circulam discursos de outras práticas esportivas no futebol, e os discursos do futebol de campo circulam por outras práticas esportivas, ocasionadas por meio da apropriação cultural de diferentes hábitos sociais, como: o futebol de areia e o futevôlei.

Como vimos nos programas nacionais o espaço para falar sobre o clube de futebol indígena, a modalidade esportiva acaba sendo um plano de fundo, dão mais ênfase nas questões da cultura indígena. As narrativas tradicionais de visibilidade sobre o indígena, ligados a questão do exótico.

As sociedades indígenas possuem diferentes práticas esportivas no seu cotidiano. Arco-flecha, dança, caça, canoagem são os esportes de mais visibilidade nos dispositivos sociais e por isso os constantemente ativados nas nossas redes de memórias, mas existem outros discursos.

Os Jogos Mundiais Indígenas reconhece 25 modalidades esportivas. Divididas entre as modalidades de competição (10), modalidades tradicionais demonstrativas (11) e da modalidade de luta (4). O evento é organizado pelo Comitê Intertribal Indígena, com apoio do Ministério do Esporte.

A última edição, 2015, aconteceu em Palmas, entre os dias 6 e 8 de novembro. Conforme o site do Ministério do Esporte³⁷, a 12 edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas contou com cerca de 1,6 mil representantes indígenas de 48 etnias brasileiras e a representação de 18 países.

Ainda na página do Ministério sobre os Jogos Mundiais indígenas encontramos as descrições das modalidades tradicionais. Quatro destas modalidades para serem explicadas no texto recorrem ao futebol, como mostra o site: Katuwaywa “espécie de futebol em que o ‘chute’ é feito com o joelho; Kikunahaty (Zigunahiti) “espécie de ‘futebol de cabeça’, Jawari “é jogado com 15 ou mais atletas de cada lado, em campo aberto de tamanho similar ao do futebol”; Kagot “é uma atividade com flecha, jogada com 15 ou mais atletas de cada lado, em campo aberto do tamanho similar ao do futebol”; Ronkrã “esporte coletivo, semelhante ao hóquei sobre grama, é jogado num campo similar ao futebol” Murad (2012) fala de um registro de um esporte praticado por indígenas, também parecido com o futebol, o Matanaaríti na América do Sul que datam de 1000 a.C.

Esses dados nos dão suporte para pensar os costumes e hábitos indígenas com um vasto campo simbólico para apropriação do futebol. Além dos esportes comparáveis com futebol, muitos outros recorrem a habilidades indispensáveis para o futebol, como: agilidade, força, precisão e cooperativismo.

No site do youtube, encontramos outras referências ao futebol praticado por índios. Nesses outros vídeos dispersos encontramos uma seleção brasileira de indígenas, no Mato Grosso a seleção indígena de futebol, formada em 1991, por um funcionário da FUNAI. Em 2014, indígenas de Goiás se reuniram e disputaram um amistoso com o Brasília Futebol Clube, no dia do índio, no Estádio Mané Garrincha.

³⁷ Fonte:

<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/jogos-indigenas/modalidades>

CONCLUSÃO

Quando começamos a fazer essa pesquisa tínhamos o objetivo de investigar como os discursos sobre a relação entre o futebol e as sociedades indígenas circulam nos produtos audiovisuais. Elegemos como materialidades midiáticas vídeos que abordavam o clube Gavião Kyikatejê, primeiro time indígena profissional de futebol do Brasil.

Ao longo da pesquisa encontramos várias fontes de informação que faziam referência aos Kyikatejê nos meios televisivos, impressos e virtuais. Para a escolha do corpus definimos que seriam os conteúdos audiovisuais que abordassem o clube de futebol profissional masculino Gavião Kyikatejê e que trouxesse a presença da Aldeia Indígena e de suas personagens.

Encontramos 12 vídeos disponíveis na internet que abordavam o futebol indígena. Eles compunham o nosso corpus de análise. Entretanto, quatro conteúdos audiovisuais foram selecionados como foco principal da pesquisa: duas matérias do Esporte Espetacular (2011), uma matéria do Portal de Notícias do Uol (2011), o programa do SporTV Repórter (2014) e uma matéria do Programa A Liga (2014). Em todos esses vídeos o Gavião Kyikatejê é mostrado na Aldeia e também dentro do campo de futebol.

O método arqueológico de Michel Foucault nos auxiliou a perceber os discursos que circulam nessas materialidades e suas recorrências e dispersões com os outros vídeos que encontramos. Dentre os discursos que identificamos estão o da imagem do indígena como diferente ao futebol. Nas matérias, a imagem do clube Gavião Kyikatejê é sempre tratada como um fator inusitado, diferente do cotidiano “esperado” do indígena. Identificamos a recorrência do futebol como uma ferramenta civilizatória. Observamos, também, que nestas matérias irrompem discursos de que o futebol praticado pelos indígenas exige força, mas não exige técnica. As matérias também recorrem a discursos que tomam o indígena como um sujeito exótico e que vive em um território distante. Os discursos coloniais que tratam o indígena como parados no tempo e alheios ao mundo moderno também estão presentes nas matérias que falam sobre o futebol praticado por sociedades indígenas.

Além disso, é importante frisar que, ao longo de nossa pesquisa, encontramos poucos trabalhos acadêmicos que tratam sobre a relação entre o futebol e as sociedades indígenas. As poucas encontradas foram desenvolvidas nos campos da Antropologia,

Educação e História. Portanto, verificamos que há um silenciamento, no campo da comunicação, na produção de pesquisas que tratem do futebol no cotidiano de sociedades indígenas e os discursos que emergem sobre essa prática esportiva entre os povos indígenas na mídia. Portanto, entendemos que esta pesquisa preenche uma lacuna no campo comunicacional sobre o tema futebol e sociedades indígenas.

REFERÊNCIAS

BERGER, Charles R.; CRAIG, Robert T.; MARTINO, Luiz Claudio. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BHABA, Hommi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

BRAGA, José Luiz. **Dispositivos Interacionais**. XX Encontro da COMPÓS. Porto Alegre, 2011.

BRAGA, José Luiz. **Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação**. Revista Contracampo. N. Especial. 2004.

BUENO, Wilson. **Os grupos de pesquisa em comunicação e esporte no Brasil: perfil, produção e focos de interesse**. Organicom (USP), v. 6, p. 47-66, 2011.

CARVALHO, Vívian. **O Indígena na Telenovela Brasileira: Discursos e Acontecimentos**. Dissertação de mestrado [mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia]. Belém, UFPA, 2015. 111 pg.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano (Vol 1): artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CORRÊA, Maurício Neves. **Os Akewara e a Mídia: relações de poder, cultura e mediação**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, 2013.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Ed Perspectiva, 2002. (3ª reimpressão da 2ª edição).

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o Corpo: Pensar com Foucault**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens são afetadas na circulação? *In* BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; NETO, Antonio Fausto; GOMES, Pedro Gilberto (Orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2014

FERREIRA, Marina Baird; DOS ANJOS, Margarida; FERREIRA, Elza Tavares... (Et al). **Minidicionário da língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993. Terceira edição.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 2013.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FRANÇA, Vera; Oliveira, Luciana de (Orgs.). **Acontecimento: Reverberações**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

_____. **L. Quére: dos modelos da comunicação**. In Revista FRONTEIRAS. Estudos Midiáticos. Vol. V, n 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003

_____. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H. MEAD. In PRIMO, Alex et al. (org.). **Comunicação e interações**. Porto Alegre, Sulina, 2008.

_____. **Paradigmas da comunicação: conhecer o que?** In: X Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília- DF. Compós, 2001.

GASTALDO, Édison. **A recepção coletiva de futebol midiaticizado: apontamentos etnográficos**. In XIV Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Niterói- RJ. Compós, 2005.

_____. **A arquibancada eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil**. In XIII Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, São Bernardo do Campo- SP. Compós, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2ªed. São Carlos: Claraluz, 2006.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. Brasiliense, 1ª edição, 1990.

_____. **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro, Mauad, 2007 (2ª edição, 2001 (1ª edição).

_____; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

_____. **Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 11-37, 2011.

LEAL, Pedro Paulo dos Santos. **Presença Indígena na Internet: exclusões, convergências e o akewara.blogspot.com**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, 2013.

LIMA, Regina L. A; GADELHA, Dilermando. Colonialismo - recorrências e dispersões no discurso do audiovisual amazônico. in: **LOGOS - Comunicação e Universidade**, v. 22, n. 1, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/19555>. Acesso em 05 de fevereiro de 2016.

- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6 ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2009.
- MARTINO, Luiz C. **História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional**. Revista E-Compós, edição 1, 2004.
- MONARCHA, Helen. **Redes Sociais e Sociedades Indígenas: entre dígitos e jenipapo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, 2012.
- MURAD, Mauricio. **Para entender a violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- NEVES, Ivânia dos Santos. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- SENA, Arcângela Auxiliadora Guedes. **O Indígena Notícia na TV Liberal: corpos de memórias coletivas**. Dissertação de mestrado [mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia]. Belém, UFPA, 2015. 109 pg.
- SILVA, Joel Pantoja. **Memórias Tupi em Narrativas Oraís no Rio Tajapurú - Marajó das Florestas – PA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, 2013.
- TELLES, Márcio; Silveira, Fabrício. **O espetáculo do futebol: experiência estética e experiência midiática**. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais XXXIV Intercom. Quem tem medo de pesquisa empírica? Recife: Intercom, 2011.
- _____. **A recriação dos tempos mortos do futebol pela televisão: molduras, moldurações e figuras televisivas**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação. Porto Alegre: UFRGS, 2013.
- TOCANTINS, Raimundo. **Mulheres Indígenas no Facebook: corpos, intericonicidade e identidades**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, 2013.
- WITTER, J. S. **O que é Futebol** (Coleção Primeiros Passos, 237). São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. 66p.